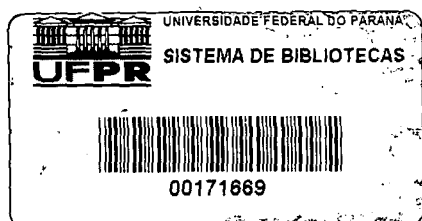


REGINA ROTENBERG GOUVÊA



COMUNIDADE JUDAICA EM CURITIBA
(1889 - 1970)

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

1980

REGINA ROTENBERG GOUVÊA

COMUNIDADE JUDAICA DE CURITIBA — 1889-1970

Dissertação apresentada para
obtenção do título de Mestre
em História do Brasil, opção
História Demográfica.

CURITIBA

1980

SUMÁRIO

	Página
Lista de gráficos	iv-v
Lista de tabelas	vi
Lista de mapas	vii
Lista de anexos	viii-xii
INTRODUÇÃO	1-5
Capítulo 1 - METODOLOGIA	6-22
1.1. Crítica das fontes	7-18
1.2. Métodos e técnicas	18-22
Capítulo 2 - A IDENTIDADE DO JUDEU	23-37
2.1. Raça e judaísmo	26
2.2. Nacionalidade	27-29
2.3. O anti-semitismo e a dinâmica comunitária	29-31
2.4. O judeu em Curitiba	32-37
Capítulo 3 - HISTÓRICO DA COMUNIDADE	38-52
3.1. Imigração no Estado Novo	42-44
3.2. Primeiros imigrantes em Curitiba e suas instituições	44-52
Capítulo 4 - ASPECTOS DA MOBILIDADE	53-73
4.1. A imigração	53-62
4.2. Mobilidade ocupacional	62-67
4.3. Mobilidade domiciliar	67-73

	Página
Capítulo 5 - ESTADO E MOVIMENTO DA POPULAÇÃO	74-106
5.1. Distribuição etária	80-89
5.2. Comparação com a população do Estado do Paraná	89-93
5.3. Taxas geométricas de crescimento	93-96
5.4. Aspectos da mortalidade	97-101
5.5. Nupcialidade e família	102-106
Capítulo 6 - NUPCIALIDADE E MISCIGENAÇÃO	108-118
CONCLUSÕES	119-122
REFERÊNCIAS	123-130
Fontes manuscritas	124-125
Referências bibliográficas	125-130
ANEXOS	131-172

LISTA DE GRÁFICOS

	Página
1. Origem dos imigrantes da comunidade judaica de Curitiba - 1889-970(%)	55
2. Imigrantes da comunidade judaica de Curitiba, por período de chegada em Curitiba - 1889-970 (%)	60
3. Imigrantes da comunidade judaica de Curitiba, por período de naturalização - 1889-970 (%) .	60
4. Evolução do comportamento da população economicamente ativa, por sexo e ocupação. Comunidade judaica de Curitiba - 1930-970 (%)	68
5. Evolução da população da comunidade judaica de Curitiba - 1930-970	78
6. População da comunidade judaica de Curitiba - 1930	81
7. População da comunidade judaica de Curitiba - 1940	83
8. População da comunidade judaica de Curitiba - 1950	85
9. População da comunidade judaica de Curitiba - 1960	88
10. População da comunidade judaica de Curitiba - 1970	90

11. Participação por faixa etária no total das populações da comunidade judaica de Curitiba e do Paraná - 1940, 1950, 1970 (%)	92
12. Evolução das taxas geométricas anuais de crescimento da população judaica de Curitiba - 1930-70	94
13. Evolução comparativa das taxas geométricas anuais de crescimento da população total - 1940-70 (%)	96
14. Idade média dos noivos da comunidade judaica de Curitiba - 1889-970	103
15. Tipos de casamentos realizados na comunidade judaica de Curitiba - 1889-970 (%)	110
16. Origem dos casais pesquisados da comunidade judaica de Curitiba - 1889-970 (%)	111

LISTA DE TABELAS

	Página
1. Participação da população da comunidade judaica no total de Curitiba e Paraná (%)	76
2. Razão de masculinidade. Comunidade judaica de Curitiba - 1889-970	79
3. Taxas geométricas anuais de crescimento por períodos, segundo faixas etárias. Comunidade judaica de Curitiba - 1930-70 (%)	86
4. Número de óbitos por períodos, segundo faixa etária. Comunidade judaica de Curitiba	98
5. Percentual de óbitos sobre o total, segundo a faixa etária. Comunidade judaica de Curitiba - 1889-970	99
6. Óbitos declarados segundo a causa mortis - 1945-70	101
7. Distribuição dos casais, segundo número de filhos. Comunidade judaica de Curitiba - 1889-970	104
8. Casamentos realizados em Curitiba, por períodos, segundo o tipo. Comunidade judaica de Curitiba - 1889-970	113
9. Freqüência de casamentos interétnicos na comunidade judaica de São Paulo. 1968	117

LISTA DE MAPAS

	Página
1. Mapa da Polônia	57
2. Bairros de Curitiba - 1979	72
3. Localização das famílias israelitas nos bairros de Curitiba - 1930, 1945, 1970	73

LISTA DE ANEXOS

	Página
1. Número de imigrantes por sexo e período de chegada em Curitiba, segundo local de nascimento. Comunidade judaica de Curitiba - 1889-1970.	132
2. Percentual de imigrantes por período de chegada em Curitiba, segundo local de nascimento. Comunidade judaica de Curitiba - 1889-1970	133
3. Distribuição dos imigrantes por período de naturalização e chegada em Curitiba. Comunidade judaica de Curitiba - 1889-1970	134
4. Distribuição dos imigrantes por períodos de chegada e sexo, segundo o tempo de naturalização. Comunidade judaica de Curitiba -1889-1970	135
5. Distribuição da população economicamente ativa, por sexo e ocupação. Comunidade judaica de Curitiba	136
6. Classificação da população por sexo, segundo o grupo de idade. Comunidade judaica de Curitiba	137
7. Localização dos domicílios por família, segundo os bairros. Comunidade judaica de Curitiba	138

	Página
8. Localização das famílias israelitas nos bairros de Curitiba - 1935	139
9. Localização das famílias israelitas nos bairros de Curitiba - 1945	140
10. Localização das famílias israelitas nos bairros de Curitiba - 1970	141
11. População total por localidade, segundo os anos - 1940-70	142
12. População total por sexo e ano, segundo a faixa etária. Comunidade judaica de Curitiba - 1930-70	143
13. Participação percentual por faixa etária no total da população. Comunidade judaica de Curitiba	144
14. População do Paraná por sexo e faixa etária .	145
15. Participação percentual por faixa etária no total da população do Paraná	146
16. Taxas geométricas anuais de crescimento do total da população, por sexo e períodos - Comunidade judaica de Curitiba - 1930-70	147
17. Taxas geométricas anuais de crescimento da população total por períodos e localidade - 1940-1970	148
18. Idade dos noivos por ocasião do casamento realizado em Curitiba. Comunidade judaica de Curitiba - 1889-929	149

19.	Idade dos noivos por ocasião do casamento realizado em Curitiba. Comunidade judaica de Curitiba - 1930-44	150
20.	Idade dos noivos por ocasião do casamento realizado em Curitiba. Comunidade judaica de Curitiba - 1945-59	151
21.	Idade dos noivos por ocasião do casamento realizado em Curitiba. Comunidade judaica de Curitiba - 1960-70	152
22.	Idade média dos noivos por ocasião do casamento realizado em Curitiba. Comunidade judaica de Curitiba - 1889-970	153
23.	Idade dos noivos por ocasião do casamento realizado fora de Curitiba. Comunidade judaica de Curitiba - 1889-929	154
24.	Idade dos noivos por ocasião do casamento realizado fora de Curitiba. Comunidade judaica de Curitiba - 1930-44	155
25.	Idade dos noivos por ocasião do casamento realizado fora de Curitiba. Comunidade judaica de Curitiba - 1945-59	156
26.	Idade dos noivos por ocasião do casamento realizado fora de Curitiba. Comunidade judaica de Curitiba - 1960-70	157
27.	Idade média dos noivos por ocasião do casamento realizado fora de Curitiba. Comunidade judaica de Curitiba - 1889-970	158

28. Número de nascidos vivos registrados em Curitiba, por sexo e ano. Comunidade judaica de Curitiba - 1889-970	159
29. Total de casais pesquisados, por sexo, segundo local de nascimento. Comunidade judaica de Curitiba - 1889-970	160
30. Número de casais pesquisados, por sexo e local de nascimento. Comunidade judaica de Curitiba - 1889-929	161
31. Número de casais pesquisados, por sexo e local de nascimento. Comunidade judaica de Curitiba - 1930-44	162
32. Número de casais pesquisados, por sexo e local de nascimento. Comunidade judaica de Curitiba - 1945-59	163
33. Número de casais pesquisados, por sexo e local de nascimento. Comunidade judaica de Curitiba - 1960-70	164
34. Última observação. Comunidade judaica de Curitiba - 1889-970	165
35. Lista de matrículas dos alunos da Escola Israelita Brasileira Salomão Guelmann - 1939 ..	166
36. Lista de matrículas dos alunos da Escola Israelita Brasileira Salomão Guelmann - 1940 ..	167
37. Lista de matrículas dos alunos da Escola Israelita Brasileira Salomão Guelmann - 1943 ..	168
38. Registro de Óbitos do Cemitério Israelita da Água Verde	169

39. Livro de sócios da União Israelita do Paraná,	
folha 1	170
40. Ficha de família	171
41. Ficha de levantamento de dados	172

INTRODUÇÃO

O presente trabalho faz parte de um projeto mais amplo do Departamento de História da Universidade Federal do Paraná, que visa à elaboração da história demográfica do Estado. História que desde os meados do século XIX não se limita apenas às populações luso-afro-brasileiras, como na maior parte do Brasil, mas que inclui importantes contingentes de europeus não ibéricos, cuja presença alterou sobremaneira a estrutura populacional paranaense.¹

Na presente dissertação, foi estudada a participação dos imigrantes israelitas e de seus descendentes no quadro demográfico do Paraná. Tal escolha não foi fortuita, dada a quase inexistência de trabalhos sobre judeus no Brasil. Por outro lado, o fato de a pesquisadora pertencer à comunidade em questão facilitou tanto o acesso às fontes primárias, quanto o conhecimento acerca dos usos e costumes do grupo.

O período estudado compreende os anos de 1889 a 1970. O ano inicial está diretamente ligado à vinda dos primeiros imigrantes desse grupo para o Município de Curitiba, começo, portanto, da comunidade judaica curitibana.

¹BALHANA, Altiva Pilatti. *História demográfica do Paraná*. Curitiba, 1970. Separata do *Boletim da Universidade Federal do Paraná*. Departamento de História. (10):36, 1970.

Foi estabelecido inicialmente 1970 como ano baliza para delimitar o fim do período a ser estudado. Porém, foi necessário estender a pesquisa pela década de 1970 com a finalidade de melhor compreender a comunidade judaica no período determinado. Seria no decorrer dessa década que ocorreriam mudanças substanciais na estrutura da comunidade, que se fazem sentir basicamente nos aspectos educacionais e na organização religiosa.

É no decorrer dos anos de 1970 que se consolida a iniciativa da criação, em 1969, do ginásio israelita anexado à escola primária. Esta ampliação aparece como meio de manter por mais alguns anos as crianças ligadas à educação judaica.

Será também nessa mesma década (1974) que se dará a instalação de um Rabinado em Curitiba.

Os limites da dissertação foram rompidos por inquietações de ordem antropológica surgidas no decorrer do processo de trabalho. Tratou-se aqui de analisar os judeus como grupo sensível ou não à integração na sociedade mais ampla e verificar a diluição de sua existência como judeus. Já de início havia evidências de que estava em curso um processo de integração e levantou-se a questão básica de que só restariam, entre os componentes de tal comunidade, os sinais mais superficiais e exteriores de seu passado judaico.

A problemática visada é a reconstituição histórica da comunidade israelita de Curitiba, dando ênfase à sua estrutura sócio-demográfica.

No decorrer deste trabalho, procura-se confirmar as hipóteses de que existe uma íntima relação entre a origem dos imigrantes e as ocupações por eles escolhidas; entre a as-

censão sócio-profissional e as mudanças domiciliares.

Outra indagação surgida e respondida com fundamentação nos dados pesquisados diz respeito à significação sócio-demográfica da comunidade judaica no contexto da sociedade curitibana.

No primeiro capítulo, são referenciadas todas as fontes pesquisadas, as dificuldades na utilização de cada uma e em sua compatibilização, bem como a metodologia empregada.

Em seguida, discutiu-se o que é ser judeu, uma vez que sem esse esforço essencial não se especificaria com clareza o objeto em estudo, comprometendo inclusive a compreensão da evolução do grupo inserido na sociedade de adoção.

Após um breve histórico da comunidade, são analisados os dados propriamente demográficos relativos à imigração, ocupação, domicílio e o estado da população. Finalmente o estudo dos casamentos, que ofereceu uma indicação importante do grau de interpenetração entre o grupo particular e a sociedade mais ampla.

Este trabalho é apenas uma contribuição parcial para o estudo dos judeus no Brasil, não tendo a pretensão de ser definitivo.

Agradecimentos são devidos à Professora Altiva Pillati Balhana, cuja orientação decisivamente contribuiu para a concretização desta dissertação.

Não menos importante foi a solidariedade e o incentivo dos Professores do Departamento de História.

Nossos agradecimentos devem também ser dirigidos ao Conselho de Ensino e Pesquisa da Universidade Federal do Paraná, pelo apoio consubstanciado na forma de bolsa de estudo

durante o curso de pós-graduação, e ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pelo mesmo motivo, quando da elaboração da presente dissertação.

CAPÍTULO 1
METODOLOGIA

1.1. CRÍTICA DAS FONTES

É muito pequeno o número de dados referentes à comunidade judaica de Curitiba. Até dezembro de 1973, essa comunidade não possuía Rabinado, instituição que é, em geral, a fonte prioritária para o levantamento de dados vitais, como os registros de nascimento, morte, casamento e circuncisão, entre outros. Foi apenas a partir de janeiro de 1974 que os judeus curitibanos passaram a ser assistidos por um rabino, quando então a organização religiosa e cultural do grupo, e o registro das ocorrências vitais ficaram a cargo de uma instituição formal especializada.

Por outro lado, as outras instituições judaicas de origem mais remota, como escolas, associações, cemitérios, tiveram uma importância fundamental no presente estudo, apesar de não fornecerem, muitas vezes, dados precisos sobre seus respectivos membros.

De qualquer forma, o exaustivo levantamento de dados no interior da comunidade judaica foi, sempre que possível, completado com uma não menos exaustiva procura de fontes convergentes. Os organismos oficiais do Estado do Paraná e do Município de Curitiba forneceram meios de testar informações obtidas nos arquivos das instituições do grupo minoritário,

adicionando novos elementos e dissipando dúvidas existentes.

Por ordem de consulta, as fontes utilizadas neste trabalho podem ser assim dispostas:

1 - *Arquivo da Escola Israelita Brasileira Salomão Guelmann*

Entre os arquivos que poderiam oferecer uma visão geral da comunidade, destacava-se o da Escola Israelita Brasileira Salomão Guelmann, localizado na secretaria da entidade, à rua Nilo Peçanha, 664, no bairro curitibano do Bom Retiro. À primeira vista, seus dados preencheriam a quase totalidade das informações necessárias. Todavia, foi constatado que essas informações eram fragmentárias e parciais, pois abrangiam apenas as famílias cujos filhos freqüentaram a Escola. Além disso, sua fundação data de 1927, o que impede que se conheça por seu intermédio a população judaica anterior a esse ano.

Como a Escola funcionou sem reconhecimento do Estado até o ano de 1938, só restaram, desses onze anos, doze livros de freqüência (os livros de matrícula não foram localizados), dos quais apenas foi possível retirar os nomes dos alunos. Restaram, porém, os vinte livros de matrículas preenchidos a partir do reconhecimento do estabelecimento. Neles estão contidos os nomes dos alunos, a data completa do nascimento, a naturalidade, a filiação, a profissão e a nacionalidade dos pais, o local de residência, a época da inscrição, ano do curso que freqüenta, ano e causa de eliminação e mé-

dia de exame.*

Efetivamente, há uma série de problemas e dificuldades mesmo nos livros fornecidos pela Secretaria da Educação. Primeiramente, os freqüentes erros ortográficos praticados por funcionários da Escola. Em alguns casos, a escrita dos nomes abriga erros que confundem o pesquisador quanto à permanência e ao aparecimento de alunos. Em outros, fica patente que a coleta completa dos dados não era uma exigência de primeira grandeza, pois nem todos os itens eram completados, dificultando a localização do estudante. Foi comum a omissão do nome da progenitora, impossibilitando o levantamento de dados sobre as mulheres do grupo. Muitas vezes, a naturalidade dos alunos e de seus pais está reduzida a uma única categoria, a de "polacos", válidas para qualquer estrangeiro, viesse de onde viesse (anexos 35, 36 e 37).

Ficou, então, evidente que outras fontes deveriam ser consultadas paralelamente. Seja para esclarecer e completar os dados encontrados nos livros, seja para ampliar o universo de informações. No caso específico da Escola, outros arquivos e contatos pessoais ajudaram no preenchimento mais correto dos itens referentes ao nome do aluno, data de nascimento, nomes dos pais, e a nacionalidade.

*Os livros de matrícula são fornecidos à entidade pela Secretaria da Educação do Estado do Paraná e seguem, portanto, suas diretrizes.

2 - Arquivo dos Cemitérios Israelitas

Os registros de sepultamento dos dois cemitérios israelitas de Curitiba também poderiam ter sido a fonte básica para a realização desta dissertação. Suas atas encontram-se guardadas nas sedes administrativas dos cemitérios católicos localizados, respectivamente, ao lado de cada uma das necrópoles judaicas.* No entanto, o cemitério mais antigo, o da Água Verde, só começou a funcionar a partir de 1926. Anteriormente, os judeus eram enterrados no Cemitério Municipal. Existem registros somente a partir de 1945, em virtude de um incêndio que destruiu a documentação relativa ao período anterior. Parte dessa deficiência foi suprida com um levantamento feito nas lápides das sepulturas mais antigas. Muitas vezes em hebraico, encontram-se ali o nome, as datas de nascimento e morte e, mais raramente, a naturalidade do falecido. Porém, tais dados são muito limitados, principalmente se comparados aos contidos nas atas de sepultamento fornecidas pela Prefeitura Municipal.

Essas atas fornecem informações sobre o nome do falecido, filiação, causa da morte, data completa do falecimento, hora da morte, sexo, naturalidade, estado civil, localização do túmulo e certidão de óbito. Porém esse material seria insuficiente, mesmo sem o incêndio, porque também nas atas os dados são várias vezes deficientemente preenchidos. Eram os

*Os cemitérios israelitas da Água Verde e Santa Cândida não possuem administração própria. Toda a parte burocrática fica a cargo da Prefeitura de Curitiba.

próprios membros da comunidade, em sua esmagadora maioria imigrantes, com poucos conhecimentos da língua portuguesa, que anotavam os óbitos nos livros e não é excepcional o caso em que as normas foram postas de lado, desautorizando o aproveitamento de inúmeros registros (anexo 38).

3 - *Arquivo do Centro Israelita do Paraná*

Quanto ao Arquivo do Centro Israelita do Paraná, sabia-se previamente que ele não possuía informações referentes aos fundadores da comunidade judaica de Curitiba. Dados dessa natureza poderiam ser obtidos apenas através das atas da instituição sua antecedente, a União Israelita do Paraná, fundada em 1913, e que não haviam sido localizados.

Para encontrar estes documentos, foi preciso um trabalho de investigação exaustiva. No final de 1976, o livro foi encontrado no cofre do Centro Israelita do Paraná. Entretanto, as atas não foram encontradas (anexo 39).

Seu valor consiste no registro mais aproximado das datas de chegada dos primeiros membros da comunidade estudada. Cada sócio tinha ali seu nome assinalado, bem como seu endereço, a data de inscrição, o pagamento de jôia, a mensalidade e observações. Porém, mesmo a localização dessa fonte — por mais animadora que tenha sido — teve suas limitações, pois não deu certeza de que abrangia todas as famílias israelitas chegadas a Curitiba.

A lista de sócios do Centro Israelita do Paraná, ainda incompleta e desatualizada, continha nome e sobrenome, idade, profissão, naturalidade, filiação, estado civil, nome do

cônjuge, residência, nome e idade dos filhos, dados que foram muito úteis para a localização de integrantes do grupo que não constavam do Arquivo da Escola Israelita Brasileira Salomão Guelmann, no caso em que os filhos não freqüentavam a Escola ou que, simplesmente, não possuíam filhos.

Persistia, entretanto, a necessidade de consulta a outras fontes.

4 - Arquivo do Cartório de Registro Civil

As fontes até aqui indicadas foram insuficientes para a elaboração de quadros e tabelas satisfatórias. Algumas das lacunas seriam preenchidas consultando as atas de casamento do 1º Cartório de Casamentos da Capital paranaense, que pouco tempo antes do fim da pesquisa encerrou suas atividades.*

Foram levantados livros de atas de casamento do Registro Civil do número um ao número cento e vinte. Até o livro oitenta e três, o registro era manuscrito, passando a ser impresso com espaços em branco para preenchimento ocasional, nos livros seguintes.

Desde o início, ficou evidenciada a dificuldade em saber quem é e quem não é judeu entre os nubentes. Principalmente porque os sobrenomes judaicos podem ser confundidos facilmente com os sobrenomes poloneses, ucranianos, russos e alemães em geral. Como não há qualquer indicação da religião

*Os livros do Cartório Hoffmann foram distribuídos entre os cartórios de Curitiba. Infelizmente, tal distribuição foi aleatória, dificultando assim a sua consulta.

do casal, a opção recaiu na identificação das pessoas constantes dos arquivos judaicos. Em seguida, foram examinados os registros de casamentos em que as testemunhas eram reconhecidamente judias.

Um problema semelhante ao verificado na Escola foi constatado nesse Arquivo. Os livros de atas de casamentos do Registro Civil não eram preenchidos de forma homogênea, diferindo de acordo com o escrivão presente. Em alguns casos, por exemplo, a filiação dos cônjuges era anotada; em outros, não. O mesmo acontecia em relação ao local da realização do casamento.

5 - *Arquivo do Registro de Estrangeiros*

Outra fonte complementar utilizada foi o Arquivo de Registro de Estrangeiros da Secretaria de Segurança Pública do Estado do Paraná. Esse registro está organizado em fichas catalogadas pelo prenome do imigrante interessado em abrir um processo de naturalização, e os dados constantes são os seguintes: prenome, sobrenome, data de nascimento, data de naturalização, profissão, endereço, porto de chegada no Brasil, naturalidade, estado civil.

A primeira dificuldade encontrada foi o próprio manuseio das fichas, uma vez que o Arquivo é considerado confidencial. Segundo as autoridades da Delegacia de Estrangeiros, há ali informações sigilosas, o que impede ao pesquisador o livre trânsito junto ao material. O trabalho foi realizado por um funcionário da repartição que transmitia ao pesquisador os dados requisitados referentes a membros da co-

munidade judaica de Curitiba.

O acesso às fichas, todavia, não constituiu o problema mais grave. A dificuldade maior foi achar elementos do grupo judaico a partir do prenome, já que, muitas vezes, os mesmos foram aportuguesados para facilitar o contato com o restante da sociedade. Algumas alterações eram facilmente identificadas, como a mudança de Guitl para Guita, ou Mechel para Michel. Difícil mesmo era saber que Shulem se tornou Júlio, ou Zanvil adotou o nome João.

Em particular, no caso das mulheres, o trabalho não obteve muitos resultados, pois, na maioria das vezes, só se conhecia o sobrenome.

6 - *Arquivo da Junta Comercial*

A história profissional dos judeus de Curitiba seria complementada por meio de consultas no Arquivo da Junta Comercial do Paraná, onde foi possível determinar a ocupação e o registro das firmas de judeus. Não foram encontrados muitos registros de firmas, uma vez que as atividades econômicas dos primeiros imigrantes não foram desenvolvidas em estabelecimentos comerciais oficialmente reconhecidos, mas na venda ambulante de roupas. Em todo caso, o fato de haver registros oficiais indica um grau de relação entre o grupo minoritário e a sociedade de adoção.

7 - *Arquivo da Jewish Colonization Association (ICA)*

Na Federação Israelita de São Paulo, foi possível consultar os arquivos da ICA sobre suas atividades de atendimen-

to aos imigrantes judeus.

No acervo da ICA, do qual fazem parte inúmeras cartas, relatórios e movimentos de caixa, foram utilizadas, em particular, as referências feitas a Curitiba pelo Rabino Rafalovitch.* Seus relatórios tratam das ocorrências nos anos de 1923, 1925, 1926, 1929, 1930, 1932 e 1933.

8 - Monografias

Inserem-se aqui correspondências particulares, memórias, papéis de famílias e demais documentos pertencentes a membros dessa comunidade.

A consulta dessas monografias visa a complementar e esclarecer a situação da comunidade israelita de Curitiba.

A utilização desse tipo de fonte teve por orientação a metodologia da Professora Adeline Daumard, que faz uma apreciação sobre a utilização dessa documentação, alertando para os riscos de um inadequado manuseio. Ressalta, porém, os aspectos positivos quando diz que "esse tipo de fonte é insubstituível, pois são os testemunhos desse tipo de documentos fornecem elementos que permitem conhecer as razões profundas que explicam os comportamentos"¹.

Foi consultado o acervo particular de Bernardo Schul-

*Grã-Rabino enviado pela ICA para organizar a vida comunitária dos judeus no Brasil, no que diz respeito à sobrevivência material e ao desenvolvimento religioso e cultural.

¹ DAUMARD, Adeline. *Cinco aulas de História Social*. Salvador, Centro Editorial e Didático da Universidade Federal da Bahia, 1978. p. 14.

man, um dos intelectuais mais ativos da comunidade, que manteve sempre ligações, por meio de cartas, com instituições judaicas de outros Estados brasileiros. Deste modo, foi de grande utilidade essa documentação para ajudar a esclarecer a evolução do comportamento da comunidade.

Outros dipos de documentação encontrados no referido acervo foram estudos acerca de problemas judaicos, como a educação no Brasil, a literatura ídiche,* bem como uma publicação intitulada *Crônica de Curitiba*. Essa crônica foi escrita para ser inserida no livro *História das Comunidades Judaicas no Brasil*. Embora o livro como um todo não tenha sido publicado, a crônica de Bernardo Schulman chegou a ser publicada separadamente, em ídiche e português, em 1953, pela Casa Monte Scopus do Rio de Janeiro.

9 - Testemunhos contemporâneos

Integram esse item os periódicos consultados e as entrevistas, tanto escritas como gravadas.

Na Biblioteca Municipal de Curitiba, Seção de Periódicos, foram consultados jornais da época para coletar informações que indicassem como a sociedade de adoção considerou os principais eventos da comunidade israelita e como esse grupo foi recebido no Paraná.

*Ídiche é a língua formada pela conjunção do alemão medieval, com palavras hebraicas, aramaicas e eslavas. Foi primeiramente falada pelos judeus da Alemanha na Idade Média e logo convertida em língua popular da grande massa judaica da Europa Oriental. Nessa língua, a parte principal é alemã, aproximadamente 1/4 procede do hebraico e do aramaico e 1/10 do eslavo.

Foram consultadas e analisadas as seguintes coleções de periódicos: *Diário da Tarde*, *Gazeta do Povo*, *A República*, *O Dia*, em todos os exemplares existentes entre os anos de 1900 a 1930.

Recorreu-se também às entrevistas com judeus curitibanos, com duas ordens de preocupações.

Por um lado, a procura de dados sobre a população presente, a fim de completar os dados anteriormente colhidos. No decorrer de 1977, foi aplicado um questionário, em que se solicitavam as seguintes informações: nome, sobrenome, estado civil, nome do cônjuge, filiação do casal, profissão do casal, nacionalidade, naturalidade, data de nascimento, data de chegada, data de naturalização, endereços nos anos de 1930, 1945 e 1970, número de filhos do casal (com os respectivos nomes, idades, nacionalidades, nacionalidades), data e local de casamento do casal.

Por outro lado, as entrevistas procuraram obter informações de natureza antropológica, para se precisar a concepção de judeu para o trabalho em questão. Para tanto, por meio de uma amostragem aleatória com 20% do total da população presente, foi indagado: "O que é ser judeu?", "O que é ser judeu em Curitiba?". A identificação do entrevistado com o judaísmo foi testada com a aplicação de um pequeno questionário, em que se perguntava sobre a observância da religião, usos e costumes judaicos.

Finalmente, foram realizadas gravações sob a forma de entrevistas com imigrantes judeus no Rio de Janeiro e em Curitiba. As referentes à primeira localidade foram efetuadas com os imigrantes que representavam a ICA no Brasil, com a

finalidade de conhecer a política orientadora da triagem e distribuição dos imigrantes chegados ao Brasil.

Em Curitiba, foram entrevistadas aquelas pessoas que respondiam pela Sociedade Beneficente Feminina (Hilfs Farhein), que teve uma atuação importante no período mais significativo da imigração para a referida localidade. O objetivo dessas entrevistas foi o de constatar as condições apresentadas pelo Município, nos seus diversos aspectos.

1.2. MÉTODOS E TÉCNICAS

Os dados colhidos nas fontes citadas foram organizados em fichas padronizadas. Foi utilizada ainda a ficha de reconstituição de família criada por Louis Henry e Michel Fleury,² cuja versão portuguesa se deve ao Departamento de História da Universidade Federal do Paraná (anexo 40).

Numa primeira fase, foram arrolados os dados obtidos nas fichas e organizados em um arquivo com todas as informações extraídas dos Arquivos citados. O passo seguinte foi a ordenação desse material em quadros estatísticos, para a posterior análise demográfica (anexo 41).

No final de 1976, contudo, os quadros foram refeitos, pois nessa época foi encontrado o livro de sócios da União Israelita do Paraná. Na sua consulta, foi verificado que mui-

²FLEURY, M. & HENRY, Louis. *Nouveau manuel de dépouillement et d'exploitation de l'état civil ancien*. Paris, I.N.E.D., 1965.

tos judeus da comunidade de Curitiba haviam chegado ao Brasil em datas muito anteriores às registradas até então. Um caso comum pode ser exemplificado através de uma ficha da Escola Israelita Brasileira Salomão Guelmann, em que a data de chegada dos pais era tida como 1932. No livro de sócios da União revelava-se entretanto que a mesma pessoa chegou, na verdade, em 1914.*

Encerrado o levantamento, o total das fichas preenchidas somava 1.547, das quais 570 puderam ser consideradas completas, por abrigarem todas as informações necessárias. Outras 540 fichas eram de alunos que, embora freqüentassem a escola da comunidade, não eram judeus e que, portanto, só puderam ser utilizadas como norteadoras no conhecimento dos indivíduos pertencentes à comunidade. As restantes 437 fichas só continham parte das informações necessárias, muitas vezes apenas o nome da pessoa, sem os demais requisitos. Ressalte-se ainda a existência de um número indeterminado de pessoas para as quais não há qualquer tipo de informação, a não ser referências vagas, feitas esporadicamente por alguns entrevistados. No entanto, esse número é inferior a 100 para todo o período estudado.

Diante dessas considerações, o universo da pesquisa se baseia fundamentalmente em 570 fichas, as quais se referem às famílias. Daí, a impossibilidade de obtenção de dados que permitissem o cruzamento das variáveis sexo e idade com estado civil em relação aos não casados.

*Esses erros foram constatados nas fichas número 02, 148, 375 etc.

Desse modo, todos os dados são fruto de informações retiradas das referidas fichas, cuja elaboração teve como preocupação básica o casal. Essas fichas foram classificadas segundo o critério de Louis Henry³ em:

M, quando consta a data de casamento e quando o matrimônio foi realizado dentro dos marcos geográficos da comunidade;

E, quando o casamento foi realizado no exterior, ou seja, fora dos marcos geográficos da comunidade em questão;

F, quando as fichas podem ser consideradas fechadas, com a data da última observação;

O, quando as fichas são consideradas abertas, isto é, aquelas não enquadradas nas três letras anteriores.*

No universo estudado de 570 fichas, foram considerados somente os primeiros casamentos. Desses, nem todos foram, evidentemente, realizados em Curitiba: 214 se deram em outros lugares (EF). Dentro do espaço geográfico da comunidade, encontramos 334 casamentos (MF). Em consequência, para o cálculo da análise estatística e demográfica, foram utilizadas somente as fichas MF, as únicas referentes à comunidade judaica de Curitiba propriamente dita. As fichas EF foram úteis para o estudo da nupcialidade, no caso em que os filhos do casal nasciam em Curitiba, bem como para efeitos de comparação na verificação diferencial do comportamento den-

*Os quadros, cálculos e a análise demográfica foram realizados a partir da metodologia desenvolvida por Henry e seus colaboradores no Institut National D'Études Demographiques, adaptada às peculiaridades das fontes brasileiras.

³HENRY, Louis. *Técnicas de análise em demografia histórica*. Curitiba, Universidade Federal do Paraná, 1977.p.86-7.

tro e fora dos marcos da comunidade.

Na elaboração das taxas geométricas de crescimento e dos índices de masculinidade, o objetivo foi o de medir frequências e tendências que permitissem o estabelecimento de correlações, bem como a análise de curvas, sempre de acordo com as técnicas e instrumentos de análise da Estatística aplicada aos fenômenos demográficos.⁴ É de se assinalar ainda que se compatibilizaram os dados.* A época em estudo foi subdividida em quatro períodos — de 1889 a 1929, de 1930 a 1945, de 1945 a 1960 e de 1960 a 1970 — para facilitar a compreensão do desenvolvimento da comunidade. Essa periodização coincide com momentos marcantes da História. Assim, o 1º período vai do início da imigração judaica para Curitiba até a crise de 29; o segundo está marcado pelo Governo Vargas e pela 2ª Guerra Mundial; o 3º e 4º períodos, sob a égide do pós-guerra, assistiram ao reinício da imigração no Brasil e identificaram-se com o estágio de grandes mudanças qualitativas na estrutura industrial brasileira e simultânea modernização de Curitiba.

Foram utilizados os Censos Demográficos de 1940, 1950, **

*A compatibilização foi feita, tendo em vista que se trabalhou sempre com a mesma população.

**Com a população presente.

⁴BALHANA, Altiva Pilatti. *História demográfica do Paraná*. Curitiba, 1970. Separata do *Boletim da Universidade Federal do Paraná*. Departamento de História. (10):36, 1970. p. 27-36.

⇒

1960* e 1970**. Para a comparação entre a comunidade e a sociedade mais ampla do Paraná e Curitiba, foram levantados também os números referentes à população não judaica.

As técnicas de História oral foram empregadas para efetuar as entrevistas gravadas no Rio de Janeiro e em Curitiba, bem como na aplicação do questionário.

Por fim, foram elaborados mapas para a localização dos domicílios das famílias judaicas de Curitiba, com a finalidade de verificar onde havia concentração do grupo.

*Apenas a sinopse, uma vez que não se publicou o censo definitivo.

**Onde a população registrada é a residente.

CAPÍTULO 2
A IDENTIDADE DO JUDEU

Na pesquisa desenvolvida, foram elaboradas várias tabelas dos diferentes momentos da comunidade judaica quanto a sua origem, seu desenvolvimento e seu comportamento. Tais quadros, porém, não são suficientes para explicar o fenômeno mais profundo da permanência desse grupo por mais de duas gerações. Mesmo o aumento dos casamentos fora do grupo não altera o reconhecimento por parte de seus membros de sua específica condição de judeu.

São muitas as tentativas de identificação do judeu como uma religião, uma raça, uma nacionalidade, um povo* ou mesmo por características profissionais aliadas a pretensos traços psicológicos, como a teoria vulgar da sua natural aptidão para o comércio. Todavia, nenhuma delas conseguiu resistir a uma análise histórica do desenvolvimento dos judeus, após a sua dispersão, no início da Era Cristã.**

*Ver o trabalho *Who are the Jews?*, de M. Herskovits, inserido na obra de L. Finkelstein, *The Jews, their history, culture and religion*.

**O fim da existência política dos judeus dataria do ano 70 da Era Cristã, quando Tito os expulsa da Palestina, destruindo o Templo de Jerusalém e, posteriormente, Adriano liquida fisicamente enormes parcelas de sua população. A partir de então, a história dos judeus passaria a ser contada em suas eternas peregrinações pelo mundo.

Nesse sentido, o comércio, por exemplo, não pode ser considerado como uma profissão com características intrínsecas ao judeu, uma vez que ele foi impelido para essa atividade econômica por imposições conjunturais.

Com efeito, não se pode também falar numa religião judaica, quando o grupo judaico abriga ateus que, no entanto, se identificam e são identificados como judeus. Em 1967, por exemplo, a professora Aparecida Gouveia pôde constatar que apenas uma pequena parte dos universitários judeus da Universidade de São Paulo (USP) definia-se como tal pela religião, ou seja, 10,0%. Interessante foi a revelação de que apenas 14,0% dos entrevistados julgam que seus pais e avós eram judeus por vinculações religiosas.

Jean Paul Sartre parece ter razão quando analisa a religião judaica pós-cristã: ela só se mantém por uma complexa política de concessões e obstinação. Mesmo o que dela resta é conservado por grandes contingentes de judeus, por "cerimônia e cortesia". Sartre continua:

Perguntei a um deles (judeu) por que circuncidara o filho. Respondeu-me: Para satisfazer a minha mãe e, depois, é mais higiênico. E sua mãe, por que se empenha nisso? Por causa de seus amigos e vizinhos.¹

¹SARTRE, Jean Paul. *Reflexões sobre o racismo*. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1968. p. 38.

A posição de Leon Poliakov é semelhante:

Desde que a religião judaica deixou de ser para o judeu uma realidade vida, a história dos judeus não pode mais ser a história de um movimento religioso.²

2.1. RAÇA E JUDAÍSMO

Se o judeu não pode ser explicado pela religião, o mesmo acontece quando se tenta unificar a sua identidade a partir de características raciais. É bastante conhecido o elevado grau de mestiçagem observado entre os judeus após as suas sucessivas migrações,³ impedindo que se fale numa uniformidade morfológica do povo judeu. Juan Comas observa que a regra geral poderia ser exatamente a oposta, ou seja, de que os israelitas possuem traços de todos os povos da terra.

Tal conclusão se confirma quando se utiliza o método comparativo para a análise morfológica, onde se incluem a pigmentação da pele, dos cabelos e dos olhos; a forma dos cabelos e dos olhos; o modelado dos lábios e do nariz e a análise dos tipos sanguíneos.⁴ É impossível classificar as populações judaicas numa mesma categoria racial, em consequência da grande variedade de caracteres físicos existentes entre seus membros.

² POLIAKOV, Leon. *Histoire de l'antisémitisme*. Paris, Calman-Lévy, 1965. v. 3. p. 216.

³ COMAS, Juan et alii. *Raça e ciência I*. São Paulo, Perspectiva, 1970. p. 20.

⁴ SHAPIRO, Harry L. O povo da terra prometida. In: COMAS, p. 37.

2.2. NACIONALIDADE

Até que ponto, então, se poderia falar numa nacionalidade judaica? É uma questão polêmica, pois um dos pontos ideológicos importantes do sionismo refere-se à Palestina, considerada o berço nacional dos judeus. E, de fato, em épocas remotas, teria existido uma comunidade não apenas religiosa, mas também nacional, que se chamava Israel. Todavia, recorda Sartre, a história dessa comunidade é a de uma dissolução de 25 séculos, no curso dos quais a idéia de nacionalidade foi sendo substituída pelo laço religioso, e pela espiritualização dos vínculos coletivos. "(...)e espiritualização significa, apesar de tudo, enfraquecimento"⁵.

Ou seja, o judaísmo passou por sucessivas mudanças e por agudas crises e divisões. Uma delas foi o aparecimento do cristianismo justamente em seu contexto nacional, a Palestina, que fez o ideal de uma volta concreta à Terra Prometida transformar-se numa concepção puramente religiosa; de povo eleito por Deus, que será agraciado com um Messias, para a recondução dos hebreus à sua terra.

Deve-se notar que mesmo a concretização do retorno à Palestina não resolveu a questão da nacionalidade. Apesar da criação de Israel, as maiores comunidades judaicas continuam sendo as da Diáspora*. Os jovens israelenses, por outro lado, especialmente os "sabras", nascidos e criados naquele país,

*Diáspora é a dispersão dos judeus pelo mundo.

⁵ SARTRE, p. 38.

não possuem o sentimento de pertencerem ao judaísmo internacional e, conseqüentemente, não consideram esse judaísmo como vinculado a Israel. Alguns vão ainda mais longe e dizem que são israelenses e não judeus.⁶

O que o nascimento de Israel fez surgir, ou ressurgir, uma vez que o fenômeno não é novo, foi uma dicotomia nacionalista entre os judeus. Ironicamente, as tradições judaicas preservadas no exílio, especialmente na Europa Oriental, tendem a ser reduzidas e mesmo suprimidas no País justamente criado para ser depositário destas tradições.

Mas a volta à Terra Prometida não significa o elemento definidor da comunidade judaica. Basta lembrar o período da constituição dos modernos Estados Nacionais, quando surgiu o movimento emancipacionista judaico sob a influência do Iluminismo.

Essa emancipação era uma necessidade ainda maior para o Estado Moderno do que para os judeus. O Estado Moderno só podia ser estabelecido depois de abolidas as distinções e a substituição da estrutura corporativa pela estrutura democrática da sociedade. Deixar o grupo judaico como uma entidade corporativa à parte, dotada de um sistema específico de direitos e deveres, tornava-se um anacronismo evidente.⁷

Os líderes da "Haskala", como ficou conhecido o movimento, pretendiam criar uma cultura universalista abrangente, uma combinação de emancipação política com direitos na-

⁶ DEUTSCHER, Isaac. *O judeu não judeu e outros ensaios*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1970. p. 83-4.

⁷ BARON, Salo W. A dinâmica da emancipação. In: _____. *História e historiografia*. São Paulo, Perspectiva, 1974. p. 129.

cionais minoritários: preservariam sua religião, mas adaptar-se-iam totalmente ao país em que viviam.

Cedo, porém, verificou-se que a "questão judaica" ainda não seria respondida pela adaptação ou pelo Estado. As perseguições e os massacres verificados no século XIX, particularmente no fim do século, na Europa Oriental, são os principais motivos que fariam reviver o alto grau de coesão entre as diferenciadas comunidades judaicas espalhadas pelo mundo.

A tônica dessa coesão parece ser dada não pela religião, nem pela raça ou nacionalidade. Nem mesmo pela língua, já que não existe uma uniformidade nesse sentido. Mas pelo anti-semitismo, ou de forma mais genérica, pela identificação feita por terceiros, o judeu é um homem que os outros consideram judeu, simplifica Sartre.

2.3. O ANTI-SEMITISMO E A DINÂMICA COMUNITÁRIA

Cabe reproduzir aqui o texto de Sartre, em que o filósofo francês conclui que a identidade do judeu é dada pelo outro, pois essa concepção é esclarecedora para a compreensão dos aspectos históricos e de adaptação dos judeus nos diferentes países de adoção.

Não é o passado, nem a religião, nem o solo que unem os filhos de Israel. Mas, se dispõem de um liame comum, se merecem todos o nome de judeu, é porque possuem em comum a situação de

judeu, isto é, porque vivem no seio de uma comunidade que os considera judeus. Numa palavra, o judeu é perfeitamente assimilável pelas nações modernas, porém ele se define como aquele que as nações não querem assimilar.⁸

Sem dúvida, a conclusão responde à indagação constante do que é ser judeu. Todavia, resta saber se a questão judaica se repete invariavelmente ou se submete a determinações específicas, conforme o desenvolvimento histórico da local de adoção. E, se a identificação do judeu é apenas unilateral, partindo fundamentalmente do outro, ou se a identificação é reforçada pelos próprios judeus.

A primeira indagação (o caráter particular de cada situação) pode ser respondida pela história. Não é possível afirmar com segurança que a forma em que se manifesta o anti-semitismo ou a identificação do judeu por outros (o que não é a mesma coisa, uma vez que a identificação não assume necessariamente um caráter negativo) seja idêntica na França da Revolução de 1789 ou na Rússia Czarista de 1881. Na Rússia, a necessidade de autodefesa impôs a maior coesão do grupo através da busca de elementos que unificassem os perseguidos. Na França revolucionária, que deu aos judeus direitos inimagináveis durante o feudalismo, foi possível, por outro lado, afrouxar os laços solidários.

Outra indagação, a da adaptação, pode ser respondida pela antropologia, de acordo com o contexto histórico específico. Segundo a tipologia de Louis Wirth, conforme o grau

⁸ SARTRE, p. 39.

de complexidade das relações históricas concretas de uma comunidade qualquer com uma sociedade inclusiva, aquela tende ao fechamento, adquirindo aspectos que ficariam entre o pluralismo e o secessionismo; ou pode se abrir para o resto da sociedade, o que Wirth classifica como assimilacionismo*. No primeiro caso, o arsenal ideológico-cultural-religioso inclui todos aqueles aspectos que ampliam e reforçam o estado de judeu, com um maior rigor na observância da religião, da unidade ética, das tradições em geral. No segundo caso, abrandase esse rigor, permanecendo apenas as exteriorizações desse arsenal. Nessa situação, não é rompido totalmente o laço unificador, porque a história anterior das perseguições se estabelece como prova para a comunidade, de que ela precisa se precaver contra possíveis anos difíceis no futuro; que a identidade positiva que os judeus têm hoje num determinado lugar pode, amanhã, vir a transformar-se numa identidade negativa. Em perseguições eventuais e isoladas; e em pogroms.**

*WIRTH, Louis. The problem of minority groups. In: _____. *The science of man in the world crisis*. New York, Columbia University Press, 1949.

Para ele, uma minoria pode se apresentar basicamente em quatro tipos: pluralista (quando se reclama tolerância para com o grupo), assimilacionista (quando o grupo se integra funcionalmente na sociedade inclusiva, aceitando seus aspectos essenciais), secessionista (quando não quer nem a assimilação nem apenas uma tolerância) e militante (quando pretende que o grupo seja hegemonicamente dominante).

**Pogroms eram os massacres perpetrados contra os judeus. Podiam ser oficiais, efetuados sistematicamente; ou ocasionais, provenientes de manifestações populares.

2.4. O JUDEU EM CURITIBA

No caso particular da comunidade judaica de Curitiba, a definição de judeu já estava estabelecida "a priori" nos países de emigração. As primeiras famílias que vieram sentiam-se identificadas como tal, uma vez que já haviam experimentado perseguições por pertencerem a esse grupo. Viveiram, no Brasil, situações peculiares que orientaram os laços da comunidade ora num sentido de maior fechamento do grupo, ora num sentido de maior abertura, mantendo-se, todavia, até hoje, como comunidade judaica.

Para operacionalizar o problema e poder mostrar as mudanças ocorridas, foram apontadas algumas situações que evidenciam as transformações sofridas pela comunidade judaica de Curitiba no período estudado.

A simples observação dos currículos escolares da Escola Israelita Brasileira Salomão Guelmann permite mostrar que a instituição está voltada às necessidades dos alunos judeus e não judeus no Brasil. Apesar de preservar as práticas de ensino ora ligadas ao "Tarbouth", ora ao "Zischa", procurou desde 1938, data de seu reconhecimento pelo Estado, promover o ensino daquelas disciplinas que teriam influência prática na vida dos alunos: Matemática, Português, História, Geografia e Ciências, incluindo professores não judeus no seu corpo docente.

Retrocedendo no tempo para entender a problemática da educação judaica, constata-se o aparecimento do "Tarbouth" e do "Zischa", na Europa Oriental, para se contrapor ao ensino da "Yeshiva" (ensino exclusivamente religioso), seguindo a fi-

losofia defendida pelo movimento da "Haskala", ou seja, a transmissão de conhecimentos que abrangiam, além do ensino das leis religiosas, o básico necessário à vida prática.

Quando esses ensinamentos eram ministrados em hebraico, seguiam a linha do "Tarbouth"; e quando a ênfase maior era dada à língua ídiche, estavam inseridos na linha do "Zischa".

No Brasil, essas duas correntes sempre estiveram mais presentes que os ensinamentos da "Yeshiva". Curitiba assume as mesmas características brasileiras do ensino judaico.

A inserção da Escola Israelita Brasileira Salomão Guelmann no "Tarbouth" e no "Zischa" esteve sempre na dependência da formação dos professores que para cá foram contratados. Assim houve períodos em que predominou o hebraico, e em outros, o ídiche.

Embora essas duas orientações não preconizem a educação exclusivamente religiosa — medida em que ambas voltam-se para o ensino da estrutura e desenvolvimento de suas línguas, para a literatura e cultura geral judaica — não se furtam a dar formação básica no sentido da prática religiosa.

A presença alternada dessas duas tendências (cuja preocupação central reside no aspecto cultural) somada à disposição dos dirigentes da escola em manter um convênio com o Estado para receber professores a ele ligados, oferecendo em contrapartida vagas para alunos não judeus, demonstra o rumo da comunidade em direção à integração, porque nunca as escolas foram obrigadas a assinar esse acordo oficial.

Neste processo, ela se transforma no que diz respeito aos seus métodos pedagógicos e nas suas relações com o Estado.

Mas não foram sô as atividades da comunidade em relação à Escola que sofreram mudanças. A religião vem deixando de ser observada. E, ainda que a maioria ainda vá à sinagoga, alguma vez por ano, ou que organize um "seder"*, há uma tendência a negligenciar os aspectos propriamente religiosos.

Nas entrevistas realizadas com a população judaica presente e na observação das fichas correspondentes aos anos de 1930 e 1945, foi constatado que é decrescente a frequência à sinagoga.

VOCÊ COSTUMA IR À SINAGOGA (%)			
	1930	1945	1970
Sempre	26,2	13,4	2,4
Nunca	6,3	7,2	7,5
No Yom Kipur e Rosh Hashaná	67,5	79,4	90,1
TOTAL	100,0	100,0	100,0

Nota-se que, enquanto decresce significativamente a assiduidade, aumenta o número de judeus que sô freqüentam o templo uma vez por ano, por ocasião do ano novo e do dia da expiação.

*Seder é a cerimônia realizada durante a festa de Pessach, para comemorar o êxodo do Egito. Come-se durante uma semana (8 dias) pão ázimo; e toda a alimentação se fundamenta em alimentos feitos com farinha especial chamada farinha de matzá (pão ázimo).

As rezas do "shabat" também são cada vez mais raras. Em 1945, a maioria absoluta das mulheres judias de Curitiba já não acendia velas no entardecer das sextas-feiras.

VOCÊ ACENDE VELAS NO SHABAT (%)			
	1930	1945	1970
Sempre	39,2	37,8	36,6
Nunca	48,5	51,0	53,7
Às vezes	12,3	11,2	9,7
TOTAL	100,0	100,0	100,0

Aqui se observa que o grupo de mulheres que nunca acendem vela às sextas-feiras foi ampliado por aquelas que acendiam apenas às vezes. Ou seja: a prática fortuita poderia tender ao abandono puro e simples de qualquer prática nesse sentido.

O mesmo se dá em relação aos cuidados alimentares prescritos pela religião: o abandono das comidas "kasher"* também é constante:

VOCÊ COME KASHER (%)			
	1930	1945	1970
Sempre	27,9	21,4	2,4
Nunca	42,5	53,9	85,4
Às vezes	29,6	24,7	12,2
TOTAL	100,0	100,0	100,0

*Kasher, do hebraico, significa certo ou de acordo. Além do abate e limpeza das vísceras de animais segundo a Bíblia, são excluídos certos alimentos considerados impuros. O leite e a carne se excluem mutuamente, desde o ato de preparar até a sua ingestão.

De qualquer forma, não se pode falar que a tendência à integração entre os judeus de Curitiba seja no sentido do abandono da identidade judaica. Ao contrário, nota-se que as práticas menos religiosas, porém mais tradicionais, estão tendendo à manutenção. E a freqüência com que se organiza a festa de "Pessach" (a páscoa judaica, lembrando a saída dos israelitas do Egito) é um indicador significativo.

É verdade que esta prática torna-se pouco menos generalizada do que na década de 1930. Mas, depois de 1945, o abandono do "seder" não ganhou adeptos. E o pequeno número que apenas organizava às vezes reduziu-se ainda mais, passando a se enquadrar entre os que o organizam sempre.

VOCÊ FAZ O SEDER (%)			
	1930	1945	1970
Sempre	92,3	83,1	85,4
Nunca	1,0	12,6	12,2
Às vezes	6,7	4,3	2,4
TOTAL	100,0	100,0	100,0

É interessante observar que os aspectos mais exteriores do judaísmo são muito valorizados. Principalmente naquilo em que servem para identificar os judeus como tal, como é o

caso do "mezuzá",* presente nas portas de 92,0% da população israelita de Curitiba. A "mezuzá" indicaria, ainda, que estão mais presentes, entre os judeus da Capital paranaense, sinais de superstição do que de religião formal. Muitos dos entrevistados deixam entender que há certa semelhança entre a "mezuzá" e o patuá das religiões afro-brasileiras.

No caso particular dos cemitérios israelitas de Curitiba, também existe uma característica peculiar. Dada a ausência de um preceito religioso referente à disposição de homens e mulheres no cemitério, foi adotada pragmaticamente a separação em duas alas — masculina e feminina — repetindo a configuração espacial da sinagoga. O que confirma a ligação dessa comunidade antes às tradições do que propriamente à religião.

A partir das colocações feitas no decorrer deste capítulo, somadas às respostas do que significa "ser judeu em Curitiba", foi elaborada a definição operacional deste trabalho: o judeu é aquele que se identifica como tal, ou seja, ser judeu é uma opção pessoal, ou ainda, aquele que se identifica como tal independente das considerações de terceiros.**

*Mezuzá - usado como sinal de proteção e onipresença divina, pregado no batente das portas onde moram judeus. Contém escrito num pequeno pergaminho o Shma, isto é, o texto bíblico das Escrituras, junto ao qual o judeu reza diariamente como confissão de fé.

*Essa consideração está ligada a um sentimento de pertinência, isto é, "faço parte do grupo independentemente do porquê", ligado por sua vez ao sentimento histórico, bem como ao que preconiza a religião judaica de que judeu é aquele que é filho de mãe judia.

CAPÍTULO 3
HISTÓRICO DA COMUNIDADE

Não se pode falar da existência de uma comunidade judaica no Brasil, pelo menos até o fim do século XIX, quando chegaram os primeiros contingentes israelitas definidos e autodefinidos como tal. Mesmo porque, enquanto colônia, o Brasil teve suas portas fechadas a qualquer outra nacionalidade que não a dos senhores portugueses e a dos escravos africanos. As possibilidades eventualmente abertas foram residuais e os judeus que para cá vieram — ou porque seus bens foram confiscados; ou porque eram perseguidos pelo Santo Ofício; ou ainda porque participavam dos empreendimentos coloniais — mimetizavam-se sob a nacionalidade e a religião das nações ibéricas, até se descaracterizarem por completo da condição de judeus, como ocorreu com os chamados cristãos novos.¹

De qualquer forma, não era exatamente o Brasil rural e sem um comércio interno significativo que os judeus procuravam para fugir dos massacres (oficiais ou não) a que eram submetidos na Europa Oriental, principalmente a partir de

¹NOVINSKY, Anita. *Cristãos novos na Bahia*. São Paulo, Perspectiva, 1972. 238 p.

1881.² Sua experiência era sobretudo urbana, mercantil, uma vez que até a Revolução Francesa, na Europa Ocidental, e até o fim da II Grande Guerra, na Europa Oriental, não podiam em geral possuir terras e trabalhar em funções estatais.

Com efeito, a maior parte do contingente migratório judaico da Europa ao longo do século XIX dirigiu-se para os Estados Unidos, Canadá e Argentina, países que, além das facilidades oferecidas aos imigrantes, possuíam graus mais elevados de desenvolvimento mercantil. E para eles se dirigiam os esforços da Jewish Colonization Association (ICA), a agência que auxiliava a emigração de judeus.*

No Brasil, foram dadas algumas oportunidades para a formação de colônias judaicas, particularmente em meados do século XIX, quando se buscavam alternativas para o trabalho escravo. Mas era um trabalho rural que somente teve resultados limitados, como aquele verificado na Amazônia, no auge do ciclo da borracha, quando vieram para cá judeus gregos, turcos, palestinos e libaneses, os "sfardim",** muito mais

*A ICA foi fundada em 1891 por um grupo de banqueiros judeus, liderados pelo alemão Maurice Hirsh (1831-1896) para auxiliar a saída dos israelitas das nações onde sofressem perseguições. Antes da existência da ICA, os mesmos banqueiros usavam seus capitais como meio de pressionar as autoridades a não perseguir judeus, método que fracassou na Rússia, quando o Czar em 1881 não aceitou os 50 milhões de francos de ajuda em troca de proteção dos judeus, motivando a fundação da entidade.

**Sfardim - da palavra hebraica sefarad - Espanha. Os judeus originários da Espanha e Portugal, mais tarde espalhados por quase todos os países mediterrâneos.

¹NOVINSKY, Anita. Os israelitas em São Paulo. In: MARCONDES, J.V. Freitas & PIMENTAL, Osmar. *Espírito, povo, instituições*. São Paulo, Pioneira, 1968. p. 126-7.

como empresários que como mão-de-obra. Da mesma forma, não tiveram êxito as colônias agrícolas israelitas que a ICA tentou implantar no Rio Grande do Sul em princípios do século XX.* Tanto a Colônia Philipson, no Município de Santa Maria, quanto a Colônia de Quatro Irmãos, no Município de Passo Fundo, tiveram curta duração. Seus membros acabaram se dirigindo às cidades do Sul do País, para onde já estavam chegando levadas mais significativas de judeus poloneses e russos.

O Brasil só se constitui efetivamente em opção para esses emigrantes a partir do momento em que os grandes centros de atração impuseram restrições à imigração, ou em que as oportunidades econômicas que normalmente ofereciam foram obstruídas por crises. Como ocorreu, de fato, na Argentina, no Canadá e nos Estados Unidos na década de 1920. Entre os argentinos, em particular, o fluxo imigratório foi contido num momento de grave crise econômica em que se registravam altos índices de desemprego, tornando-se necessária, segundo as autoridades, uma interrupção do fluxo imigratório como forma de defender os empregos dos nacionais.³

*A ICA tentaria reproduzir no Brasil uma experiência realizada com algum êxito também limitado na Argentina, onde um grupo se instalou na região de Santa Fé, estabelecendo a Colônia de Moisesville. Outras colônias seriam depois criadas na mesma província de Santa Fé e nas províncias de Entre Rios, La Pampa e Buenos Aires, sempre antes da I Guerra Mundial e sempre com o apoio de crédito e educação da Associação. Em 1930 já era de 20.000 o número de judeus encaminhados pela ICA à Argentina.

³ LEVENE, Ricardo. *Síntese da história da civilização argentina*. Rio de Janeiro, A Noite, 1938. 442 p.

As dificuldades na Argentina fizeram mudar, durante aquela época, o itinerário de inúmeros judeus ucranianos e poloneses, que vieram a se instalar nas regiões mais desenvolvidas do Sul e Sudeste brasileiros. Judeus alemães e austríacos seguiriam a mesma rota quando da ascensão do nazismo na década de 1930.

3.1. IMIGRAÇÃO NO ESTADO NOVO

A entrada de estrangeiros no Brasil não foi, porém, contínua: sofre interrupções nos períodos de guerra mundial.

Todavia, excetuando-se a época colonial, a corrente imigratória nunca se interrompeu tão radicalmente quanto nos anos do Estado Novo. Nesse período a política externa pretendia estar mais próxima das nações do Eixo que das Aliadas. Ao mesmo tempo, a política interna se aproximava mais da ditadura do que das democracias ocidentais clássicas.⁴

O parágrafo 6 do artigo 121 da Constituição Federal de 1934 continha um limite para a imigração:

... a corrente imigratória de cada país não poderá exceder, anualmente, o limite de dois por cento sobre o número dos respectivos nacionais fixados no Brasil nos últimos cinquenta anos.⁵

⁴ SKIDMORE, Thomas E. *Brasil, de Getúlio Vargas a Castelo Branco: 1930-1964*. Rio de Janeiro, Saga, 1969. 512 p.

⁵ OLIVEIRA VIANA, Francisco José de. *Evolução do povo brasileiro*. São Paulo, Ed. Nacional, 1933. p. 305.

Mas os rigores da sua observância seriam aplicados a partir de 1937, quando Getúlio Vargas outorgou-se o poder de expedir decretos-leis sobre todas as matérias de competência do Legislativo, então em recesso forçado. No ano seguinte, a designação de quotas de admissão de estrangeiros no Brasil ficaria a cargo do Conselho de Imigração e Colonização, submetido à Presidência da República.⁶

O Governo Vargas determinaria ainda a nacionalização de todas as instituições de imigrantes, obrigando o uso do português como língua exclusiva nas escolas e conferências.

Essa política de nacionalização resultou na queda do fluxo imigratório para todas as nacionalidades. As facilidades de ingresso no País só voltariam a existir após o término da II Guerra Mundial, em 1945. É sintomático que o Decreto-Lei nº 7967, de 18 de setembro de 1945, que passou a reger a matéria, definisse o interesse do governo em incentivar a imigração, pela "necessidade de preservar e desenvolver na composição étnica da população, as características mais convenientes da sua ascendência européia"⁷. Postura um tanto racista, pois dava como prioritária a necessidade de se desenvolver a população de origem européia (branca, portanto). Na prática, contudo, bastante liberal. Em relação aos judeus, cuja eliminação sistemática pelo nazismo sensibilizava a opinião pública do pós-guerra, foram particularmente

⁶ OLIVEIRA VIANA, p. 306.

⁷ DEMORO, Luís, ed. Coordenação de leis de imigração e colonização do Brasil. Rio de Janeiro, Instituto Nacional de Imigração e Colonização, 1960. p. 232.

grandes as facilidades, o que levou a uma ampliação significativa da população israelita no Brasil.

Novas ondas de imigração judaica ao Brasil chegariam na segunda metade da década de 1950, por ocasião da Guerra de Suez, da Rebelião Húngara e da Guerra de Libertação da Argélia. E o destino desses judeus foi, em sua maior parte, a desenvolvida região Sudeste, com um pequeno contingente para o Sul.

3.2. PRIMEIROS IMIGRANTES EM CURITIBA E SUAS INSTITUIÇÕES

Os primeiros judeus a se instalarem no Paraná, em 1889, vieram da Galícia Austríaca numa leva de imigrantes não-judeus daquela região. Eram os cinco homens e as três mulheres da família Flaks e os dois irmãos Rosenmann,* que se estabeleceram na recém-criada colônia agrícola polonesa de Tomás Coelho, atual Barigüi.

A instalação de colônias agrícolas nos arredores de Curitiba constituiu um programa anterior mesmo à Proclamação da República e que visava estimular a imigração européia para fins de abastecimento dos centros urbanos. Os judeus não eram exatamente camponeses, mas tinham experiência adquirida, ainda na Europa, na intermediação comercial de produtos agrí-

*Um dos irmãos Rosenmann faleceu de malária, contraída provavelmente na sua passagem pelo Porto de Santos.

colas, em especial os cereais, o que facilitou suas relações com os agricultores de Tomás Coelho. Os Flaks e Max Rosenmann, que eram identificados e respeitados como judeus, organizaram um armazém de secos e molhados, onde comercializavam os gêneros agrícolas dos camponeses.

A transferência para o centro urbano de Curitiba dar-se-ia alguns anos mais tarde. Os Flaks retornaram à Europa com a finalidade de casar os filhos, única forma que julgaram conveniente para evitar que seus filhos casassem com não-judeus. Max Rosenmann, nessa mesma ocasião, saiu de Tomás Coelho e instalou um moinho a vapor na capital paranaense.

O desenvolvimento posterior da comunidade israelita do Paraná teria como cenário a cidade de Curitiba. Para cá se dirigiu também parte do contingente de imigrantes judeus chegados ao Brasil no início do século XX. Em geral, vinham apenas os homens, que após algum tempo chamavam suas esposas, noivas e demais parentes. Via de regra, sua vida cultural e religiosa era desenvolvida, informalmente, na casa de Max Rosenman.

De fato, Rosenmann foi o elemento congregador para a preservação da identidade étnica do grupo, organizando ao seu redor a prática das principais cerimônias do rito judaico, como o "Shabat", o "Seder", o "Yom Kipur" e o "Rosh Hashaná".*

*O "shabat" é o dia de descanso, o 7º dia da semana, que se inicia no entardecer de sexta-feira; o "seder" é a cerimônia pascal dos judeus, em que se lembra a saída do Egito; o "Yom Kipur" é o dia da expiação e o "Rosh Hashaná" é a festa do ano novo.

Também cuidava da realização dos rituais referentes ao nascimento* e à morte.

As práticas comunais seriam institucionalizadas a partir de 1913, quando o grupo já era constituído por 12 famílias e mais 17 homens, alguns solteiros e outros que haviam chegado sem as respectivas esposas e demais parentes. Nesse ano, funda-se a União Israelita do Paraná,** que ocupou, no princípio, uma casa alugada à rua Graciosa, atual Cândido de Abreu.

As funções religiosas ocupavam um lugar importante na União Israelita que, entre as suas primeiras providências, mandou buscar em São Paulo um "Sefer Torá", o "Aron hakodesh", o "Binah", a "Menorah", o "Ner tamid", o "Parochet" e o "Shoffar", objetos esses necessários ao rito.*** As funções be-

*Brith milá - do hebraico - brith, pacto, e milá, circuncisão. A origem desse ritual vem de Abraão que fez um pacto com Deus através da circuncisão. É um ato de iniciação à religião.

**A composição da primeira diretoria da União Israelita do Paraná era assim composta:

Presidente: Max Rosenmann

Vice-Presidente: Bernardo Schulman

1º Secretário: Júlio Stolzemberg

2º Secretário: Miguel Flaks

Tesoureiro: Salomão Goldstein Paciornik

Conselho Fiscal: Samuel Bacaleinik, Moisés Schechtman e Salomão Charatz.

***Sefer Torá - Rolo da Lei. É um pergaminho escrito a mão por escribas, onde estão contidos os cinco livros de Moisés, ou seja, o Pentateuco.

Aron hakodesh é a Arca Sagrada que contém os Rolos da Lei. Pode ser móvel ou fixa.

Binah é o púlpito donde são conduzidos os ofícios religiosos.

Menorah é o candelabro de sete braços, remissentes do primeiro e segundo Templo de Jerusalém.

Ner tamid é a luz eterna que deve permanecer sempre acesa.

Parochet é a cortina que cobre a Arca Sagrada.

Shoffar é feito de chifre de carneiro; é tocado durante as grandes festas judaicas.

neficientes acompanhavam as religiosas.

Os novos imigrantes eram logo convidados a ingressar na instituição, o que fez aumentar significativamente o número de associados e criou a necessidade de se encontrar uma nova sede, mais ampla e central, como aquela efetivamente encontrada na rua Cruz Machado, 45, em 1938.

Durante a I Guerra Mundial, o fluxo imigratório foi interrompido e a comunidade judaica de Curitiba ainda viu partirem vários de seus membros, que se dirigiam às capitais mais desenvolvidas do País, São Paulo principalmente, à procura de melhores oportunidades econômicas. Além disso, as prioridades dos judeus curitibanos, como, de resto, de outras comunidades européias aqui residentes, deslocaram-se para a ajuda às vítimas do conflito. Funda-se entre os israelitas, um Comitê de Socorro, paralelamente ao qual se organiza um Comitê Feminino para a prestação de assistência social.

Dessa forma, a União Israelita perde a exclusividade no trato dos problemas da comunidade. Em 1917, é formada a organização Shelom Sion, voltada para uma questão até então pouco considerada pelo grupo, o sionismo.*

*Os movimentos sionistas, para a obtenção de um "Lar Judaico" ou um Estado judeu, intensificam-se em 1917, quando o governo britânico, através de declaração assinada pelo seu chanceler Arthur James Balfour (1848-1930), reconhece aos judeus o direito de estabelecerem um "lar nacional" na Palestina, desde que isso não acarretasse prejuízo às comunidades não-judaicas da região. Foi através dessa declaração que os britânicos conseguiram o mandato na Palestina com a legitimação da Liga das Nações. Até então, a região estava sob seu poder ilegalmente, já que havia sido conquistada militarmente aos turcos.

Em 1920 fundem essas várias instituições — a União Israelita do Paraná, a Sociedade Beneficente Feminina (o antigo Comitê Feminino) e a Shelom Sion — num único órgão, o Centro Israelita do Paraná. A autonomia de cada uma delas foi mantida através de departamentos distintos voltados a atividades específicas. Quase simultaneamente se registrava um dos maiores surtos de crescimento da comunidade judaica de Curitiba, repetindo-se ali o que ocorreu nas principais capitais brasileiras.

Com efeito, no período entre guerras, dois fatos concorreram para tal incremento. Por um lado, o Brasil saía da I Guerra Mundial com um parque industrial pouco mais diversificado,⁸ e com seu saldo comercial superavitário, favorecendo investimentos. Por outro lado, recrudescia na Europa, em especial na Alemanha, na Áustria e na Polônia, o anti-semitismo, enquanto que nações tradicionalmente receptivas aos imigrantes, como os Estados Unidos, Canadá e Argentina, limitavam a entrada de estrangeiros.

Curitiba participou desse processo, perceptível no aparecimento de um número significativo de fábricas, principalmente no setor alimentício. O ambiente era de tal forma propício ao comércio que a população judaica da capital paranaense cresceu, aparecendo, pela primeira vez, a possibilidade concreta de criação de duas instituições importantes: a Escola e o Cemitério.

⁸ PRADO JÚNIOR, Caio. *História econômica do Brasil*. 15 ed. São Paulo, Brasiliense, 1972. 354 p.

Os judeus emigrados sempre têm, como uma de suas grandes preocupações, o estabelecimento de um campo santo, onde possam enterrar seus mortos de acordo com seus rituais.⁹

Desde os tempos da "Diáspora", o morto deve ser enterado de tal forma que as plantas dos pés possam indicar a direção da Terra Santa. Cada morto deve ter a sua própria cova, não se utilizando o jazigo único para toda a família. O caixão é igual para todos e não leva madeiras nobres nem adornos, para evitar a discriminação de classes e camadas sociais. A preparação do cadáver, por outro lado, exige um banho e uma mortalha branca sem nós, para permitir, segundo a tradição mística, a ascensão direta da alma. Para tanto se faz necessário um cemitério próprio, ao contrário, por exemplo, da sinagoga, cujas funções podem ser desenvolvidas em qualquer local, desde que conte com a presença de dez homens judeus com mais de 13 anos de idade.

Por essas razões, alguns dos membros da comunidade procuram, logo no início da década de 20, construir um cemitério próprio, no que foram desestimulados pelo Prefeito da época, que argumentava já existir o Cemitério Municipal, amplo e franqueado a todos, no qual se respeitava qualquer rito fúnebre.

Novas gestões seriam feitas nos anos seguintes, principalmente através de uma troca de correspondência entre Salomão Guelmann e o Arcebispo de Curitiba. Finalmente, em 1926,

⁹ PINKUSS, Frederico. O tricentenário da comunidade israelita dos Estados Unidos e suas relações com o Brasil. *Revista de História*, São Paulo, 14:477, abr./jun. 1953.

a Prefeitura Municipal se encarregou de construir, na avenida Água Verde, o cemitério israelita ao lado do já existente cemitério cristão.

A escola só teria seu espaço próprio a partir de 1927. Não que fosse até então desnecessária: em 1921 já havia um grande número de crianças em idade escolar, sem existir um órgão especializado na sua instrução. Havia também uma notória preocupação dos pais, que chegaram a formar um grupo de estudos para discutir o problema escolar. Mas faltavam verbas para a concretização dos projetos.

A ICA enviou, em 1925, um professor, cujas aulas eram ministradas na sede do Centro Israelita do Paraná. Tal experiência durou apenas seis meses e as aulas só foram retomadas em 1927, com a chegada de um casal de professores, cuja remuneração era paga em parte pela comunidade e em parte pela ICA. A escola ganhou um prédio próprio (uma casa alugada na rua do Rosário), e o governo estadual nomeou dois professores para o ensino de Português, História, Geografia e Ciências.

Em 1935, a Escola Israelita Brasileira Salomão Guelmann, como passou a ser denominada em retribuição ao homem que doou seu novo prédio, passou a ser uma instituição oficializada que, em convênio com o Estado, aceitava também a matrícula de alunos não-judeus.

A época da conflagração da II Guerra Mundial marca a sociedade curitibana em seu conjunto como um período de prosperidade econômica que se acentua no pós-guerra, provocando uma modificação qualitativa no seu estilo de vida, inclusive da comunidade judaica.

Por outro lado, como foi mencionado anteriormente, o

Estado Novo não apenas restringiu a entrada de novos imigrantes, como também limitou as suas atividades, especificamente as culturais, obrigando, por exemplo, a nacionalização das suas instituições e o ensino exclusivo em língua portuguesa. No caso judaico, o Centro Israelita do Paraná teve que mudar seu nome para Centro Mosaico, dedicando-se apenas aos ofícios religiosos.* Essa ação — que poderia ter resultado na rejeição ao Estado e a suas determinações, com o conseqüente enquistamento do grupo — levou, entretanto, à abertura em direção à sociedade mais ampla.

Essa abertura significou uma participação maior da comunidade junto aos setores político-sócio-econômicos de Curitiba. Não ocorreu, porém, a descaracterização completa do grupo como no século XV e XVI no caso dos cristãos novos na Península Ibérica. No fim da guerra, retomaram as suas instituições tradicionais com a diferença de que suas atividades culturais e sociais não eram mais tão distintas em relação ao resto da sociedade.

A escola, por exemplo, passa a ter o currículo igual ao das demais escolas estaduais. Mesmo uma instituição como a "Hilfs Farhein", criada no pós-guerra quando do reinício da imigração, dava como prioritária a função de adaptar os judeus à nova terra, especialmente no que se refere a alojamento e trabalho.

O Centro Israelita do Paraná tem sua nova sede projetada para funcionar como um clube, no qual as atividades so-

*O Centro Mosaico voltou a ser denominado Centro Israelita do Paraná em 1955.

ciais e culturais se colocam ao nível das esportivas e de lazer.

A tendência perceptível já na década de 1950 no sentido da especialização da instituição se concretiza ao longo das décadas de 1960 e 1970. A função religiosa, até então organicamente vinculada ao Centro, é isolada com a construção de uma sinagoga.

CAPÍTULO 4
ASPECTOS DA MOBILIDADE

4.1. A IMIGRAÇÃO

São escassos os dados relativos aos judeus no Brasil e, mais particularmente, em Curitiba, para onde se dirigiu um número relativamente pequeno de israelitas.¹

O levantamento histórico da comunidade e a observação, nas fichas, dos locais de nascimento dos imigrantes permitem que se chegue à conclusão de que o fluxo dirigido ao Paraná é parte de um mesmo fenômeno emigratório iniciado no fim do século XIX na Europa Oriental, cuja motivação principal era o anti-semitismo.

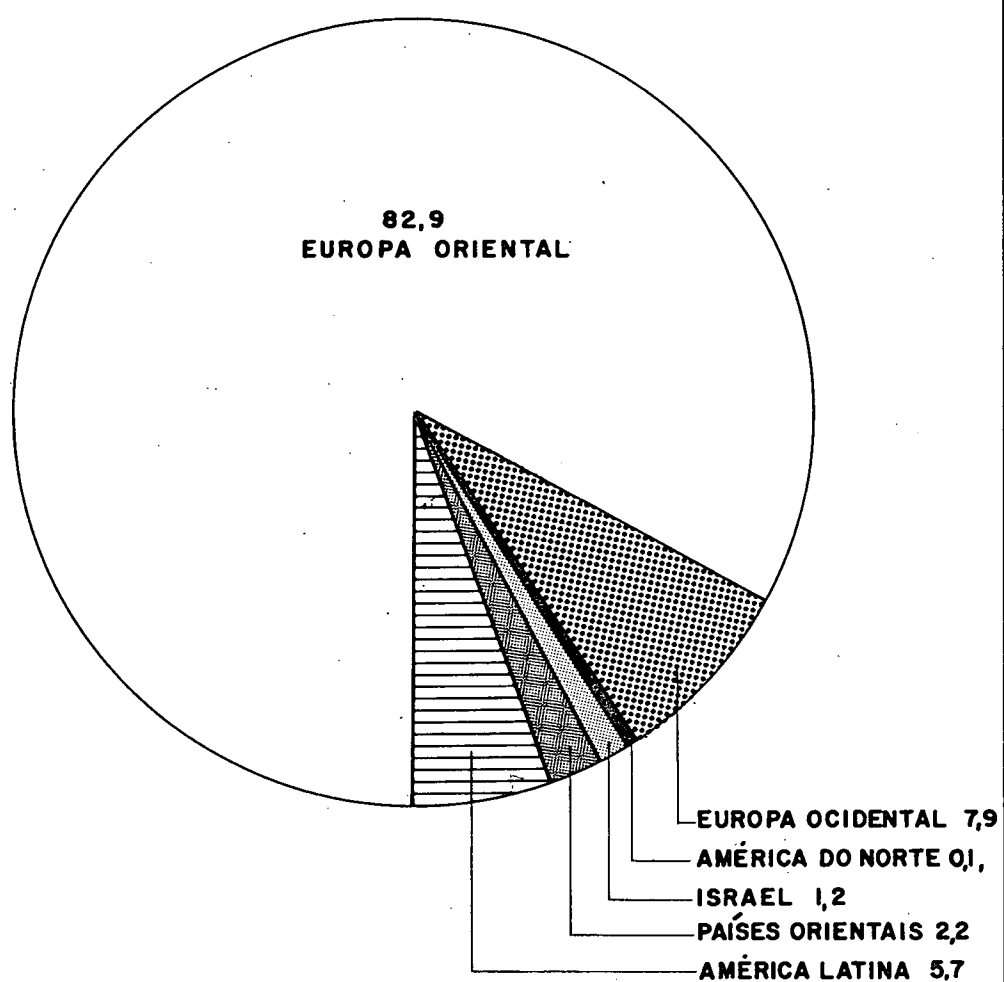
Com efeito, conforme o gráfico 1, pode-se observar que ao longo de todos os períodos, do total de emigrantes vindos para Curitiba, 82,9% eram da Europa Oriental.

Jacob Lestschinsky² relata em sua obra acerca da re-

¹ A esse respeito ver WIZNITZER, Arnold. *Os judeus no Brasil colonial*. São Paulo, Pioneira, 1966. 218 p.

² LESTSCHINSKY, Jacob. *Migrações judaicas - 1840-1956*. In: RATTNER, Henrique. *Nos caminhos da diáspora*. São Paulo, Centro Brasileiro de Estudos Judaicos, 1972. p. 56.

**GRÁFICO 01 : ORIGEM DOS IMIGRANTES DA COMUNIDADE
JUDAICA DE CURITIBA. 1889-970 (%)**



FONTE : ANEXO 2

gião de onde saíram as levadas mais importantes de judeus nos últimos cem anos:

Até meados do século XX, viviam cerca de sete milhões de judeus nos países que se encontram situados entre os rios Vístula, Niemén, Divina, Dnieper, e Danúbio (Polônia, Ucrânia, Rússia Branca, Lituânia, Letônia, Hungria, Romênia, Eslováquia, e Carpátia); oito milhões se incluímos a Rússia propriamente dita. Os judeus de todas essas terras eram vizinhos geográficos e, até a Primeira Guerra Mundial, a grande maioria pertencia a dois impérios, o Russo e o Austriaco. A proximidade geográfica e a cidadania comum deve-se acrescentar a língua comum, tradições e hábitos.

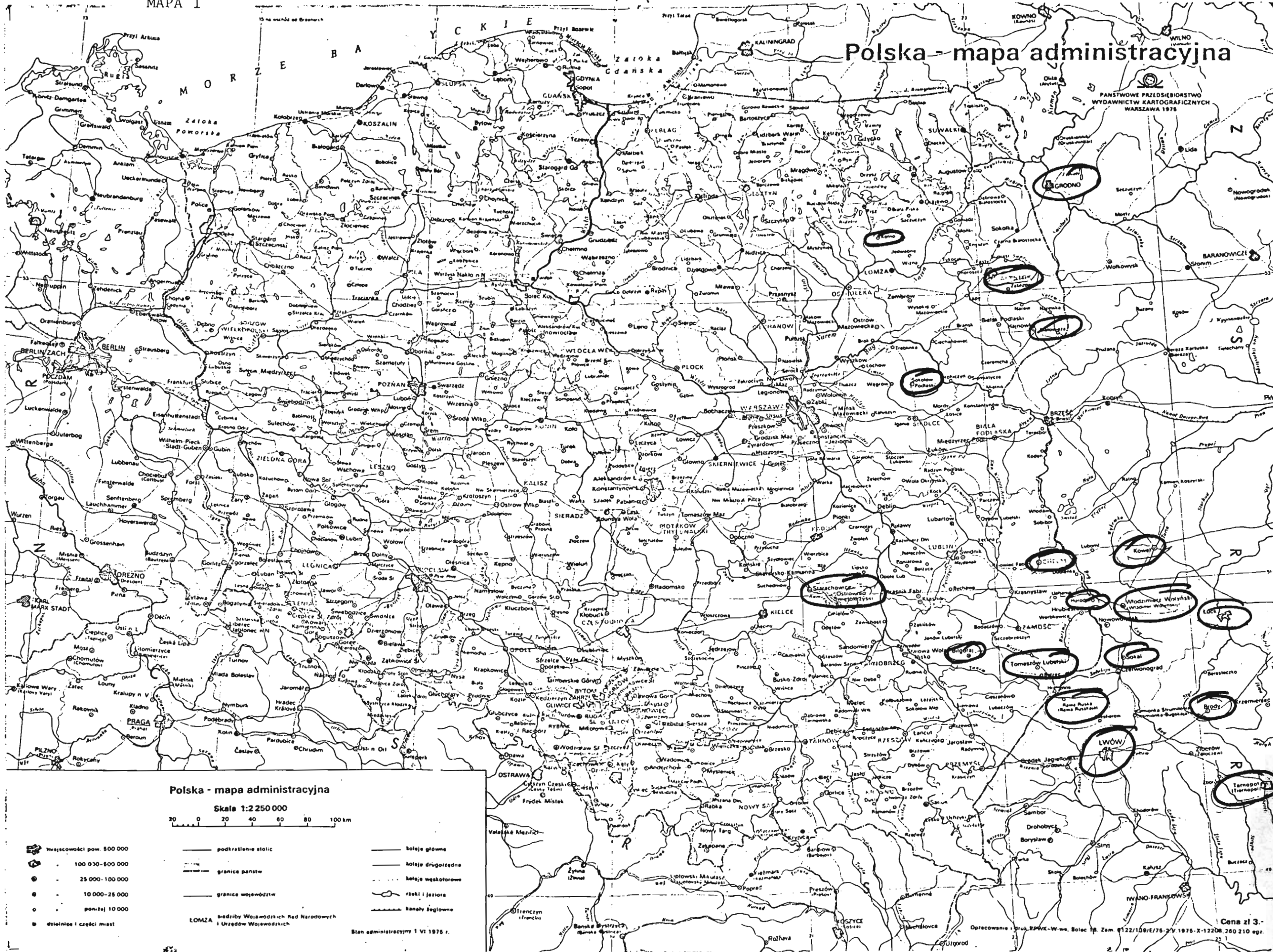
Da mesma forma verifica-se, pelo mapa da Polônia (mapa 1), que os judeus emigrados para Curitiba eram provenientes de pequenas aldeias, de fácil comunicação entre si. Eram aldeias ainda com fortes características rurais, mas permitindo aos judeus uma participação na intermediação comercial entre a cidade e o campo. Sua vida, porém, se concentrava mais nas cidades e em atividades fundamentalmente urbanas, o que os levava, na emigração, a procurar países e regiões mais desenvolvidos.

Isso explica em parte o porquê da pouca procura de um Estado como o Paraná, que, na época dos pioneiros, pouco ultrapassava a fronteira do rural. A vinda das famílias Flaks e Rosenmann para a colônia Tomás Coelho está ligada à sua experiência no comércio de gêneros agrícolas (cereais, em especial). Não vieram com outros judeus, mas numa corrente migratória não-judaica.

Conforme foi explicitado no capítulo 3, os judeus preferiam os Estados Unidos, o Canadá e a Argentina e, no Bra-

Polska - mapa administracyjna

PAŃSTWOWE PRZEDSIĘBIORSTWO
WYDAWNICTW KARTOGRAFICZNYCH
WARSZAWA 1976



sil, as regiões mais desenvolvidas como São Paulo, Rio de Janeiro e, em certa medida, o Rio Grande do Sul.

Os dados da imigração judaica para o Brasil, em 1926, demonstram as preferências dos judeus da Europa Oriental,* como mostra o gráfico 1. Os 3.906 chegados numa primeira leva aos portos do Rio de Janeiro e Santos — 35,0% dos quais da Polônia, 18,0% da Rússia, 9,0% da Romênia e 38,0% divididos entre vários outros países — assim se distribuíram:

Estado do Rio	Rio de Janeiro	465
	Nilópolis	9
	Barra do Pirahy	1
	Niterói	3
	Petrópolis	5
	Campos	1
São Paulo	São Paulo	75
	Santos	4
	Ribeirão Preto	1
Rio Grande do Sul	Porto Alegre	45
	Pelotas	16
	Santa Maria	4
	Cruz Alta	1
Paraná	Curitiba	22
Minas Gerais	Belo Horizonte	1
	Juiz de Fora	2
	Poços de Caldas	3
	Carangola	4

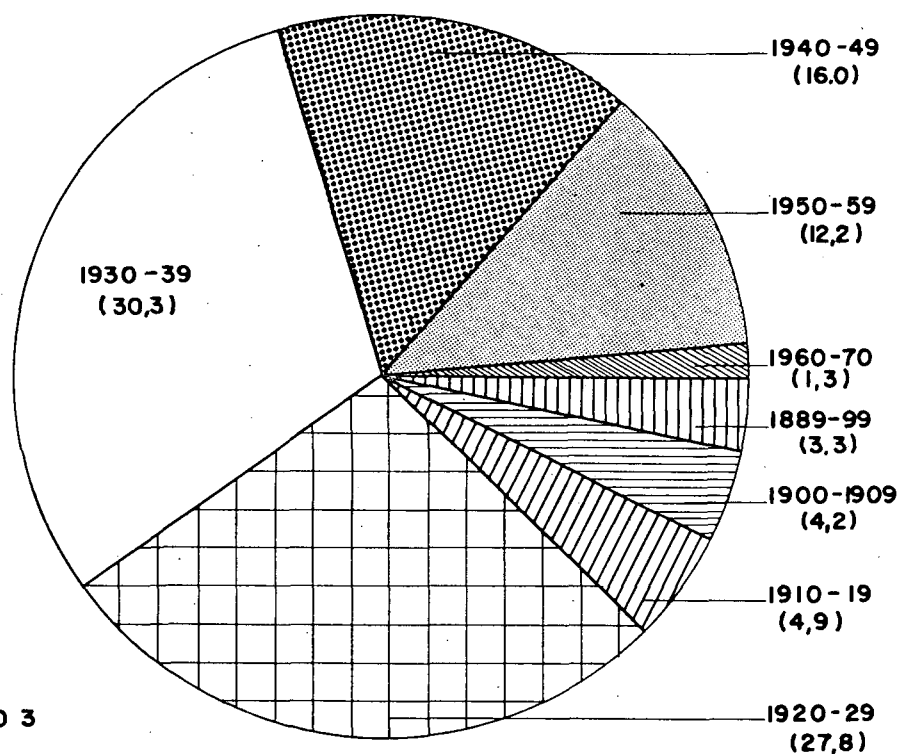
*1926 é o único ano em que há dados completos sobre o número, local de origem e destino dos imigrantes judeus. Essas informações foram retiradas do relatório do Rabino Rafalovitch enviado à ICA.

Os outros imigrantes se dirigiram para outros Estados, incluindo a Bahia, Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte. Dois foram para o Uruguai e dois para a Argentina. Numa segunda leva imigratória no mesmo ano, chegariam mais duzentas e oitenta e quatro pessoas, dez das quais com destino a Curitiba.

Dois fatores se responsabilizariam, como já foi visto, pelo desvio da imigração judaica dos três grandes centros, Estados Unidos, Canadá e Argentina para o Brasil. Por um lado, as restrições impostas naqueles países na década de 1920. Por outro, a ampliação das possibilidades econômicas do Brasil, na qual Curitiba também se insere. Explica-se dessa maneira os percentuais indicados no gráfico 2 quanto à maior intensidade da corrente imigratória entre os anos de 1920 e 1939, especialmente no período compreendido entre os anos de 1920 e 1929. Da mesma forma, torna-se natural que a origem seja comum, para a maior parte desses imigrantes, pois a reprodução aqui da vizinhança anterior tende a facilitar a sua adaptação no país de adoção.

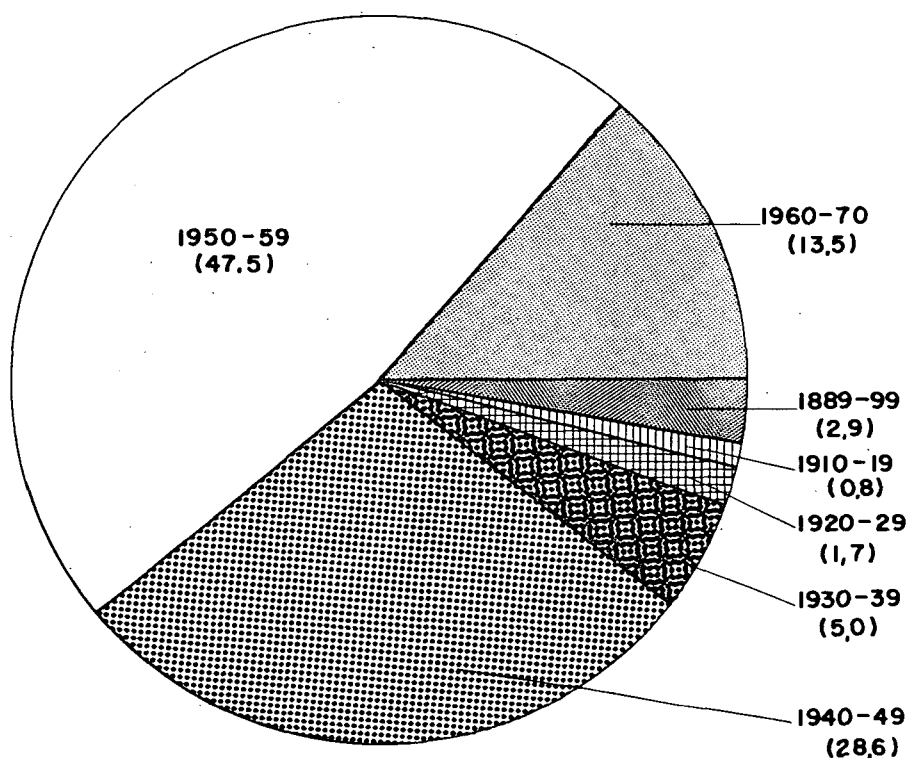
Pode-se notar que, no período que vai de 1940 a 1949, há uma acentuada queda na entrada de novos imigrantes. Na verdade, tais números refletem a ausência de imigração verificada durante o Estado Novo, até 1945. Assim também a queda verificada na década anterior é explicada pelos três anos iniciais do Estado Novo, no curso dos quais foram decretadas as novas normas restritivas à adoção de estrangeiros. Durante o primeiro governo de Getúlio Vargas, não foi possível tornar os problemas legais como em 1925, por exemplo, quando a ICA, num momento de rigor legal, conseguiu convencer as au-

GRÁFICO 02 : IMIGRANTES DA COMUNIDADE JUDAICA DE CURITIBA, POR PERÍODO DE CHEGADA EM CURITIBA - 1889 - 970 (%)



FONTE: ANEXO 3

GRÁFICO 03 : IMIGRANTES DA COMUNIDADE JUDAICA DE CURITIBA, POR PERÍODO DE NATURALIZAÇÃO 1889 - 970 (%)



FONTE: ANEXO 3

toridades brasileiras a permitirem a entrada de novos contingentes de judeus.*

O que é importante reter aqui é o fato de que, mesmo com a liberalização da imigração no pós-guerra, Curitiba não receberia mais um número importante de novos elementos judaicos. E pela observação do último período estudado, de 1960 a 1970, verifica-se uma tendência no sentido decrescente. Com isso, consolida-se a idéia da nacionalização do grupo e da sua integração, na medida em que não chegam novos imigrantes para reacender o espírito do judaísmo.

Outro dado importante para se conhecer o grau de integração da nova pátria é o das naturalizações, como pode ser visto no gráfico 3. Comprova-se que os imigrantes chegados no primeiro período são os mais reticentes quanto à adoção da nova nacionalidade. E isso porque muitos estão ligados ainda à Europa e a todas as perseguições sofridas, o que os deixava desconfiados quanto aos perigos que uma maior integração representava na perda de identidade. Da mesma forma, a Europa ainda abrigava um número grande de judeus amigos e familiares, aos quais pretendiam juntar-se um dia, caso desejassem ou fosse necessário.

Está no período de 1950 e 1959 a maior concentração de naturalizações. Em geral, de judeus chegados no pós-guerra, que são os que mais rapidamente pedem a cidadania brasi-

*A pedido da ICA, o governo brasileiro expediu uma ordem especial aos seus consulados de Londres, Paris, Varsóvia, Bucareste, Antuérpia e Rotterdam, permitindo a concessão de vistos de entrada aos judeus apresentados pela ICA. Tal fato é revelado no relatório enviado à associação pelo Rabino Ravalovitch.

leira. A maioria demora de 3 a 9 anos entre a chegada e a naturalização, conforme o anexo número 4. Nesse caso, perdeu-se a ilusão de um retorno, pois os massacres perpetrados pelos nazistas superam as tristes experiências de seus antecessores na Rússia Czarista, dos pogroms e da interdição à posse da terra.

4.2. A MOBILIDADE OCUPACIONAL

A ocupação predominante entre os judeus instalados em Curitiba é o comércio.

Vindos do *stetl*, das pequenas cidades da Polônia e da Rússia, ou ainda das grandes metrópoles cosmopolitas da Europa Central," os judeus estavam acostumados com ambientes urbanos e viviam neles desde a Idade Média. Estavam, por isso, perfeitamente preparados para preencher o papel de intermediários.³

A experiência rural era praticamente inexistente entre eles, dada a interdição à posse da terra em seus países de origem. A experiência industrial, ainda que eventualmente pudesse ter sido vivida antes de chegar ao Brasil, não encontraria correspondência em capital e infra-estrutura apropriada.

*Aqui, São Paulo é a referência. Os judeus que optaram por Curitiba, em sua maioria, não provinham de grandes metrópoles. Sua experiência, contudo, era urbana.

³RATTNER, Henrique. *Tradição e mudança*. São Paulo, Ática, 1977. p. 39.

dos para o empreendimento, uma vez que, até a década de 1960, a participação da indústria de transformação no conjunto da produção paranaense era insignificante. Por outro lado, as dificuldades de língua, o pequeno número de jovens em idade de freqüentar uma universidade e a ausência de formação colegial anterior da maior parte dos adultos, fizeram com que, até o fim da Segunda Guerra Mundial, houvesse um contingente muito pequeno de profissionais liberais ou profissionais de nível superior.

A opção pelo comércio passa, então, a ser natural. No início, na intermediação entre a cidade e o campo; depois, na capital com o comércio ambulante — o klienteltshik* — que foi a forma originária de acumulação de capital entre os membros da comunidade judaica.

Tal comércio não exigia grandes reservas de capital. Muitas vezes os fornecedores, principalmente os judeus, davam prazos longos para o pagamento, bem como forneciam as mercadorias em consignação. Também não exigia gastos com instalações e demais despesas decorrentes, pois as mercadorias eram armazenadas na casa do próprio comerciante. Este vendia suas mercadorias a pé ou de charrete, de domicílio em domicílio. O aparecimento das lojas (futuros magazines) e de um certo número de fábricas tem origem nesse fenômeno.

*Klienteltshik - vendedor ambulante que vai de casa em casa para vender sua mercadoria. Em São Paulo, eram chamados "braço forte", em virtude de que expunham suas mercadorias no braço.

Até 1970, o comércio continuaria ocupando a maior parte da população economicamente ativa da comunidade judaica de Curitiba.*

Neste ano, 37,2% dos homens e 15,5% das mulheres declaravam-se ligados ao comércio, isso sem contar um número indeterminado de mulheres que não indicaram uma atividade profissional definida. Através de entrevistas realizadas, chegou-se ao conhecimento de que elas, apesar de não explicitarem, auxiliavam seus maridos no comércio. Essa situação é acentuada nos primeiros anos da imigração e permanece em 1945.

O gráfico 4 aponta evidentes mudanças que se vêm processando de 1930 a 1970. Declina a participação dos comerciantes e dos industriais no conjunto da população economicamente ativa, dando lugar a uma ascensão contínua dos profissionais liberais, em sua maioria médicos e engenheiros. As mulheres, em particular, passam a participar mais ativamente do mercado de trabalho, seguindo a mesma tendência geral do grupo.

Ocupação em 1930

No primeiro período, a grande concentração ocupacional situava-se no comércio e num comércio mais primitivo do

*Considera-se população economicamente ativa o conjunto de pessoas situadas entre 15 e 64 anos, conforme metodologia de Louis Henry: aquelas denominadas por ele de pessoas de idade ativa.

tipo "klienteltshik". As poucas indústrias existentes eram de móveis ou de beneficiamento de gêneros agrícolas, além da extração vegetal. Concentravam-se na categoria de comerciantes 48,2% dos imigrantes.

Verifica-se também que há um número significativo de pessoas de ocupação indeterminada. No caso de mulheres, tudo leva a crer que se dedicavam às prendas domésticas e que acessoriamente trabalhavam com o marido. No caso dos homens, a ausência de informações não se explica tão facilmente. A verdade é que uma parte desses homens — conforme informações obtidas nas entrevistas — não esclareciam sua atividade, pelo fato de atuarem de forma auxiliar no comércio ou na indústria. Essa concentração de indeterminados verificada tende a se reduzir nos períodos subseqüentes.

A pequena participação de profissionais de nível superior pode ser explicada da mesma forma como já foi dito: pelas dificuldades de compreensão da língua, pela ausência de instrução anterior e pelo pequeno número de jovens com idade de freqüentar uma universidade. Tenha-se em conta, ainda, que o acesso à universidade não era tão corrente para todos os setores da classe média paranaense, o ensino superior no Paraná, como de resto no Brasil, só podia ser alcançado por um pequeno número de pessoas.

Ocupações em 1945

Em 1945, já são observadas mudanças importantes na estrutura ocupacional dos judeus de Curitiba. Os comerciantes

homens sofrem uma baixa de 12,2% em seus contingentes, enquanto que a participação dos profissionais liberais aumenta 6,2%. Entre as mulheres já começa a aparecer esta ocupação (3,3%). Essa categoria ganha expressividade com a presença dos jovens que optam pelas profissões de curso superior.

Os industriais têm a sua participação ampliada em apenas 0,5%. Essa pequena parcela da população judaica se estabelece em ramos como o do mobiliário e da alimentação, principalmente. Até o fim da década de 1950, a indústria no Paraná era pouco desenvolvida, visto que, nessa época, o café era a principal atividade. A diversificação da produção dar-se-ia nos anos de 1960, depois de uma crise no mercado internacional do café, com uma queda acentuada dos preços.

Ocupação em 1970

O processo de redução relativa do contingente de comerciantes e industriais continua, assim como se amplia consideravelmente o número de profissionais de nível superior.

Inicialmente o que chama a atenção é o decréscimo na indústria apesar das mudanças sofridas no Paraná, inclusive no que se refere à criação de uma infra-estrutura mais desejável, expressada em melhores condições de energia elétrica e de transportes.

O que explica esse fenômeno é a impossibilidade do setor industrial paranaense de concorrer, a partir de 1950, com o desenvolvimento industrial da Região Sudeste e, em especial, de São Paulo.

Por outro lado, em relação aos comerciantes, nota-se que ainda mantêm uma participação significativa (37,2% para o sexo masculino e 15,5% para o sexo feminino), sem, porém, a mesma força dos períodos anteriores.

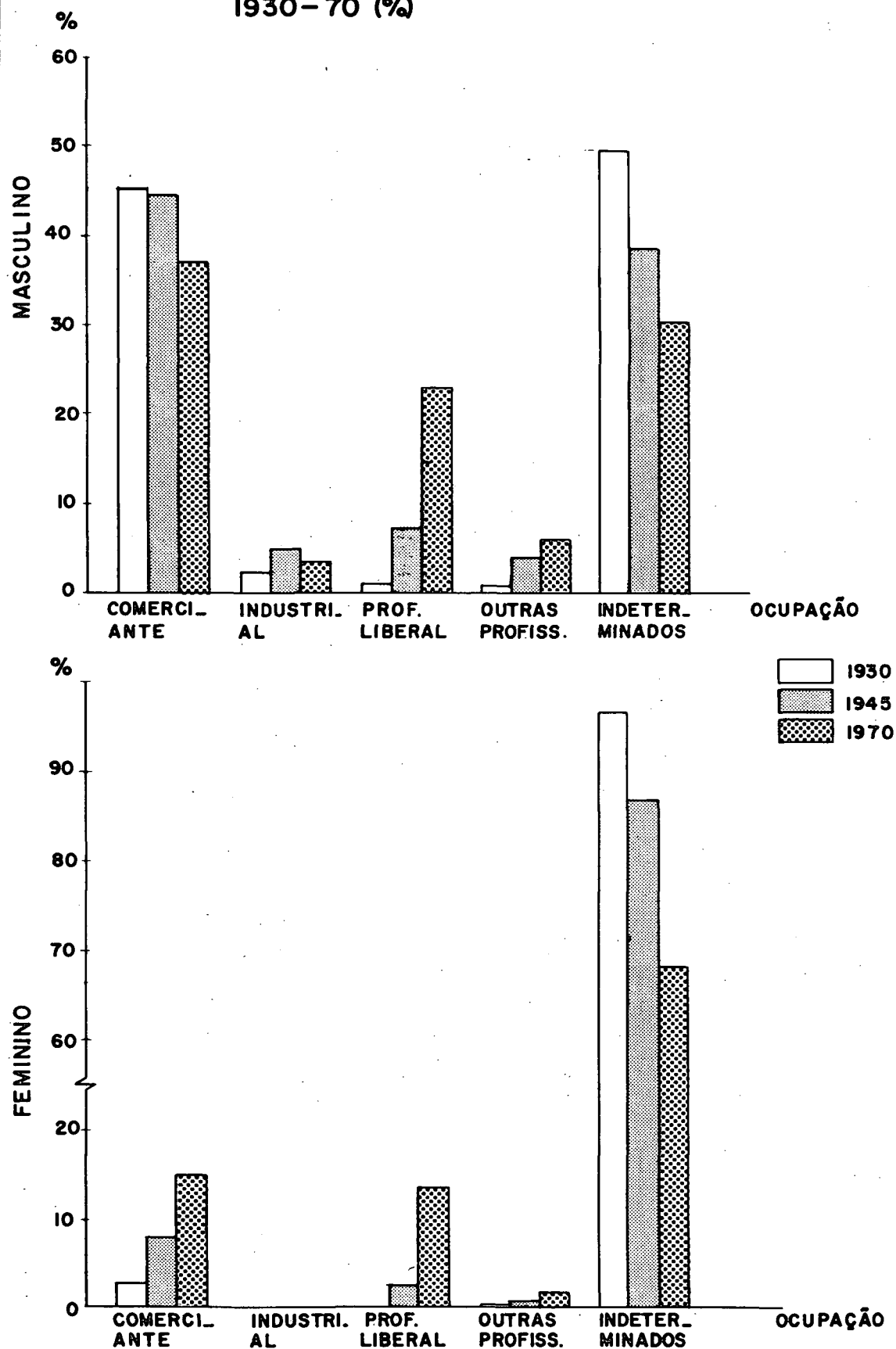
As profissões de nível superior parecem estar exercendo uma atração maior sobre as demais ocupações. Ser "doutor" em engenharia e em medicina coloca-se nesta época como uma aspiração dos jovens judeus. São as profissões proporcionadoras de "status", ou seja, a fórmula de ascender na escala social por meio da educação. Aliás, preocupação presente na sociedade brasileira como um todo.

Torna-se importante ressaltar que a comunidade judaica de Curitiba vem abandonando seus traços ocupacionais judaicos, sintoma talvez de integração, pois, pelo menos nesse particular, nada os distingue do restante das classes médias da cidade. A tendência é no sentido não mais do judeu comerciante ou industrial, instalado atrás de uma máquina registradora ou carregado de roupas pelas ruas, mas do profissional de nível superior que, dada a possibilidade de frequentar as universidades, se insere como profissional liberal.

4.3. MOBILIDADE DOMICILIAR

Desde a sua chegada ao Brasil, os judeus procuraram sempre se estabelecer não apenas nos centros urbanos, mas nos lugares de maior concentração comercial desses mesmos centros. Isso aconteceu em São Paulo, aconteceu no Rio de Ja-

GRÁFICO 04: EVOLUÇÃO DO COMPORTAMENTO DA POPULAÇÃO ECONOMICAMENTE ATIVA, POR SEXO E OCUPAÇÃO. COMUNIDADE JUDAICA DE CURITIBA. 1930-70 (%)



FONTE : ANEXO 5

neiro⁴ e também em Curitiba, onde eles se instalaram nos bairros da cidade denominados Centro e Rebouças, principalmente nas imediações da estrada-de-ferro, por onde circulavam as populações vindas do interior.

Além da razão econômica, apontada acima, a opção domiciliar era motivada também por razões de ordem social, associativas e adaptativas. E, de fato, os judeus recém-chegados procuravam já os lugares onde encontrariam outros israelitas com os quais pudessem se entender do ponto de vista da língua, da religião etc.* Era assim também que — com a ajuda dos vizinhos — poderiam iniciar um "negócio" para a sua sobrevivência material. Em suma, a proximidade domiciliar proporcionava um ambiente de segurança e solidariedade dentro da sociedade que lhes era estranha.

Eram raros os casos em que famílias judaicas se deslocavam para bairros mais retirados. Até 1930, poucas eram as famílias que procuravam os bairros mais afastados como Mercês e Bigorrilho. Apenas quatro famílias se aventuraram a residir no distante bairro do Portão, onde, entre outras coisas, negociavam com os produtores agrícolas poloneses de Araucária.

Em 1945, aparecem os primeiros sinais de mudança na situação domiciliar dos judeus curitibanos. A grande concen-

*Os ofícios religiosos, por exemplo, exigem um mínimo de dez varões para serem realizados. Trata-se do "miniam", que dificilmente poderia ser conseguido se a reduzida população judaica estivesse muito dispersa.

⁴ Ver NOVINSKY, Anita. *Os israelitas em São Paulo*, RATTNER, Henrique. *Tradição e mudança*, e ANUÁRIO ESTATÍSTICO DA COMUNIDADE JUDAICA DE SÃO PAULO.

tração, é verdade, continuou sendo no Centro e em Rebouças, onde 63,4% deles residiam e mantinham seus "negócios". Mas a segunda geração dos imigrantes já começa a se transferir para bairros mais nobres, simbolizando sua ascensão social. Muitos dos mais velhos, apesar de persistirem com suas lojas no Centro, passam a residir em locais separados das mesmas.

É sintomático que bairros como o Batel e Alto da Rua XV tenham conhecido aumentos significativos de sua população judaica: 3,0% dos israelitas moravam no Batel em 1930; em 1945, eles já eram 8,6%; no alto da Rua XV, nos mesmos anos, o acréscimo foi de 2,0% para 2,4%.

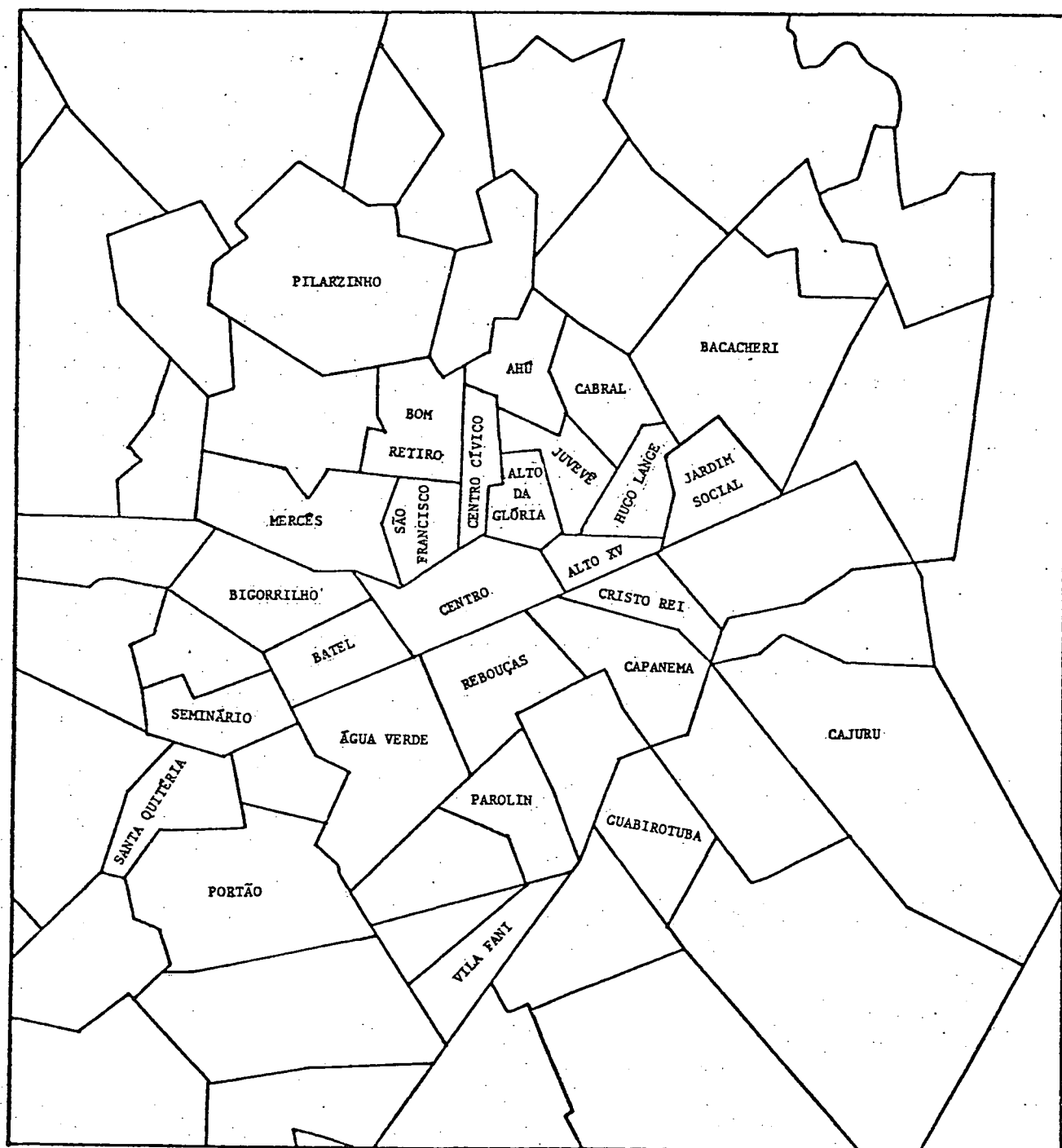
Em 1970, os domicílios se alteram sobremaneira. O local de residência e o local de trabalho não eram mais necessariamente coincidentes e a ascensão social dos membros da comunidade os levou com mais evidência para aqueles bairros socialmente mais nobres. Desta forma, cresceu a população judaica do Batel e do Alto da Rua XV. No primeiro, instalaram-se 15,9% dos israelitas, que vivem, em sua maior parte, em casas. No segundo, 11,9% que moram, na maior parte das vezes, em prédios de apartamentos.

Em todos os casos, o movimento é no sentido dos bairros de alta classe média e burguesia, reduzindo aqueles espaços iniciais que poderiam ser identificados como eminentemente judaicos. De certa forma, o fenômeno diz respeito a seu grau de integração, pois a procura de um domicílio tem a ver cada vez menos com as necessidades particulares do grupo, adaptativas e associativas, como se mencionou, e cada vez mais com as suas características sócio-econômicas. Os judeus não escolhem mais o local de residência motivados pela

presença mais próxima de outros membros da sua comunidade.

A evolução dos domicílios da comunidade judaica está sintetizada no mapa 2 a seguir, que tomou por base, para sua elaboração, os dados do anexo número 7.

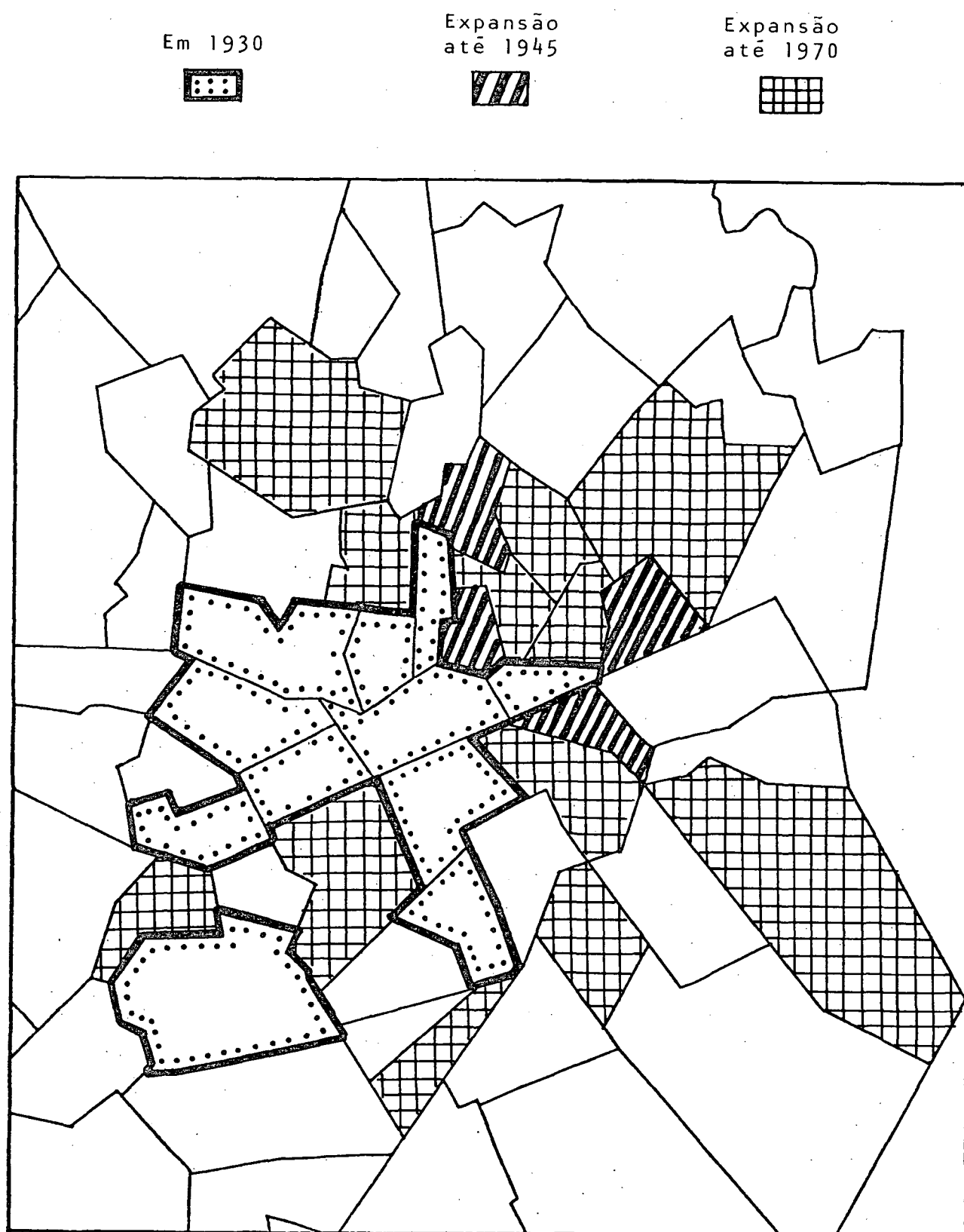
MAPA 2 - BAIRROS DE CURITIBA - 1979



FONTE: Mapa do Instituto de Pesquisas e Planejamento Urbano de Curitiba (IPPUC) - 1979.

MAPA ELABORADO E DESENHADO PELO PROFESSOR JAYME ANTÔNIO CARDOSO.

MAPA 3 - LOCALIZAÇÃO DAS FAMÍLIAS ISRAELITAS NOS BAIRROS DE CURITIBA



FONTE: Anexo 8, anexo 9 e anexo 10.

MAPA ELABORADO E DESENHADO PELO PROFESSOR JAYME ANTÔNIO CARDOSO.

CAPÍTULO 5
ESTADO E MOVIMENTO DA POPULAÇÃO

O exame do estado da população compreende a reconstituição dos efetivos populacionais, a distribuição por sexo e as estruturas etárias. Esses dados foram comparados com aqueles referentes à população total de Curitiba, permitindo verificar até que ponto o grupo em estudo foi numericamente significativo e em que momentos representou cifras importantes com referência ao conjunto. Em ambos os casos, foi possível verificar a relação entre o peso quantitativo dos israelitas curitibanos e a importância social e econômica que eles tiveram no Estado.

Para essa verificação, foi elaborado um quadro da composição populacional da comunidade em diferentes períodos, bem como foram computados dados iguais referentes às populações do Estado do Paraná e do Município de Curitiba.

Houve dificuldades para estabelecer parâmetros entre a comunidade judaica de Curitiba e as demais comunidades judaicas do Brasil,* devido à escassez de estudos acerca das mesmas. Nas comparações entre os efetivos populacionais do

*Só existem estudos referentes aos judeus radicados em São Paulo. Um primeiro, de 1968, realizado pelo professor Henrique Rattner. E um segundo, para 1978, patrocinado pela Federação Israelita do Estado de São Paulo.

Paraná e Curitiba, essa dificuldade se acentua, em função da impossibilidade de compatibilização de muitas das informações.

Confrontada com a população total de Curitiba e do Estado do Paraná,* a comunidade judaica é numericamente inexpressiva. A tabela 1, a seguir, confirma isso, uma vez que em todo o período, nem a nível municipal, chega a uma participação de 1,0%.

TABELA 1 - PARTICIPAÇÃO DA POPULAÇÃO DA COMUNIDADE JUDAICA NO TOTAL DE CURITIBA E DO PARANÁ (%).

	1940	1950	1960	1970
em Curitiba	0,83	0,75	0,43	0,29
no Paraná	0,09	0,06	0,04	0,02

FONTE: Anexo 11.

As comunidades israelitas de São Paulo e do Rio de Janeiro são pouco expressivas perante as populações dos seus respectivos municípios, apesar de mais procuradas pelos imigrantes, dadas as melhores condições econômicas por eles oferecidas.

*Não foram aqui utilizados os dados de Curitiba e Paraná anteriores à década de 1940, por dificuldades no seu manuseio.

recidas. A título de exemplo, os judeus que viviam em São Paulo não correspondiam, em 1968, a mais de 1,0% da população paulistana.¹

Embora quantitativamente pouco representativo, o judeu se faz notar na sociedade mais ampla. Possivelmente isso se deve, de um lado, à posição de destaque na vida social e econômica; e, de outro, à tradição religiosa e cultural. Parece que sua notoriedade deriva principalmente das condições econômicas que desfruta e, nesse sentido, qualquer grupo, cuja maioria de seus membros esteja localizada entre as camadas sociais mais altas, também se sobressai.

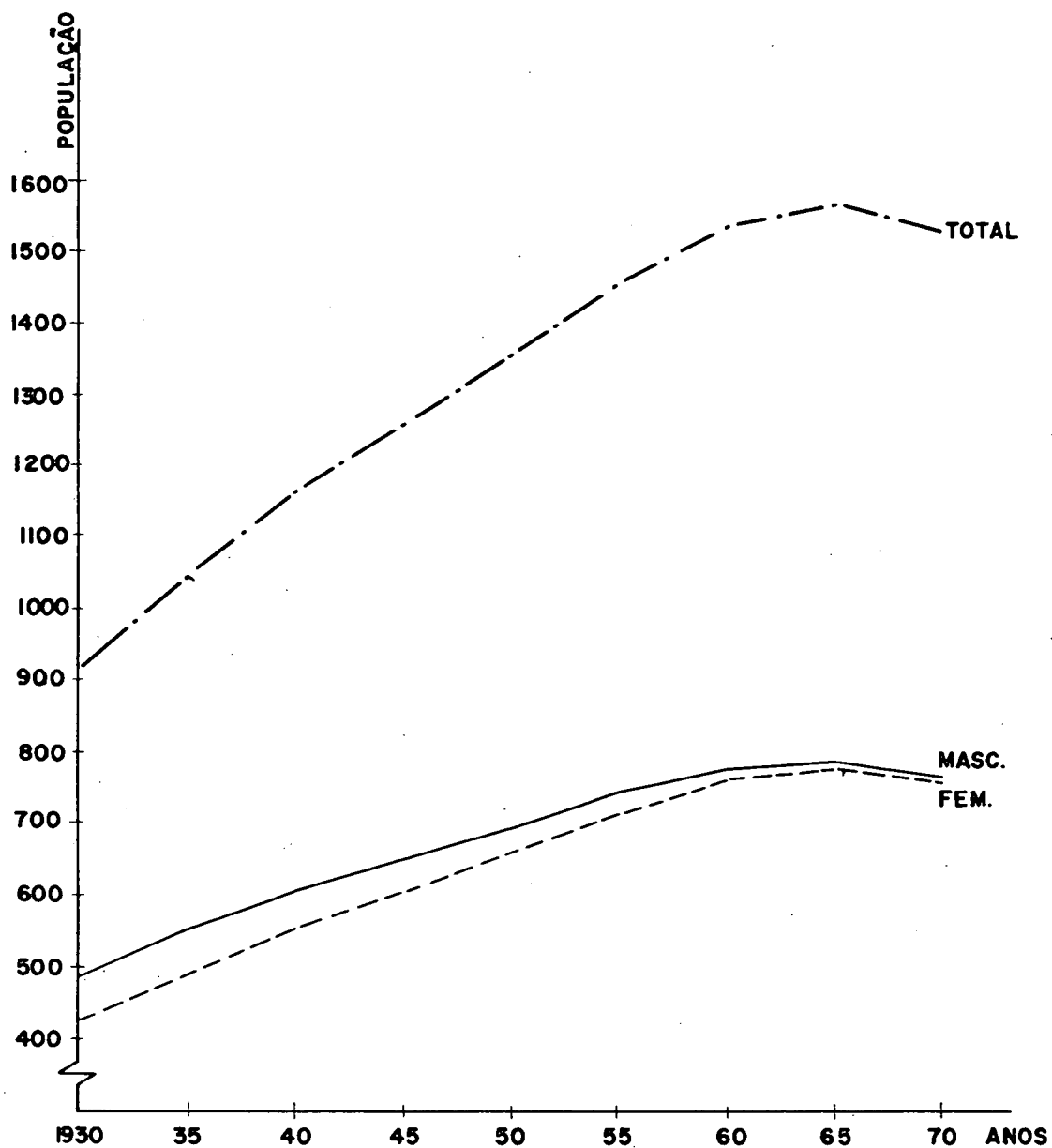
O que talvez possa se caracterizar como uma particularidade da comunidade judaica de Curitiba é a sua estrutura populacional, que desde 1950 traduz mais a estrutura da população dos países desenvolvidos do que a das nações emergentes.

Dito isso, serão analisados os dados que expressam as características da comunidade judaica de Curitiba, no que se refere a seus aspectos demográficos.

Através do gráfico 5 verifica-se que houve um aumento constante nos efetivos totais dessa população, passando de 914 pessoas em 1930 para 1.567 em 1965. No quinquênio final, 1965-70, há uma interrupção nesse crescimento, uma vez que se constata um decréscimo em números absolutos (41 pessoas), ficando em 1970 com o contingente populacional de 1.526.

¹ RATTNER, Henrique. *Tradição e mudança*. São Paulo, Ática, 1977. p. 22.

**GRÁFICO 05 : EVOLUÇÃO DA POPULAÇÃO DA COMUNIDADE
JUDAICA DE CURITIBA 1930 - 70**



FONTE: ANEXO 12

O mesmo gráfico mostra que, na distribuição da população por sexo, há um relativo equilíbrio, durante o período analisado. Comparativamente, porém, é maior o número de indivíduos do sexo masculino em relação ao sexo feminino, como evidencia o cálculo da razão de masculinidade dessa população. Os índices apresentam-se elevados nos primeiros quinquênios, pois em 1930 havia 114,6 homens para cada 100,0 mulheres e, em 1935, 112,7 para 100,0, respectivamente. A razão de masculinidade começa a baixar a partir de 1940, atingindo em 1970 o índice de 100,2.

Isto está de acordo com o comportamento das populações imigrantes, que tendem, na sua fase inicial, a ter um excedente de elementos masculinos em relação ao efetivo feminino, isto é, com a razão de masculinidade acima de 105,0. No caso da comunidade judaica de Curitiba, são responsáveis pelos índices já mencionados algumas faixas etárias que integram a idade adulta, o que pode ser verificado na tabela 12 em anexo.

Entretanto, esse comportamento tende a se modificar, na medida em que diminui a corrente imigratória, como indicam os dados abaixo:

TABELA 2 - RAZÃO DE MASCULINIDADE

ANO	RAZÃO DE MASCULINIDADE
1930	114,6
1935	112,7
1940	108,6
1945	107,8
1950	104,2
1955	104,2
1960	101,8
1965	101,4
1970	100,2

FONTE: Anexo 12

⇒

5.1. DISTRIBUIÇÃO ETÁRIA

A representação gráfica em forma de pirâmide para o ano de 1930 é a triangular clássica. É simétrica e apresenta reentrâncias na faixa etária de 10 a 15 anos, para ambos os sexos. No cume, as idades mais avançadas coincidem entre os efetivos masculinos e femininos pelo simples fato de que os imigrantes vieram, em geral, já na situação de casados.

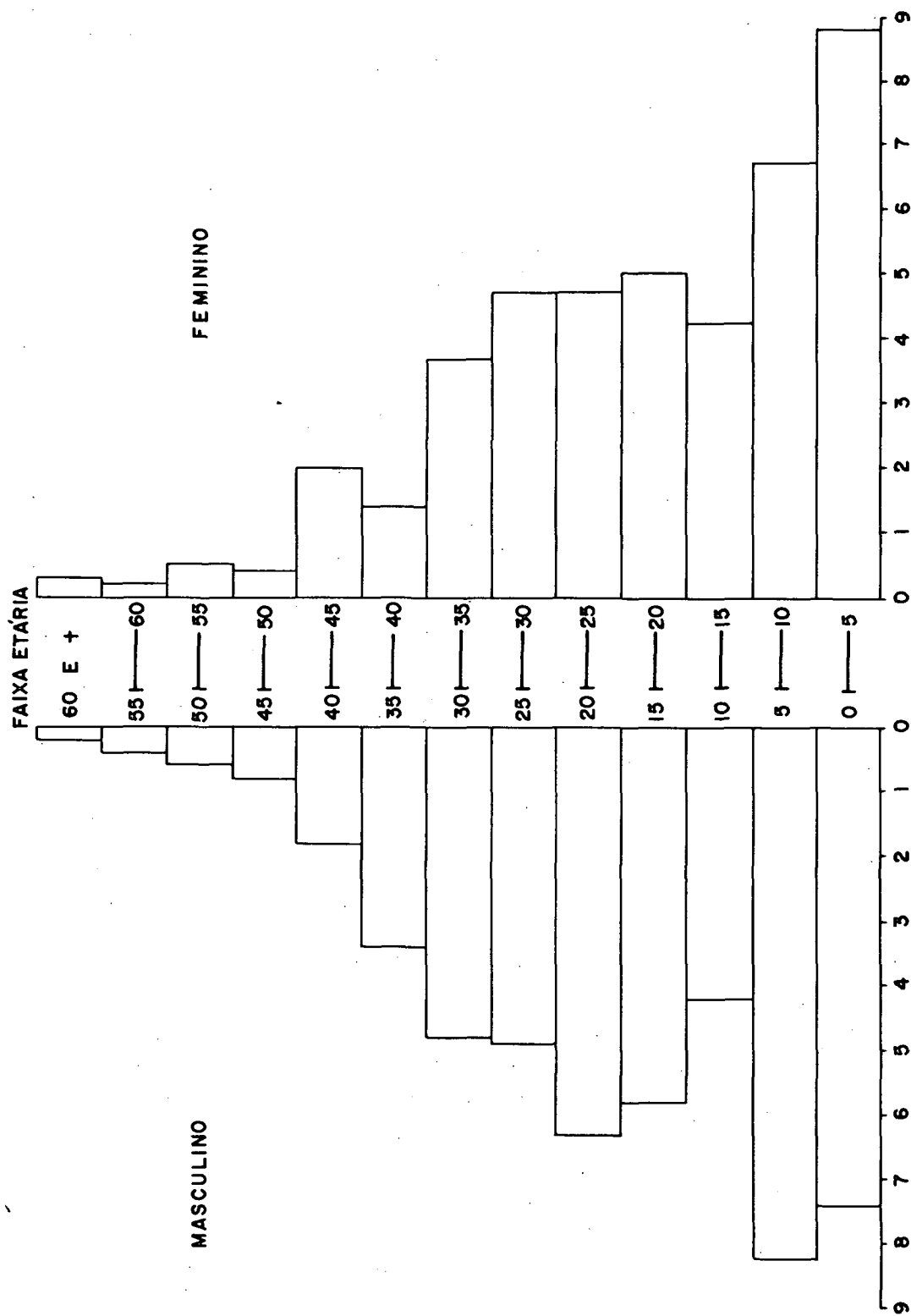
A população judaica deste período é jovem, distribuindo-se assim:

0-20 anos	- 55,1%
20-60 anos	- 44,4%
60 e mais	- 0,5%

Pode-se inferir a partir desses números que o maior contingente da população imigrante chegada a Curitiba era constituído de jovens.

A reentrância na faixa de 10 a 15 anos de idade poderia ser explicada pela crise gerada entre 1914 e 1918, pela Primeira Guerra Mundial. Sabe-se que, em épocas de crises, baixa a natalidade. Essa explicação não busca seu fundamento nos nascimentos ocorridos em Curitiba nesse período de guerra, uma vez que se trata do início da imigração onde, conseqüentemente, se registram poucos nascimentos. Todavia, é pertinente aos imigrantes já presentes aqui em 1930, afetados pela crise ainda em seus locais de origem. Deve ser lembrado que o ano de 1930 faz parte do período de maior afluxo de imigrantes para Curitiba (gráfico 06).

GRÁFICO 06 : POPULAÇÃO DA COMUNIDADE JUDAICA DE CURITIBA - 1930



FONTE: ANEXO 12

A estrutura etária do ano de 1940 é ainda muito semelhante à do período anterior:

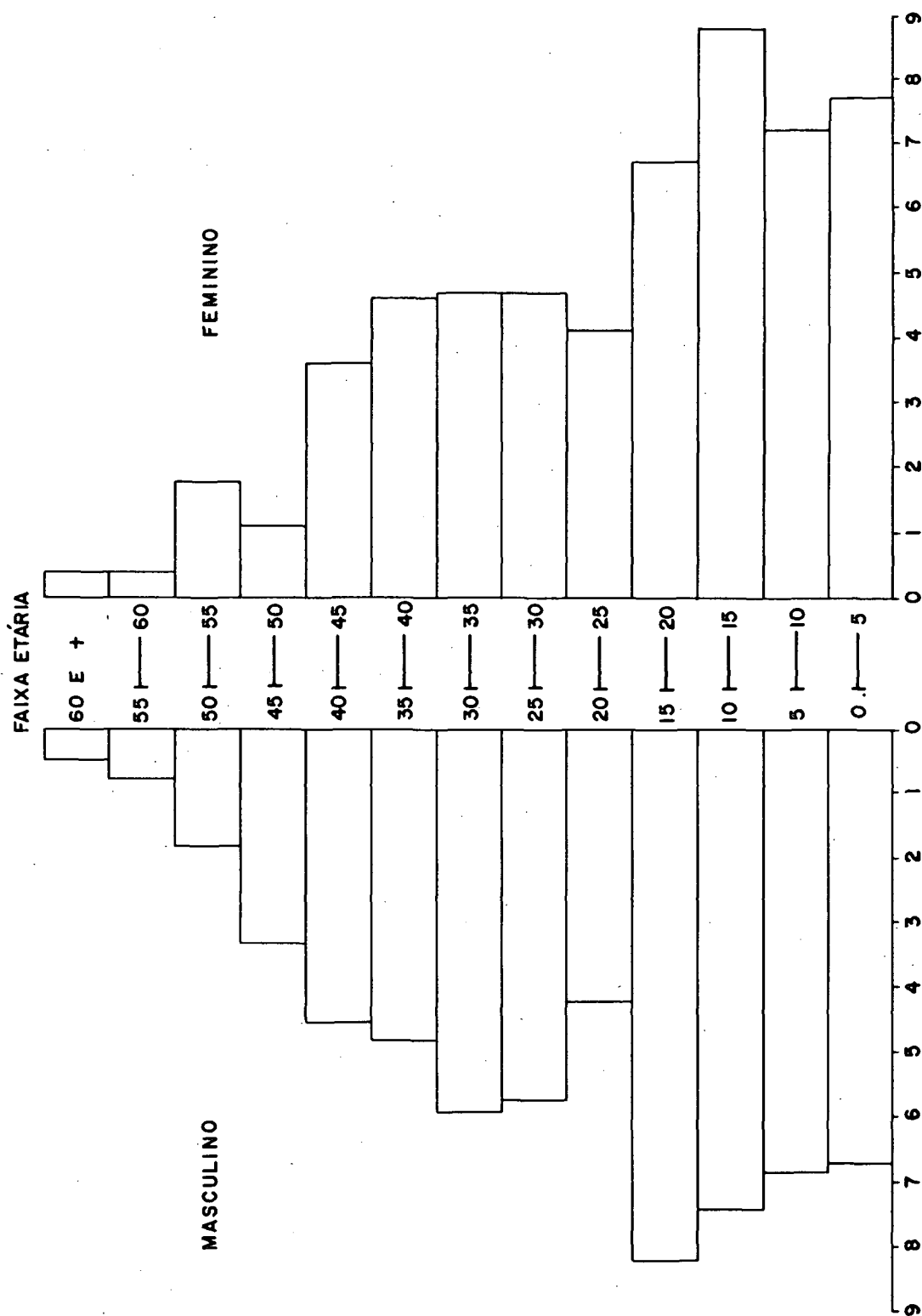
0-20 anos	- 51,1%
20-60 anos	- 48,1%
60 e mais	- 0,8%

A população, como se vê, continua sendo predominantemente jovem, começando, todavia, a ampliar em direção à faixa populacional adulta. Esta população que compreende praticamente a P.E.A. (população economicamente ativa) chega em 1950 a superar, em participação, a população jovem. Assim, fica evidente a existência de grande força de trabalho na comunidade judaica, que propicia, a partir da referida década, uma maior diversificação de ocupações, como foi demonstrado no capítulo referente à mobilidade ocupacional.

A reentrância verificada na faixa etária de 20 a 25 anos é conseqüência de fatores já referidos na análise anterior, na pirâmide de 1930, ou seja, durante a Primeira Guerra Mundial houve uma retração na taxa de natalidade. Já a relativa diminuição da parcela correspondente a 0-10 anos de idade pode talvez ser atribuída à crise econômica iniciada em 1929 e que se prolongou nos anos da década de 1930. No Brasil, a crise foi sentida de forma reflexa (gráfico 07).

As grandes mudanças na estrutura populacional da comunidade judaica de Curitiba dar-se-iam, efetivamente, a partir de 1950. É fato que, até 1970, as pirâmides que representam graficamente tal população continuariam simétricas, com algumas nuances. Mas é certo também que a forma típica piramidal vai-se desfazendo.

GRÁFICO 07 : POPULAÇÃO DA COMUNIDADE JUDAICA DE CURITIBA - 1940



FONTE : ANEXO 12

O exame da pirâmide do ano de 1950 já permite afirmar que a população judaica curitibana já não pode mais ser caracterizada como predominantemente jovem. A grande característica, ao contrário, é o alargamento da faixa adulta (gráfico 08). Assim, para cada 100 pessoas, tem-se a seguinte estrutura:

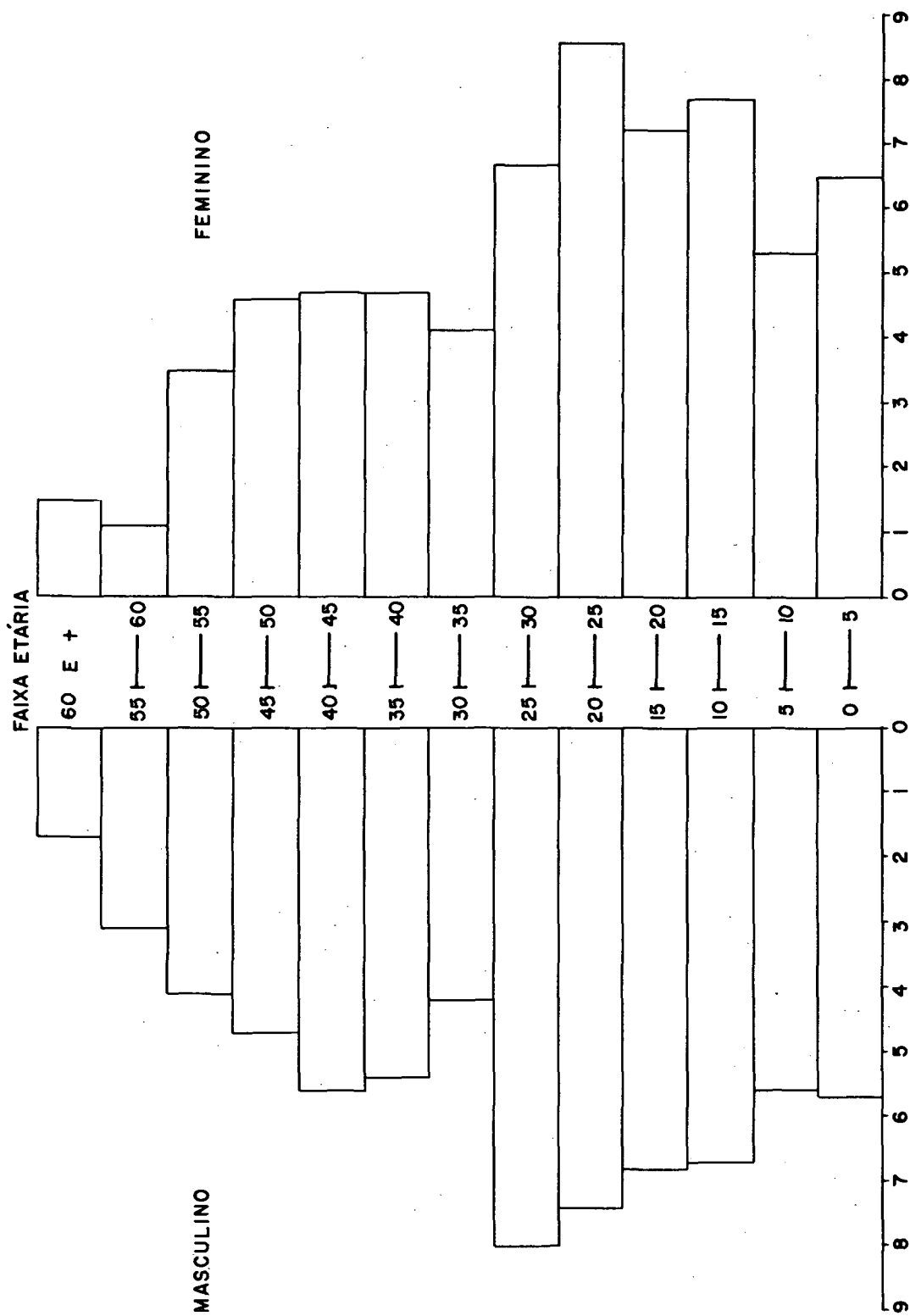
0-20 anos	- 38,1%
20-60 anos	- 59,5%
60 e mais	- 2,4%

O estreitamento na faixa etária correspondente aos que nasceram durante a Primeira Guerra Mundial dispensa explicações. O que se faz necessário explicar é a redução relativa na faixa de 0 a 5 anos. A responsabilidade por esse fenômeno deve ser atribuída aos fatos verificados entre 1940 e 1945, isto é, à Segunda Grande Guerra. Nesses cinco anos, conforme se pode observar na tabela 3, a taxa geométrica de crescimento anual foi de -5,42%. E só no período seguinte, de 1945 a 1950, voltaria a haver crescimento positivo, no caso, 2,28%. E no quinquênio 1950-55, alcançaria 4,90% ao ano. De uma situação de incerteza e insegurança, como foi a conflagração mundial, especialmente para os judeus, passa-se na mesma década para uma outra, de prosperidade econômica e maiores liberdades políticas, propiciando a procriação.

Pela semelhança da forma das pirâmides de 1960 e 1970, será feita uma análise conjunta, destacando-se as particularidades de cada uma delas:

	1960	1970
0-20 anos	35,3%	35,2%
20-60 anos	60,4%	59,3%
60 e mais	4,3%	5,5%

GRÁFICO 08 : POPULAÇÃO DA COMUNIDADE JUDAICA DE CURITIBA - 1950



FONTE: ANEXO 12

TABELA 3 - TAXAS GEOMÉTRICAS ANUAIS DE CRESCIMENTO POR PERÍODOS, SEGUNDO FAIXAS ETÁRIAS -
COMUNIDADE JUDAICA DE CURITIBA - 1930-70.

FAIXA ETÁRIA	1930/35	1935/40	1940/45	1945/50	1950/55	1955/60	1960/65	1965/70
0 + 5	-2,88	0,57	-5,42	2,88	4,90	0,13	-2,71	-7,72
5 + 10	1,69	-2,88	0,57	-5,42	2,28	4,90	0,13	-2,71
10 + 15	12,15	1,69	-2,88	0,57	-5,42	2,28	4,90	0,13
15 + 20	-4,90	12,15	1,69	-2,88	0,57	-5,42	2,28	4,77
20 + 25	-0,55	-4,95	12,41	1,43	-2,77	0,57	-5,46	1,44
25 + 30	2,38	-0,75	-4,41	12,11	1,45	-2,95	0,44	-6,56
30 + 35	2,25	2,22	-0,96	-3,85	11,34	1,37	-2,64	-0,30
35 + 40	12,11	2,03	2,24	-0,77	-4,32	10,92	1,71	-2,56
40 + 45	4,34	11,50	2,80	2,06	-0,79	-4,17	10,03	2,51
45 + 50	25,26	3,53	12,42	3,32	1,66	-0,80	-4,76	10,81
50 + 55	1,76	24,57	4,10	11,55	3,67	1,08	-0,42	-5,73
55 + 60	10,76	3,71	21,67	5,59	11,38	3,86	1,34	-1,55
60 e +	3,71	8,45	5,92	21,67	4,04	11,43	3,09	1,49
TOTAL	2,66	2,24	1,48	1,53	1,44	1,13	0,40	-0,53

FONTE: ANEXO 12

A pirâmide de 1970 só faz consolidar as tendências apresentadas em 1960, com uma predominância ainda mais acentuada da população adulta, ainda que a faixa considerada jovem não deixe de ser expressiva. A população mais idosa, por outro lado, passa a ter uma participação mais significativa no conjunto.

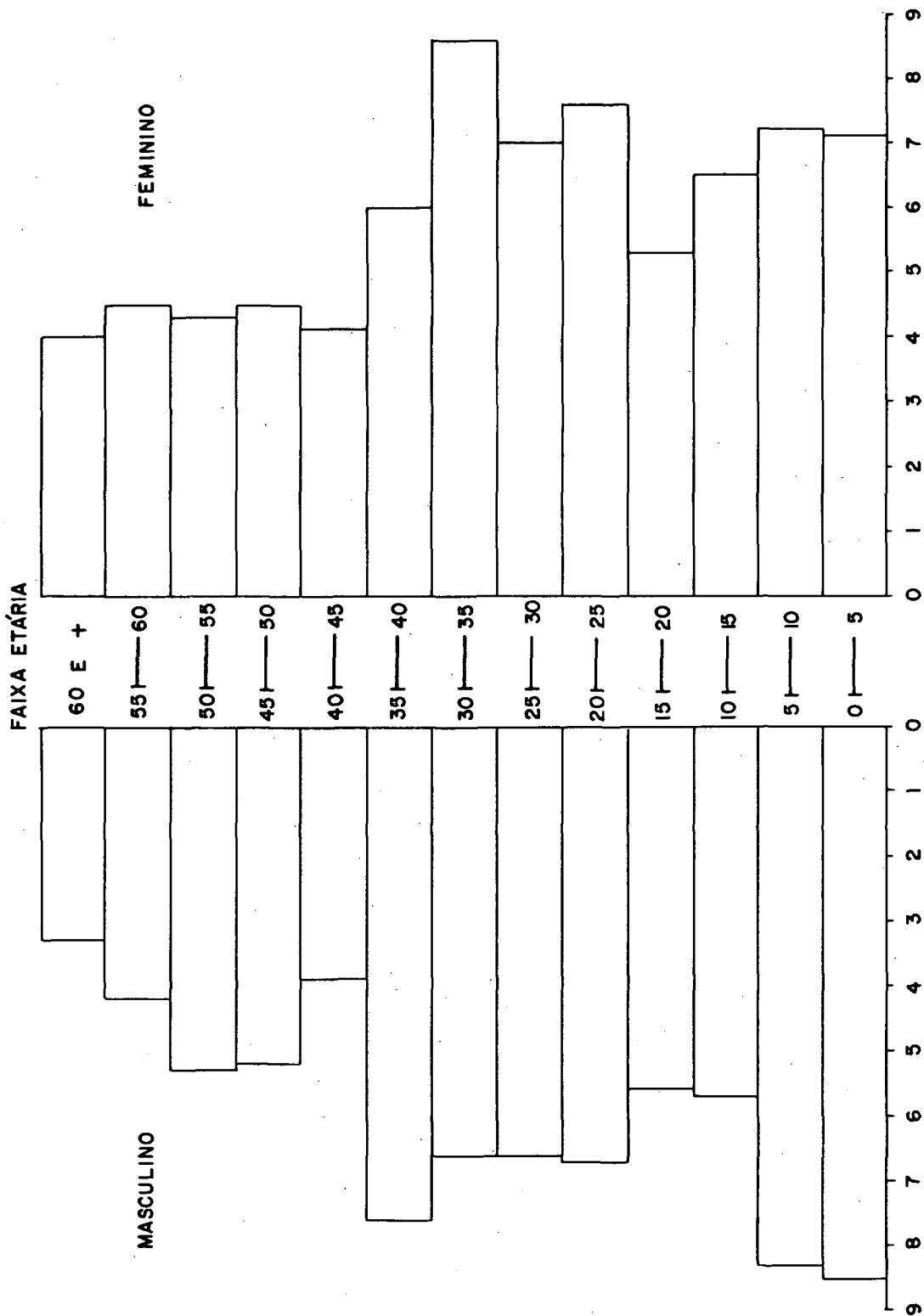
A pirâmide de 1960, especificamente, reafirma aquelas reentrâncias nas faixas de 10 a 15 anos e de 15 a 20 anos que é o resultado, já visto, da baixa natalidade verificada durante a Segunda Guerra Mundial. Os judeus de 40 a 45 anos também se incluem numa reentrância devido a fator semelhante, já indicado anteriormente.

As crises, porém, não foram significativas durante a década de 1950. O judeu no Brasil pôde participar com grande segurança dos mesmos empreendimentos econômicos, políticos e sociais dos demais brasileiros. Isso repercutiria no seu comportamento demográfico (gráfico 09).

As faixas etárias que compreendem pessoas de 0 a 5 anos e 5 a 10 anos aumentaram, em relação a 1950. O quinquênio 1950-55 foi particularmente significativo, pois a taxa geométrica cresceu 4,90% ao ano, fato que não se repetiria depois, já que no quinquênio seguinte e na década de 1960 a tendência foi declinante e a partir de 1960 as taxas são negativas.

A pirâmide de 1970 vai evidenciar o declínio da natalidade entre os judeus curitibanos, com a redução da participação relativa na faixa de 0 a 5 anos. A tabela 3 deixa evidente o declínio: no período de 1960 a 1965, a taxa geométrica de crescimento foi negativa (-2,71%), repetindo-se en-

GRÁFICO 09 : POPULAÇÃO DA COMUNIDADE JUDAICA DE CURITIBA - 1960



FONTE: ANEXO 12

tre 1965 e 1970 (-7,72%). Esses índices não fogem ao comportamento demográfico apresentado pelas demais comunidades judaicas do mundo, que tendem a diminuir seu efetivo populacional.

As razões, porém, dessas quedas nas taxas de crescimento, especificamente para o Brasil, talvez possam ser explicadas pela instabilidade política, econômica e social que se instala no início dos anos de 1960 e se estende até 1970, provocando a insegurança para a população em geral.

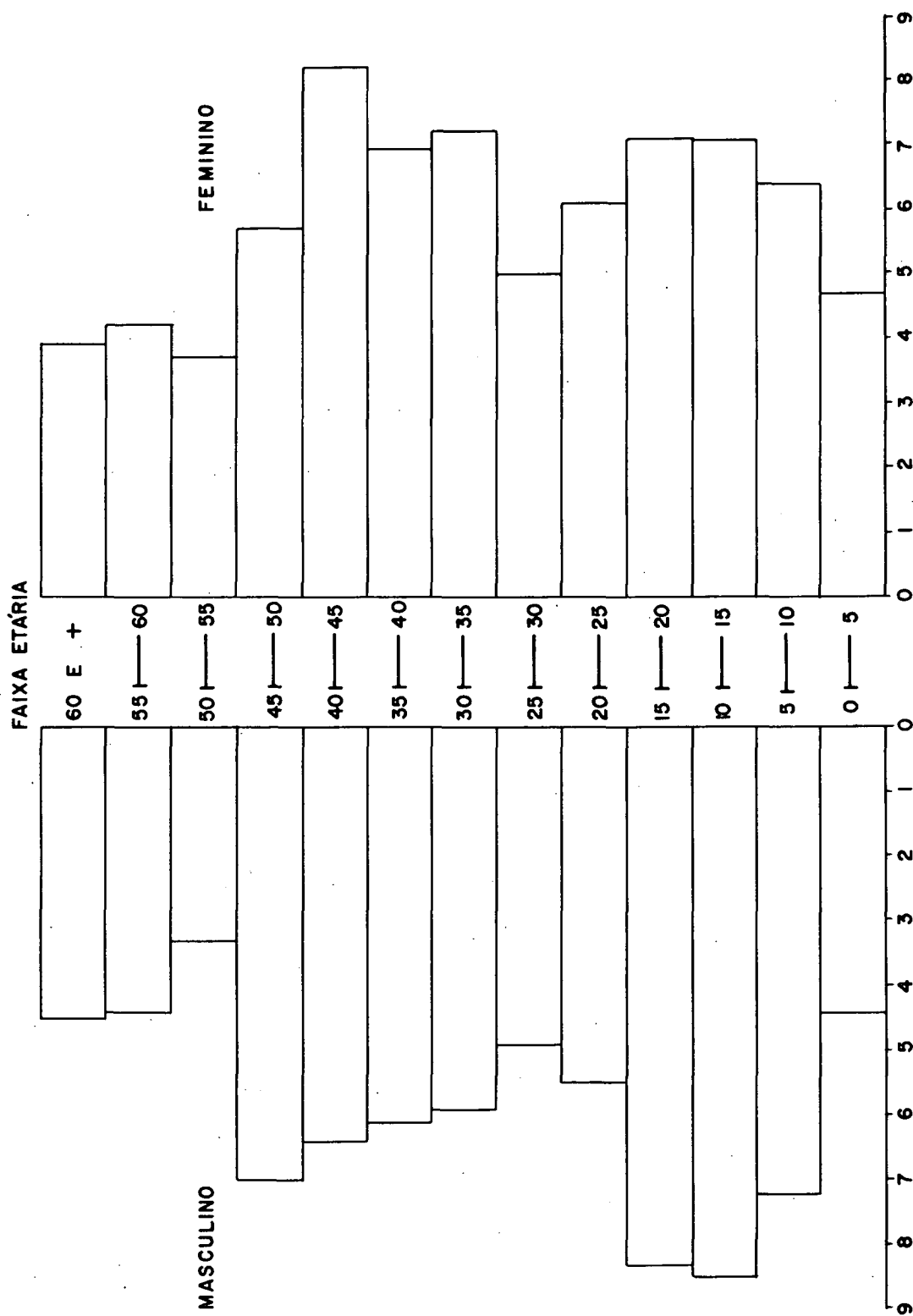
A população das altas faixas etárias continua ampliando sua participação, chegando ao seu ponto máximo em 1970, com uma representação de 5,5% do conjunto. Entre as pessoas de 60 anos e mais, encontra-se uma parcela significativa de indivíduos com mais de 70 anos e, mesmo, na faixa dos 80. Isto se torna mais evidente entre 1960 e 1970, quando a somatória dos óbitos das faixas jovens e adultos é inferior ao número encontrado na faixa de 60 anos e mais.

Esse fato significa um envelhecimento da população, isto é, aumento de sua expectativa de vida. Tal comportamento reflete as condições adequadas de vida que desfrutam, em sua maioria, os judeus pertencentes a essa comunidade (gráfico 10).

5.2. COMPARAÇÃO COM A POPULAÇÃO DO ESTADO DO PARANÁ

Para entender o fenômeno demográfico dos judeus em Curitiba foi necessário confrontá-lo com os dados relativos ao conjunto da população paranaense. Isso, no entanto, foi

GRÁFICO 10 : POPULAÇÃO DA COMUNIDADE JUDAICA DE CURITIBA - 1970



FONTE: ANEXO 12

possível para os anos de 1940, 1950 e 1970 no que se refere à estrutura dos grupos etários.

Nos três primeiros períodos, a população do Estado do Paraná assume, na representação gráfica, a forma de pirâmide configurada como acento circunflexo, isto é, com a base ampla significando a manutenção de altas taxas de natalidade, enquanto a correspondente à comunidade judaica não obedece à mesma sistemática (gráfico 11).

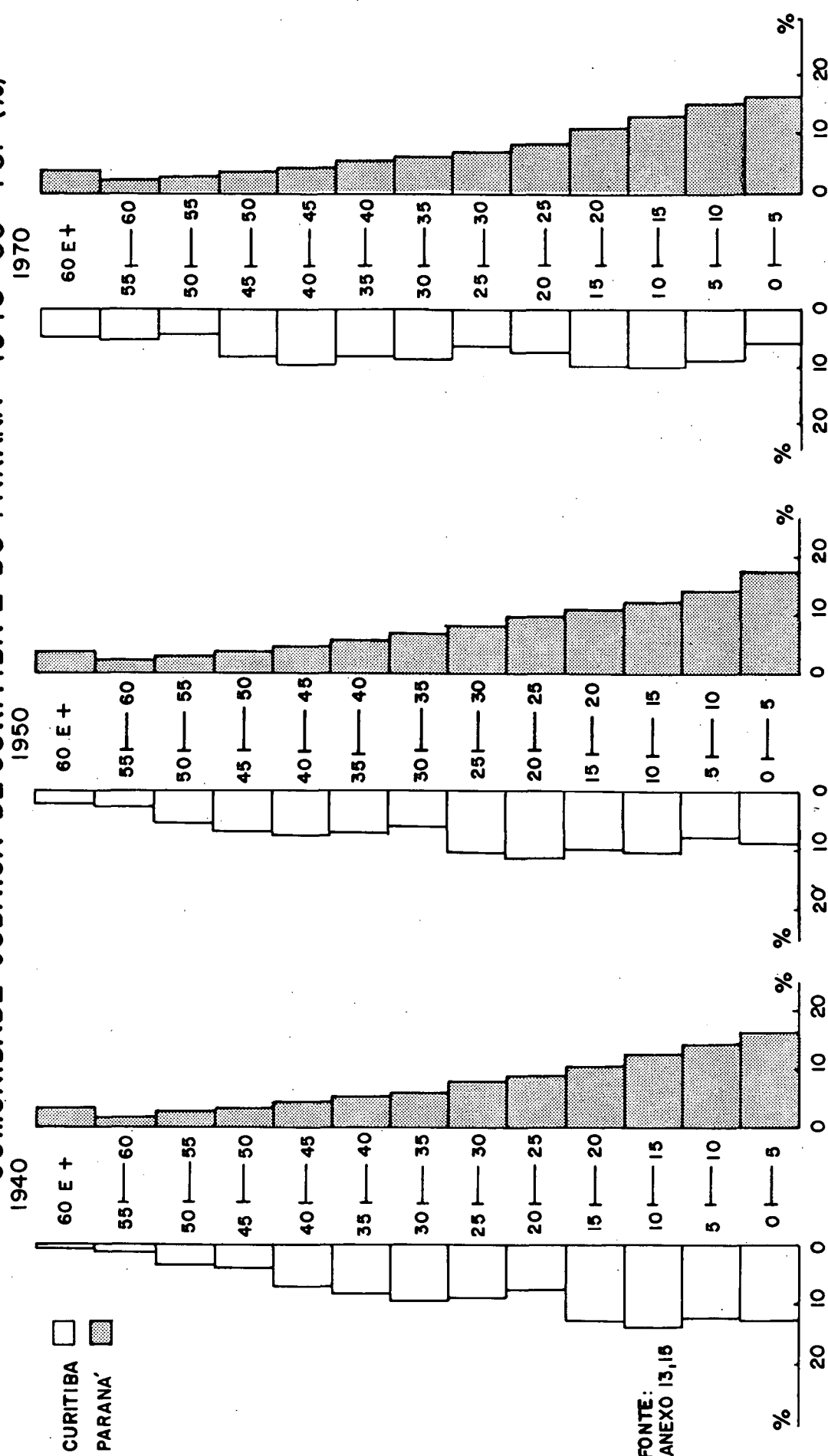
A estrutura etária da população paranaense possui as mesmas características dos países subdesenvolvidos, com a predominância da população jovem, em detrimento da população adulta e velha. Desse modo, o perfil da pirâmide paranaense apresenta-se com uma base ampla, diminuindo gradativamente na medida em que aumentam as idades. Esse fenômeno é típico dessas populações, em função dos altos índices de natalidade e da mortalidade relativamente precoce de uma parcela da população adulta.

Somadas as faixas etárias compreendidas entre 0 e 20 anos, aqui consideradas como população jovem, representam mais da metade do total paranaense nas três décadas analisadas, como demonstram os dados abaixo:

	1940	1950	1970
0-20 anos	54,7%	54,3%	56,6%
20-60 anos	41,6%	42,3%	39,7%
60 anos e mais	3,7%	3,4%	3,7%

Pelo exposto fica evidenciado que existem diferenças bem marcantes entre essas duas populações, a paranaense e a da comunidade judaica, pois esta última, como já foi dito an-

**GRÁFICO 11 : PARTICIPAÇÃO POR FAIXA ETÁRIA NO TOTAL DAS POPULAÇÕES DA
COMUNIDADE JUDAICA DE CURITIBA E DO PARANÁ - 1940-50-70. (%)**



teriormente, assemelha-se mais à estrutura das populações dos países desenvolvidos.

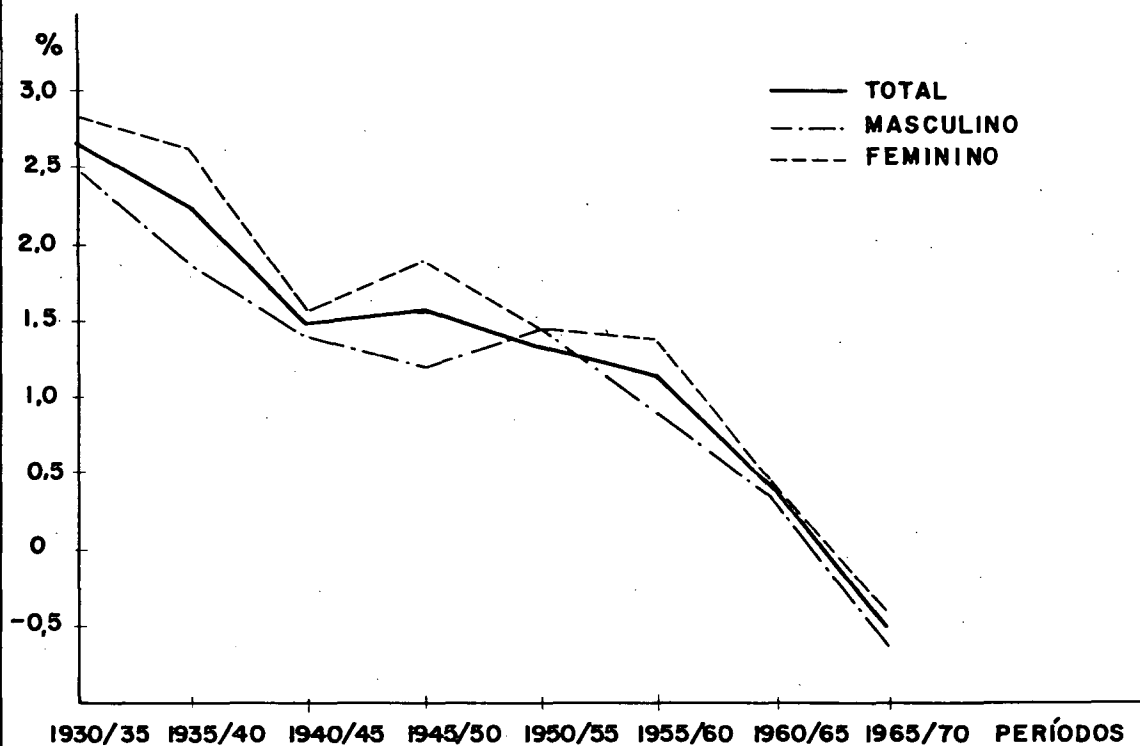
5.3. TAXAS GEOMÉTRICAS DE CRESCIMENTO

O exame das taxas geométricas de crescimento reforçam as considerações feitas quando da análise da população por estrutura de idade. Com efeito, as taxas quinquênaais relativas à comunidade judaica de Curitiba, para todo o período, apresentam uma tendência decrescente: no período inicial (1930-1935) era de 2,66%, enquanto no último período (1965-1970) passa a ser de -0,53%. Tal comportamento só se interrompe no quinquênio 1945-50, quando se registra uma ligeira elevação em relação aos cinco anos anteriores (1,53%), conforme representação gráfica 12.

É importante notar que a taxa observada entre os judeus é sempre menor, em todos os períodos, que as verificadas nos conjuntos populacionais de Curitiba e do Estado do Paraná. No fim da observação, a taxa entre os judeus chega a apresentar o índice de -0,07%, como pode ser visto no gráfico 12. Tanto a capital paranaense quanto o Estado apresentam uma elevação em suas taxas geométricas anuais de crescimento no período de 1950 a 1960, quando praticamente se igualam, com 7,18% e 7,29% respectivamente, somente baixando na década seguinte.

O que pode explicar as diferenças de comportamento en-

**GRÁFICO 12 :EVOLUÇÃO DAS TAXAS GEOMÉTRICAS ANUAIS
DE CRESCIMENTO DA POPULAÇÃO JUDAICA
EM CURITIBA. 1930 - 70**



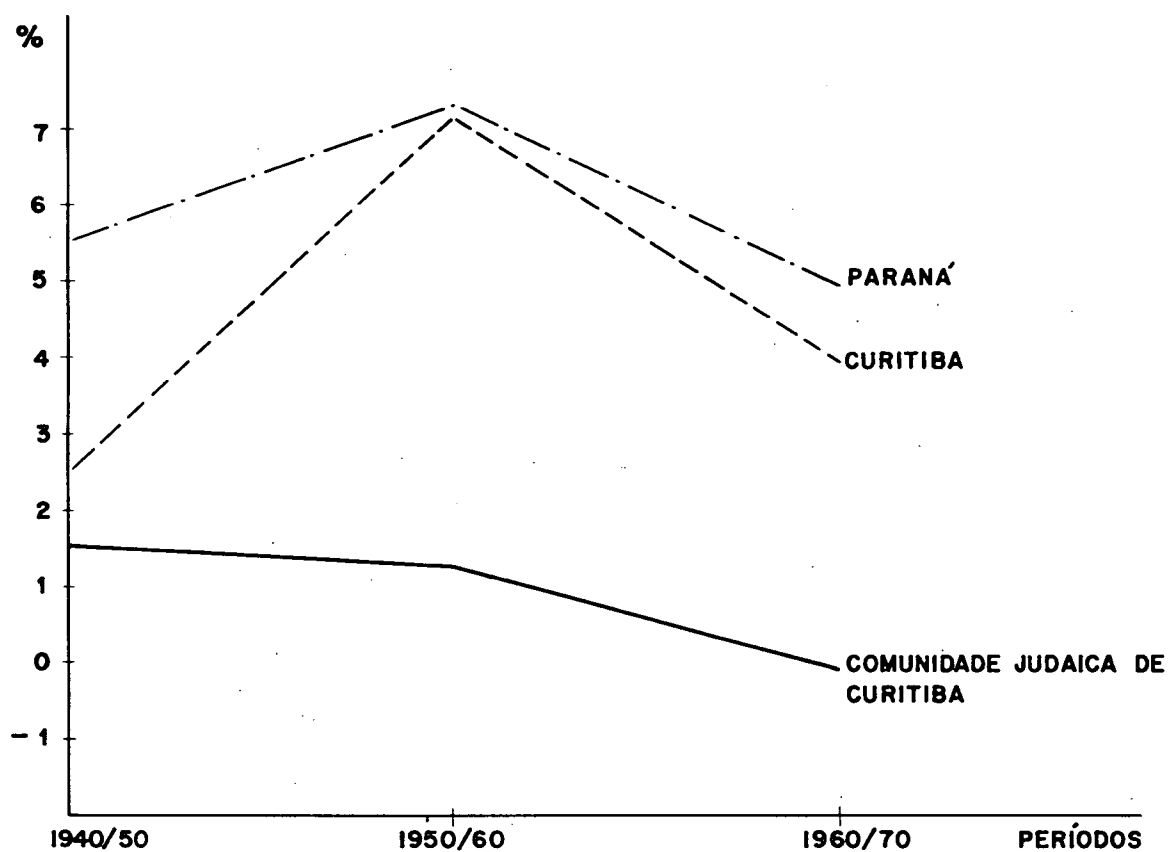
FONTE: ANEXO 16

tre a população judaica de Curitiba e as do Estado e da Capital é o fato de os israelitas, na década de 1950, não contarem com um fluxo significativo de novos imigrantes. Passado o período inicial do pós-guerra, não chegaram novos contingentes importantes de imigrantes. Ao passo que o Estado do Paraná, na década de 1950, conhece o auge de sua produção cafeeira, recebendo um grande fluxo migratório, principalmente oriundo de São Paulo e em menor número de Minas Gerais e da Região Nordeste.* É claro que tal fato repercutiria no perfil demográfico paranaense, e o gráfico 13 o comprova. A entrada de novos migrantes no Paraná continuaria ainda nas décadas seguintes, incluindo também populações do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina.

Curitiba, por seu lado, ainda que distante das áreas produtoras, acompanhou o crescimento do Estado. Não há aqui nenhum paradoxo, pois, na situação de centro administrativo, financeiro e comercial do Paraná, a capital recebeu os reflexos da prosperidade econômica do interior. E atraiu, nas mesmas proporções, as levadas de migrantes.

*O Paraná se constituiu num prolongamento da cultura cafeeira paulista, o que explica a presença predominante de migrantes de São Paulo.

**GRÁFICO 13 : EVOLUÇÃO COMPARATIVA DAS TAXAS
GEOMÉTRICAS ANUAIS DE CRESCIMENTO
DA POPULAÇÃO TOTAL. 1940 - 70 (%)**



FONTE : ANEXO 17

5.4. ASPECTOS DA MORTALIDADE

A ausência de elementos impediu que fosse aprofundado o estudo sobre a mortalidade na comunidade judaica de Curitiba. Pretendia-se fazer as taxas de mortalidade e os consequentes cálculos para conhecer a esperança de vida, com o objetivo de melhor situar demograficamente essa população. Entretanto, os dados sobre os óbitos ocorridos apresentavam falhas para alguns anos.

Partindo das condições oferecidas pelas fontes, foi elaborada a tabela 4, contendo o número de óbitos nos diversos períodos.

O primeiro período, que vai até 1929, apresenta pequeno número de falecimentos em todas as faixas etárias, pelo fato de estar a comunidade judaica curitibana em processo inicial de imigração, contando, portanto, com uma população pouco numerosa e jovem.

Nos períodos seguintes, verifica-se um aumento gradativo de óbitos, que se concentram nas faixas etárias mais avançadas. Esse fenômeno aparece igualmente em ambos os sexos.

A explicação para esse aumento é que o número de óbitos segue uma trajetória natural, ou seja, na medida em que cresce a população há maior incidência de falecimentos, demonstrando dessa forma a inexistência de fatores que tenham vindo quebrar o equilíbrio entre população e óbitos.

Outro fator que chama a atenção na referida tabela é a maior ocorrência de óbitos masculinos sobre os femininos. Isso se repete em todos os momentos estudados, sendo que de

TABELA 4 - NÚMERO DE ÓBITOS POR PERÍODOS, SEGUNDO FAIXA ETÁRIA - COMUNIDADE JUDAICA DE CURITIBA

FAIXA ETÁRIA	até 1929			1930-44			1945-59			1960-70			TOTAL		
	M	F	T	M	F	T	M	F	T	M	F	T	M	F	T
0 + 1	3	1	4	-	1	1	7	4	11	2	3	5	12	9	21
1 + 5	2	-	2	1	2	3	1	-	1	1	-	1	5	2	7
5 + 10	-	1	1	1	2	3	1	-	1	-	1	1	2	4	6
10 + 15	-	-	-	1	-	1	-	-	-	1	1	2	2	1	3
15 + 20	-	-	-	-	-	-	1	-	1	1	-	1	2	-	2
20 + 25	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1	-	1	1
25 + 30	-	1	1	2	-	2	3	-	3	1	-	1	6	1	7
30 + 35	-	-	-	2	1	3	1	-	1	1	1	2	4	2	6
35 + 40	1	2	3	1	-	1	-	-	-	2	-	2	4	2	6
40 + 45	-	-	-	5	1	6	2	1	3	1	1	2	8	3	11
45 + 50	-	-	-	-	1	1	1	5	6	3	1	4	4	7	11
50 + 55	-	-	-	-	2	2	2	2	4	3	5	8	5	9	14
55 + 60	-	-	-	1	-	1	3	5	8	10	11	21	14	16	30
60 e +	2	1	3	10	3	13	24	5	29	54	23	77	90	32	122
TOTAL	8	6	14	24	13	37	46	22	68	80	48	128	158	89	247

FONTE: REGISTRO DE SEPULTAMENTO DO CEMITÉRIO ISRAELITA DA ÁGUA VERDE

1930 a 1944 e 1960 a 1970, os óbitos masculinos quase que duplicam em relação aos femininos e de 1945 a 1959 aumentam mais que o dobro.

Através da tabela abaixo é possível visualizar melhor o comportamento do aspecto ora em análise:

TABELA 5 - PERCENTUAL DE ÓBITOS SOBRE O TOTAL, POR SEXO, SEGUNDO A FAIXA ETÁRIA - COMUNIDADE JUDAICA DE CURITIBA - 1889-1970

FAIXA ETÁRIA	M	F	T
0+ 1	7,6	10,1	8,5
1+ 5	3,2	2,2	2,8
5+10	1,3	4,5	2,4
10+15	1,3	1,1	1,2
15+20	1,3	-	0,8
20+25	-	1,1	0,4
25+30	3,8	1,1	2,8
30+35	2,5	2,2	2,4
35+40	2,5	2,2	2,4
40+45	5,1	3,4	4,5
45+50	2,5	7,9	4,5
50+55	3,2	10,1	5,7
55+60	8,9	18,0	12,1
60 e mais	56,8	36,1	49,5
TOTAL	100,0	100,0	100,0

FONTE: Tabela 4.

A mortalidade de crianças de 0 a 4 anos apresenta um percentual significativo se comparado com as faixas etárias subseqüentes excluindo os intervalos referentes às idades de 55 a 60 anos e 60 anos e mais. Entretanto, o peso maior está entre aqueles que possuem menos de um ano.

Reafirmando a análise feita anteriormente, por períodos, verifica-se que é a partir da faixa etária de 55 a 60 anos que os óbitos aumentam. No intervalo seguinte, ou seja, de 60 anos e mais, há uma concentração maciça, pois seu percentual equivale a praticamente metade do total de óbitos ocorridos.

Também o estudo da causa mortis poderia trazer contribuições elucidativas na análise dos aspectos da mortalidade. A relação entre as idades e a causa mortis seria indicativa da incidência dos tipos de doenças ocorridos por faixa etária na comunidade judaica de Curitiba. Do mesmo modo, o levantamento sazonal da causa mortis seria de grande importância para a análise desse aspecto, na medida em que precisaria a freqüência de determinadas doenças que ocorrem nas diferentes estações do ano.

Por outro lado, a comparação entre esse estudo e o comportamento das demais comunidades imigrantes poderia ser feito, bem como com a sociedade mais ampla. Porém, os registros de óbitos não apresentam indicações fidedignas quanto à causa mortis.

As indicações mais freqüentes nos registros de óbitos são as doenças do coração, destacando-se entre essas o colapso cardíaco. Todavia, essa designação encobre a causa mortis real, na medida em que se trata de um diagnóstico im-

preciso, referente a um sintoma e não uma causa. Em síntese, toda morte é resultante de colapso cardíaco.

Da mesma forma, a caquexia, encontrada em grande número entre os judeus de Curitiba, não permite a diagnose exata da causa mortis, pois é apenas o estado terminal de uma série de doenças.

Na tabela a seguir constam as doenças declaradas nos registros de sepultamento:

TABELA 6 - ÓBITOS DECLARADOS SEGUNDO A CAUSA MORTIS
1945-1970*

CAUSA MORTIS		M	F	T
colapso cardíaco		20	8	28
doenças do coração	enfarte	16	4	27
	insuf. cardíaca	5	2	
caquexia		19	6	25
nati-morto		9	7	16
outras doenças		36	21	57
indeterminada		21	22	43
TOTAL		126	70	196

FONTE: Registro de sepultamento do Cemitério Israelita da
Água Verde.

*Não há possibilidade de conhecer a causa mortis anteriormente a 1945, devido ao incêndio que destruiu os registros de sepultamento.

5.5. NUPCIALIDADE E FAMÍLIA

Se os judeus curitibanos apresentam taxas negativas, evidenciadas através dos cálculos da taxa geométrica de crescimento, se não conhecem novas ondas imigratórias, a reprodução do grupo fica na dependência exclusiva da taxa de natalidade e da ampliação da expectativa de vida. A primeira parte dessa dependência deve ser examinada a partir do comportamento dos casais.

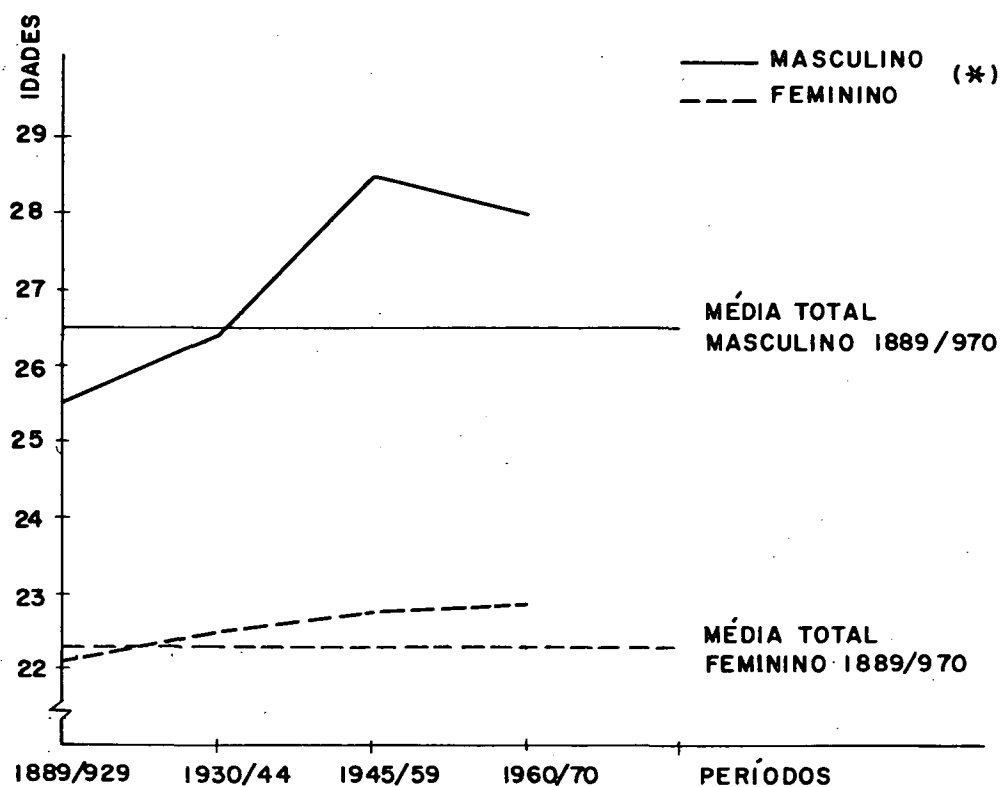
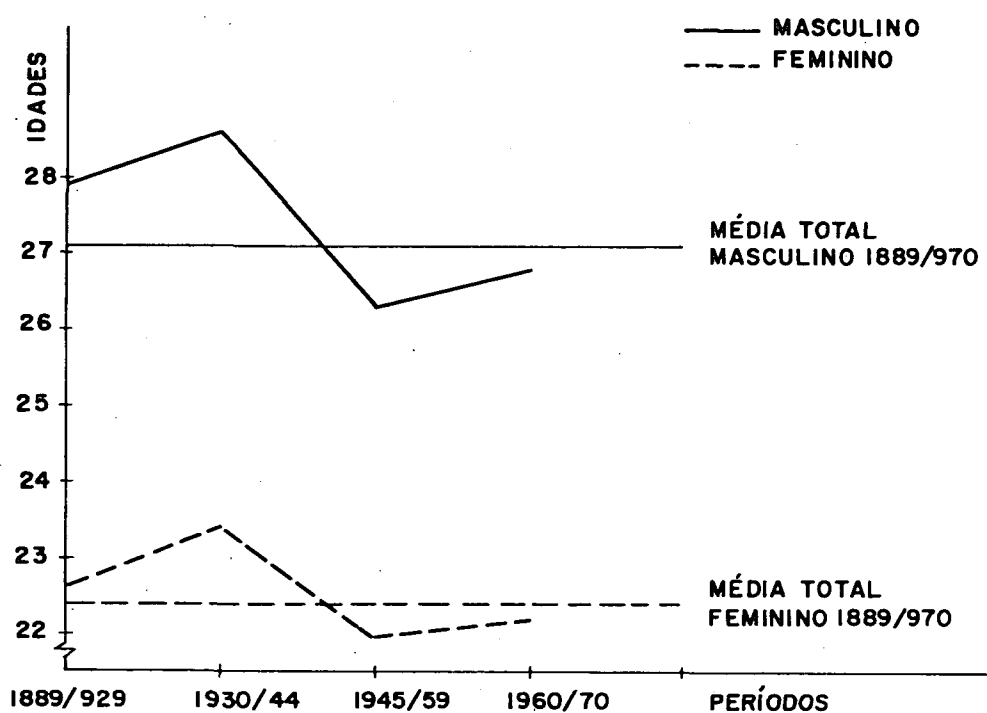
É certo que potencialmente os judeus curitibanos poderiam ter um número elevado de filhos, pois a observação das 570 famílias leva à conclusão de que eles casam cedo.* Em geral, tanto homens quanto mulheres casam-se entre 27,1 e 22,4 anos de idade em Curitiba, e fora do Município entre 26,5 e 22,3, sendo que os maridos são, em média, quatro a cinco anos mais velhos que suas esposas, de acordo com o gráfico 14.

Para a análise do número de filhos por casal, foram consideradas somente 117 famílias, uma vez que para 53 delas não foi possível precisar o número de filhos. Isto porque 42 casais migraram e/ou emigraram logo após a realização do casamento e 11 eram recém-casados no ano do encerramento da pesquisa, portanto sem filhos.

Conforme já foi visto, os judeus casam cedo. No entanto, apresentam uma média de 2,5 filhos por casal, como mostra a tabela 7. Esta média é influenciada pelo peso re-

*A conclusão é válida tanto para os noivos que casaram em Curitiba quanto para os que casaram fora da capital, mas que se estabeleceram em Curitiba após o matrimônio.

GRÁFICO 14 : IDADE MÉDIA DOS NOIVOS DA COMUNIDADE JUDAICA DE CURITIBA - 1889 - 970



(*) CASAMENTOS REALIZADOS FORA DE CURITIBA.

FONTE : ANEXOS 22,27

TABELA 7 - DISTRIBUIÇÃO DOS CASAIS, SEGUNDO NÚMERO DE FILHOS - COMUNIDADE JUDAICA DE CURITIBA 1889-970

Nº DE FILHOS POR CASAL (1)	Nº DE CASAIS (2)	% (3)	Nº DE FILHOS NO TOTAL (1 x 2)
0	40	7,7	0
1	74	14,3	74
2	170	32,9	340
3	143	27,7	429
4	56	10,8	224
5	19	3,7	95
6	8	1,5	48
7	4	0,8	28
8	1	0,2	8
10	1	0,2	10
11	1	0,2	11
* TOTAL	517	100,0	1.267

FONTE: ARQUIVO DA ESCOLA ISRAELITA
BRASILEIRA SALOMÃO GUELMAN
ARQUIVO DO CENTRO IERAELITA
DO PARANÁ
ENTREVISTAS

MÉDIA = 2,5
(Nº de filhos
por casal)

* Do total das 570 famílias 53 não foram computadas.

lativamente significativo do número de casais sem filhos com um percentual de 7,7 sobre o total. Dentro dessa participação, encontram-se os casais estéreis e aqueles que, por opção pessoal, não tiveram filhos.

O índice de 2,5 filhos por casal, encontrado no período todo entre os judeus de Curitiba, assemelha-se ao comportamento dos judeus de São Paulo em 1965, quando a média era de 2,7, e de Israel, em 1950, quando a média foi de 2,6³. Tal procedimento se identifica com as classes médias dos centros desenvolvidos, que tendem, igualmente, a formar famílias biológicas⁴ relativamente pequenas. O número de filhos, provavelmente, é controlado através de medidas anticonceptivas, ainda que tal prática se contraponha aos preceitos religiosos judaicos, segundo os quais "evitar filhos é violar o primeiro Mandamento de Deus", "Crescei e multiplicai", e de que ao homem pertence o dever de assegurar a sua descendência.⁵

O problema é que a média de filhos encontrada entre os judeus da comunidade curitibana tende somente a repor a população. Ainda não se verifica aquilo que ocorreu na Itália, Alemanha, Áustria, Holanda, Canadá e Estados Unidos, onde, na

³ Sobre o assunto ver U.O. SCHMELZ em seu artigo *Análise demográfica do judaísmo mundial* (In: RATTNER, H. *Nos caminhos da diáspora*. São Paulo, Centro Brasileiro de Estudos Judaicos, 1972) e a obra de Henrique RATTNER, *Tradição e mudança*.

⁴ BALHANA, Altiva Pilatti. *Famílias coloniais: fecundidade e descendência*. Curitiba, A.M. Cavalcante, 1977. 318 p.

⁵ SIMONS, Pierre. *Le contrôle de naissances*. Paris, Payot, 1966. p. 168-71.

década de 1960, já apresentava um tal declínio nos nascimentos que a própria reposição estava comprometida.⁶

Essa mesma preocupação se faz sentir na citação de Schmelz:

O balanço de mudanças demográficas na população judaica da Diáspora tornar-se-á precário, ou definitivamente negativo, se um ou mais dos seguintes fatores atuarem: baixa fertilidade, envelhecimento acentuado, casamento fora do grupo, ou um balanço fortemente negativo de migrações.⁷

As características demográficas da comunidade em estudo fazem pensar na possibilidade de que o mesmo processo estaria em curso aqui, ou seja, estaria em andamento um processo de diluição da comunidade judaica enquanto tal.

⁶ SCHMELZ, p. 186.

⁷ SCHMELZ, p. 207.

CAPÍTULO 6
NUPCIALIDADE E MISCIGENAÇÃO

Os casamentos destacam-se entre os mais valiosos indicadores do grau de integração da comunidade judaica de Curitiba na sociedade mais ampla. Ao contrário do que normalmente ocorre com outros grupos de imigrantes, o judeu emigrou da Europa Oriental para nunca mais voltar, procurando se perpetuar, portanto, no novo local de residência.* Desta forma, as suas características culturais, religiosas e as suas tradições emigram com ele.

Supõe-se que um maior ou menor estreitamento dos limites dos casamentos, absorvendo maior ou menor número de elementos não pertencentes ao universo judaico, depende efetivamente do grau do sentimento integrativo na sociedade mais ampla. Assim, surge a indagação: Em que medida os israelitas instalados na capital paranaense se abrem para essa sociedade? Estão eles naqueles momentos em que os processos persecutórios lhes impedem a utilização mais rigorosa de seu arsenal religioso, ideológico e racial? Ou já encaram, senão

*Referimo-nos aqui, comparativamente, aos imigrantes não-judeus provenientes da Itália, Alemanha e países eslavos, cuja motivação fundamental para a saída do país natal era de ordem econômica. E em cujos planos incluía-se o retorno à pátria.

com naturalidade, pelo menos com maior tolerância, a miscigenação racial e cultural?

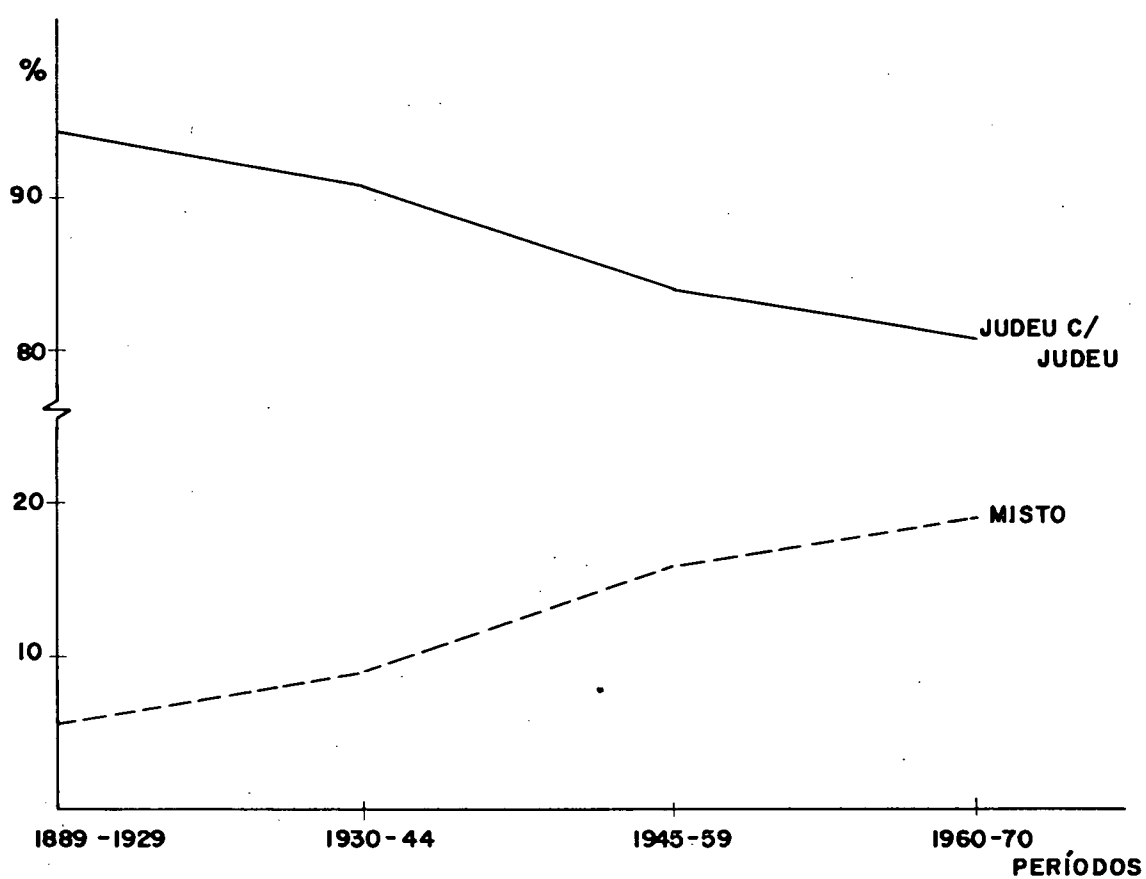
O gráfico 15 revela que a absoluta maioria dos casamentos realizados na comunidade em estudo (85,0% em média nos 81 anos estudados) tiveram como pares apenas judeus. Mas revela, também, que a participação dos casamentos mistos (judeus com não-judeus) vem crescendo constantemente no conjunto dos matrimônios. O que permite falar numa tendência do grupo a uma abertura para outras etnias.

É interessante destacar que, enquanto prevaleceram os casamentos em que o homem e a mulher eram nascidos fora do Brasil, a tendência era mais no sentido dos matrimônios endógenos. Na medida em que os imigrantes judeus deixam de ser numericamente expressivos, como foi visto no capítulo 4, relativo à imigração, há um gradativo aumento de casamentos mistos.

Como foi exposto no histórico da comunidade, os pioneiros chegavam, inclusive, a levar os filhos para o exterior a fim de casá-los com judeus. Havia os casos em que procuravam esposas ou esposos (em geral esposas) em comunidades israelitas de outros Estados brasileiros. Os casamentos mistos, porém, eram praticamente nulos. Exemplificando: um único judeu nascido na Europa Oriental casou com uma não-judia e, segundo os registros, era viúvo e morava numa localidade próxima a Curitiba.

Embora a comunidade judaica tenha sofrido modificações na origem de seus membros, tendendo nos períodos finais para uma maior participação de nascidos no Brasil, o gráfico 16 demonstra que para todo o período é maior a participação de estrangeiros. ⇒

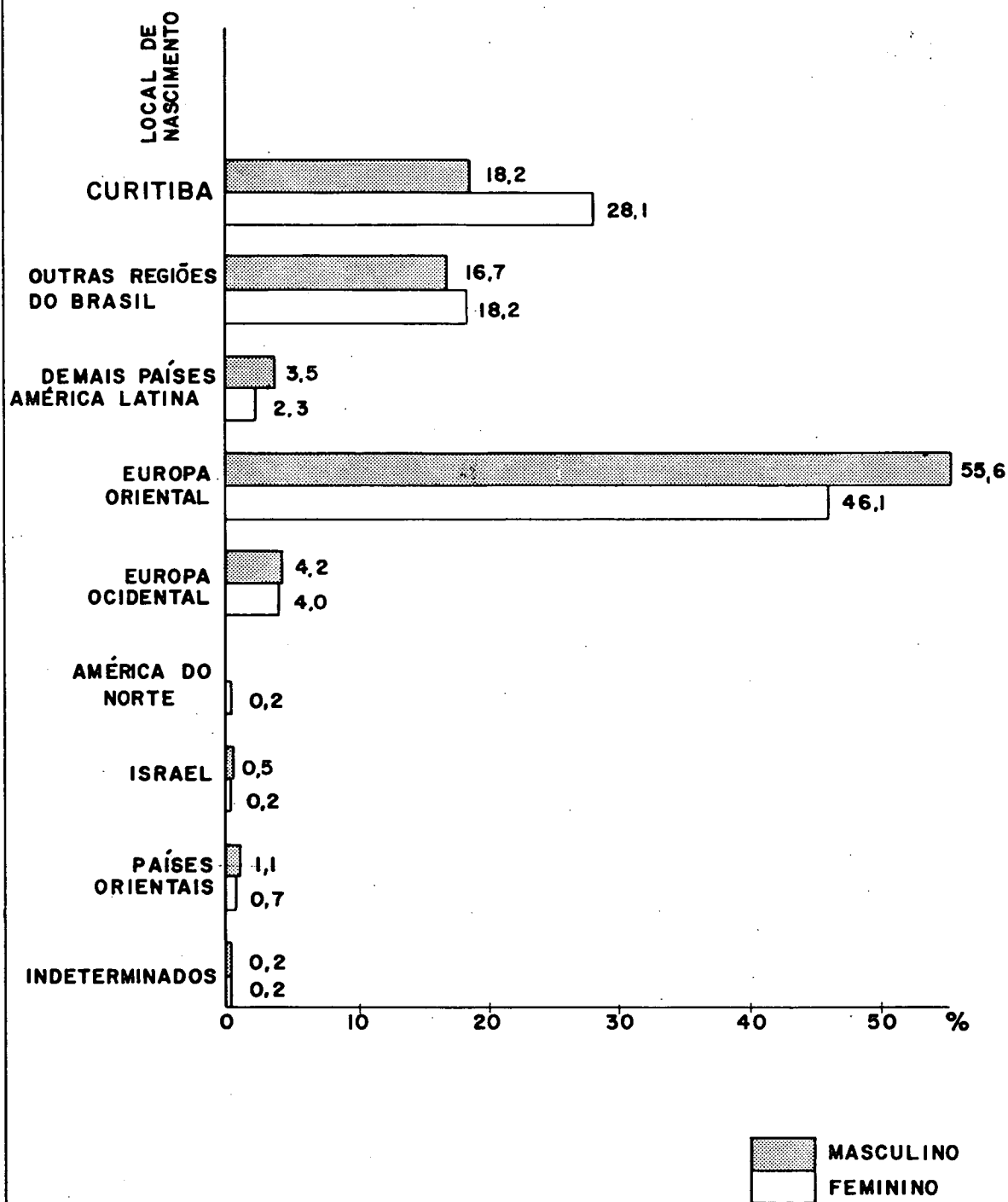
**GRÁFICO 15 : TIPOS DE CASAMENTOS REALIZADOS NA
COMUNIDADE JUDAICA EM CURITIBA
1889- 970 (%)**



FONTE TABELA 8

**GRÁFICO 16 : ORIGEM DOS CASAIS PESQUISADOS DA
COMUNIDADE JUDAICA DE CURITIBA.**

1889 70 (%)



FONTE ANEXO 29

Conforme a tabela 8, constata-se que:

1889 a 1929

No primeiro período, verifica-se uma ausência de casamentos mistos, não se diferenciando em nada das características observadas em outros grupos de imigrantes que vieram para o Brasil na mesma época.*

É importante ressaltar que, do total de 146 casamentos realizados nesse período, 128 são de casais procedentes da Europa Oriental, representando 87,7%, como pode ser verificado no anexo 30.

Não se pode, porém, deixar de observar que os judeus aqui chegados acabavam de experimentar os efeitos das ostensivas perseguições ao seu modo de vida. E, se saíram, no caso da Europa Oriental, foi justamente porque entre seus planos estava a possibilidade de preservação desse modo de vida. A manifestação de suas práticas religiosas e tradicionais ficou garantida por um fechamento mais rigoroso do grupo.

1930 a 1944

Neste período, já foi possível observar, do ponto de vista do casamento, um grau mais elevado de integração da comunidade à sociedade inclusiva. Assim as trocas entre o grupo minoritário e o resto dessa sociedade deixam de ser apenas econômicas, passando a ser também culturais, sociais e de ordem pessoal.

*As mesmas constatações já foram observadas nos trabalhos de Altiva Pilatti Balhana, Ruy Christovam Wachowicz e Sérgio O. Nadalin.

TABELA 8 - CASAMENTOS REALIZADOS EM CURITIBA, POR PERÍODOS, SEGUNDO O TIPO - COMUNIDADE JUDAICA DE CURITIBA -
1889 - - 970

TIPO DE CASAMENTO	1889 - - 929		1930 - - 944		1945 - - 959		1960 - - 970		TOTAL	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Judeu com Judeu	34	94,4	70	90,9	111	84,1	72	80,9	287	85,9
Misto	2	5,6	7	9,1	21	15,9	17	19,1	47	14,1
TOTAL	36	100,0	77	100,0	132	100,0	89	100,0	334	100,0

FONTE: REGISTRO CIVIL
- ENTREVISTAS

Como fator restritivo à integração poderiam ser mencionados os anos do Estado Novo de Getúlio Vargas, quando as instituições dos grupos imigrantes foram nacionalizadas e o emprego de idiomas que não o português foi abolido oficialmente de todas as práticas dos estrangeiros aqui residentes. Era de se supor que o fechamento da comunidade se acentuasse. Principalmente porque as perspectivas de crescimento do grupo por via de novas leva imigratórias eram pequenas, em virtude das já mencionadas restrições legais à adoção.

Todavia, não se consumou no Brasil uma política de perseguição aos judeus. Ao contrário, houve a inclusão irrestrita dos israelitas nos benefícios sócio-econômicos do período. Isto facilitaria os contatos da comunidade com o resto da sociedade, bem como aumentaria o ingresso nas universidades locais dos filhos de imigrantes, numa segunda geração de judeus curitibanos, já nascida e educada na capital. A instituição especializada na educação formal dos judeus, a Escola Israelita, só proporcionava formação a nível primário.

Será nessa fase que surgem, sintomaticamente, as primeiras reações dos pais contra a tendência da assimilação dos filhos. São freqüentes os sinais no sentido da criação de instituições que reforcem os laços comunitários. Os enlaces entre judeus e não-judeus são ainda muito residuais. Também é muito importante, numericamente, a presença de noivos nascidos no exterior. Como já foi visto, são quase aversos aos matrimônios mistos. De qualquer maneira, começa a haver um maior número de casamentos entre judeus vindos do exterior com judias já nascidas em Curitiba e outras regiões do Bra-

sil, o que favorece, senão a assimilação, ao menos um nível maior de adaptabilidade ao novo país de adoção, pois a experiência do cônjuge aqui nascido acelera o processo de integração.

1945 a 1959

É neste período que fica mais evidenciada a tendência da comunidade em se unir matrimonialmente com os não-judeus. A tabela 8 mostra que o crescimento dos casamentos mistos do primeiro corte temporal para o segundo foi de 3,5 pontos percentuais, representando em 1930-1944, 9,1% no conjunto das ocorrências. Os casamentos mistos do segundo corte temporal para o terceiro cresceram 6,8 pontos percentuais, apresentando uma participação de 15,9% no conjunto dos matrimônios. Se comparado o período de 1945-1959 ao primeiro período estudado, se verificará então uma diferença de 10,3%.

Curitiba não conheceu nopós-guerra um fluxo muito significativo de imigrantes, que preferiam outros centros, notadamente São Paulo e Rio de Janeiro. A composição dos pares já se torna, por outro lado, constituída eminentemente de judeus brasileiros, como indica a somatória dos casais originários de Curitiba e outras regiões do Brasil, no anexo 32, ou seja, 48,6%.

Observando exclusivamente os nascidos em Curitiba, para ambos os sexos, nota-se que no referido momento a participação dos homens já denota expressividade, com 28,6% sobre o total. No caso das mulheres, essa expressividade se acentua, com 41,7%.

Reforçam-se, em escala crescente, os contatos da segunda geração e agora também da terceira com outros setores da sociedade brasileira, por motivos semelhantes aos observados no período anterior. Quantitativamente, é maior o número de judeus curitibanos que freqüenta a universidade e, com o salto qualitativo da industrialização no pós-guerra, é igualmente maior o laço econômico e social entre judeus e a população paranaense global.

O fenômeno ocorrido em Curitiba, todavia, não parece ser singular. Dados referentes à Europa e Estados Unidos indicam que a ocorrência de casamentos mistos estaria relacionada ao desenvolvimento capitalista e à liberalização dos regimes políticos no pós-guerra.¹ Ruppín chama a atenção para a Boêmia, na Tchecoslováquia, que já antes da conflagração mundial era uma região muito desenvolvida do ponto de vista capitalista.² Ali, segundo o autor, 44,7% dos casamentos da comunidade judaica eram mistos, enquanto que nas regiões menos desenvolvidas os números eram insignificantes.

1960 a 1970

Neste último período estudado, persiste a tendência aos casamentos mistos, pois 19,1% das ocorrências matrimoniais se deram entre judeus e não-judeus, 13,5% mais do que

¹ RATNER, Henrique. *Tradição e mudança*. São Paulo, Ática, 1977. p. 42.

² RUPPIN, A. *Les juifs et le monde moderne*. Paris, Calmann-Lévy, 1962. p. 83.

as verificadas no período anterior.

Situação semelhante é encontrada em São Paulo que apresenta os seguintes índices para 1968:

TABELA 9 - FREQUÊNCIA DE CASAMENTOS INTERÉTNICOS NA COMUNIDADE JUDAICA DE SÃO PAULO - 1968

FAMÍLIAS	Nº	%
sem casamento misto	6.636	73,00
1 casamento misto	907	10,00
2 casamentos mistos	261	2,88
2 e mais casamentos mistos	225	2,48
não sabe	278	3,06
erros e omissões	780	8,58

FONTE: RATTNER, H., p. 144.

Essa tendência, em Curitiba, acompanha a dos anos 1945 a 1959. O que é conveniente indagar é se o fenômeno pertence às particularidades das comunidades judaicas apenas ou se é regra entre as comunidades de imigrantes.

A comunidade polonesa de Abranches, estudada por Ruy Christovam Wachowicz, apresenta a mesma tendência. No período compreendido entre os anos de 1881 e 1890, os casamentos endógenos representavam 90,0% de todos os matrimônios. Os casamentos mistos passaram a ser significativos no pós-guer-

ra e, entre 1951 e 1960, já representavam 40,0% do conjunto.³

O mesmo se verifica em relação à comunidade evangélica luterana de Curitiba, conforme análise de Sérgio O. Nadalin, que aponta para o período de 1870-79 uniões interétnicas na ordem de 6,40% aumentando no período de 1960-69 para 40,92%.⁴

É evidente que a velocidade da abertura dessas comunidades é bem maior do que a da comunidade judaica de Curitiba. Além disso, no caso dos judeus, a maioria dos casamentos mistos vem acompanhada da conversão da noiva ou do noivo não-judeu ao judaísmo. Ou seja, a abertura vem acompanhada de tendências de autodefesa, através de mecanismos de preservação da identidade do judeu.

³WACHOWICZ, Ruy C. *Abranches: um estudo de história demográfica*. Curitiba, Gráf. Vicentina, 1976. p. 42.

⁴NADALIN, Sérgio O. *A origem dos noivos nos registros de casamentos da comunidade evangélica luterana de Curitiba: 1870-1969*. Curitiba, 1974. p. 183-4. Tese. Mestrado. Universidade Federal do Paraná.

CONCLUSÕES

No transcorrer deste trabalho, foram evidenciadas as tranformações pelas quais passou a comunidade judaica de Curitiba, desde a instalação dos primeiros imigrantes até 1970, demarcação temporal para o presente estudo.

Essas mudanças se refletem nos diversos aspectos da vida do judeu curitibano. Nesse sentido, pode-se afirmar que a própria sociedade de adoção atuou como principal responsável, oferecendo condições de integração. Esta afirmação tem sua lógica na medida em que pressões extragrupais, no sentido do anti-semitismo, levam ao enquistamento, como forma de autodefesa. Tal fato não se manifestou de forma agravante, a não ser em certas ocasiões como, por exemplo, no Estado Novo e mais recentemente com a violação do cemitério israelita da Água Verde. No entanto, tais manifestações, por terem sido esporádicas, não chegaram a afetar o comportamento do grupo.

Por outro lado, dentro do grupo judaico, a Escola funcionou como um agente integrador a partir do momento em que aceitou sua inserção no sistema educacional do Paraná, através do convênio assinado em 1938, favorecendo a aproximação entre judeus e não-judeus dentro do âmbito escolar.

No tocante à religião, verificou-se que os judeus estão mais ligados à manutenção de suas tradições em prejuízo

da religião formal. Em outras palavras, o que aparece são os valores exteriores do judaísmo numa busca de identificação com o grupo. Assim, o judeu curitibano se define como judeu a partir de uma opção pessoal, a qual está intimamente ligada ao sentimento de pertinência que o liga ao grupo. Esse sentimento está aliado à visão histórica de destino comum que vem desde as perseguições aos judeus durante o movimento das cruzadas, estendendo-se aos pogroms na Alemanha, Polônia, Rússia, prosseguindo até o holocausto nazista e ao ressurgimento dos partidos nazistas no mundo todo.

A inobservância da religião e a modernização da educação indicam um distanciamento muito grande entre a atual comunidade judaica de Curitiba e seus pioneiros. Se entre os primeiros ainda se confundiam a noção de judaísmo, os aspectos religiosos, raciais, nacionais e as marcas do anti-semitismo vivido, restaram entre os seus descendentes apenas temores de um anti-semitismo que possa ainda ressurgir.

O que vem acontecendo na educação, na cultura e na religião aparece ainda mais evidenciado no que diz respeito à mobilidade ocupacional, à distribuição domiciliar e aos casamentos.

O judeu curitibano tende, cada vez mais, a deixar o comércio e a indústria para ingressar em carreiras de nível superior, como os demais cidadãos da classe média. O "klienteltshik" passou a ser um estereótipo do passado.


Da mesma forma, o grupo já não tende mais à concentração domiciliar. Não se prende a um espaço geográfico comum e sim se dilui por outros bairros que não o Centro e Rebouças. Como já se observou, a escolha da moradia não é mais

derivada de considerações grupais, como judeus, mas apenas de motivações provenientes de suas condições sociais.

O casamento é crescentemente misto, havendo uma interpenetração cada vez mais fluida entre o grupo judaico e a sociedade mais ampla, favorecendo a integração.

Do ponto de vista estritamente demográfico, o fato que mais sobressai é a tendência à redução dos contingentes da comunidade, como evidenciam as taxas geométricas de crescimento. A taxa correspondente ao último período da observação é de -0,07%, evidenciando bem que esta comunidade não alcança o índice necessário à reposição da população.

Finalmente, a trajetória da comunidade judaica de Curitiba se orientou no sentido de uma ampla integração na sociedade de adoção. Em seu conjunto, seus membros vivenciaram e participaram ativamente de todos os aspectos da sociedade curitibana, sem deixar, todavia, sua condição de judeus.



REFERÊNCIAS

FONTES MANUSCRITAS

CARTÓRIO DE REGISTRO CIVIL, 1. Curitiba. *Livros de atas de casamento, 1890-1970.*

CEMITÉRIO ISRAELITA DA ÁGUA VERDE, Curitiba. *Inscrições lapidárias, 1926-45.*

____. *Livro de registro de sepultamentos, 1945-74.*

CEMITÉRIO ISRAELITA DE SANTA CÂNDIDA, Curitiba. *Livro de registro de sepultamentos, 1970-74.*

CENTRO ISRAELITA DO PARANÁ, Curitiba. *Fichário de sócios, 1921-70.*

ESCOLA ISRAELITA BRASILEIRA SALOMÃO GUELMANN, Curitiba. *Livros de frequência de alunos, 1927-38.*

____. *Livros de matrícula de alunos, 1938-70.*

GOUVEA, Regina R. *Entrevistas com membros da comunidade judaica de Curitiba e do Rio de Janeiro, realizadas de 1975 a 1978.*

JEWISH COLONISATION ASSOCIATION. *Relatório de ocorrências dos imigrantes judeus no Brasil, 1923, 1925, 1929, 1930, 1932 e 1933.*

JUNTA COMERCIAL DO PARANÁ, Curitiba. *Registro de firmas, 1890-1970.*

PARANÁ. Secretaria de Segurança Pública. Registro de Estrangeiros. *Processos de entrada e naturalização de imigrantes, 1890-1970.*

SCHULMAN, Bernardo. *Cartas, jornais e crônicas.* Arquivo particular.

UNIÃO ISRAELITA DO PARANÁ. *Livro de registro de sócios, 1913-20.*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ALEICHEM, S. *Funem Jarid.* Buenos Aires, Ed.Icuf., 1952. 373 p.
2. _____. *Menachem Mendel.* Buenos Aires, Ed.Icuf., 1952. 372 p.
3. _____. *Monologn.* Buenos Aires, Ed.Icuf., 1959. 347 p.
4. ALONSO, A.M. *Estrangeiros no Brasil.* Rio de Janeiro, Jornal do Brasil, 1949. 405 p.
5. AMERICAN Jewish Yearbook. New York, American Jewish Committee, 1969. 280 p.
6. ANUÁRIO Estatístico da Comunidade Judaica de São Paulo. São Paulo, Federação Israelita, 1978. 51 p.
7. ARENDT, H. *Anti-semitismo: instrumento de poder.* Rio de Janeiro, Documentário, 1979. 175 p.
8. BALHANA, A.P. *Famílias coloniais: fecundidade e descendência.* Curitiba, A.M. Cavalcante, 1977. 318 p.
9. _____. *História demográfica do Paraná.* Separata de: *Boletim da Universidade Federal do Paraná. Departamento de História* (10):27-36, 1970.
10. _____. *Santa Felicidade: um processo de assimilação.* Curitiba, J.Haupt, 1958. 288 p.

11. BARON, S.W. *História e historiografia do povo judeu*. São Paulo, Perspectiva, 1974. 384 p.
12. BELLER, J. *Jews in Latin America*. New York, J.David, 1969. 229 p.
13. BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Censo demográfico do Paraná: 1940*. Rio de Janeiro, 1951. 459 p.
14. _____. _____. 1950. Rio de Janeiro, 1955. 496 p.
15. _____. _____. 1970. Rio de Janeiro, 1973. 807 p.
16. _____. *Sinopse do censo demográfico do Paraná de 1960*. Rio de Janeiro, 1962. 60 p.
17. CHARBONNEAU, H. *Vie et mort de nos ancêtres*. Montréal, Presses de l'Université, 1975. 267 p.
18. COMARMOND, P. *Racismo y sociedad*. Buenos Aires, Ed. Flor, 1972. 468 p.
19. COMAS, J. et alii. *Raça e ciência I*. São Paulo, Perspectiva, 1970. 272 p.
20. DAUMARD, A. *Cinco aulas de história social*. Salvador, Centro Editorial e Didático da Universidade Federal da Bahia, 1978. 125 p.
21. DEAN, W. *A industrialização de São Paulo*. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1971. 269 p.
22. DEMORO, L., ed. *Coordenação de leis de imigração e colonização do Brasil*. Rio de Janeiro, Instituto Nacional de Imigração e Colonização, 1960. 319 p.
23. DEUTSCHER, I. *O judeu não judeu e outros ensaios*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1970. 150 p.
24. O DIA. Curitiba, 1900-30.
25. DIÁRIO DA TARDE. Curitiba, 1900-30.
26. DUNN, L.C. et alii. *Raça e ciência II*. São Paulo, Perspectiva, 1972. 295 p.
27. EISENBERG, J. *Une histoire du peuple juif*. Paris, Droz, 1974. 568 p.
28. EISENSTADT, S.N. *The absorption of inmigrants*. London, Routledge & K.Paul, 1954. 280 p.
29. ENCICLOPÉDIA Rio-Grandense. Canoas, Ed.Regional, s.d. v. 5.

30. FERNANDES, F. *Investigação etnológica no Brasil e outros ensaios*. Petrópolis, Vozes, 1975. 298 p.
31. FINKELSTEIN, L. *The Jews: their history, culture and religion*. New York, Harper & Brother, 1960. 740 p.
32. FLEURY, M. & HENRY, L. *Nouveau manuel de dépouillement et d'exploitation de l'état civil ancien*. Paris, I.N.E.D., 1965. 182 p.
33. FRIEDMAN, G. *Fim do povo judeu?* São Paulo, Perspectiva, 1969. 279 p.
34. FURTADO, C. *Formação econômica do Brasil*. São Paulo, Nacional, 1973. 248 p.
35. GAZETA DO POVO. Curitiba, 1900-30.
36. GEORGE, P. *População e povoamento*. São Paulo, Difel, 1975. 242 p.
37. GIEYSZTOR, A. et alii. *History of Poland*. Warszawa, PWN, 1968. 783 p.
38. GOFFMAN, E. *Estigma*. Rio de Janeiro, Zahar, 1975. 158 p.
39. GRAYZEL, S. *História geral dos judeus*. Rio de Janeiro, Tradição, 1967. 448 p.
40. HENRY, L. *Técnicas de análise em demografia histórica*. Curitiba, Universidade Federal do Paraná, 1977. 165 p.
41. HISTÓRIA do Paraná. Curitiba, Grafipar, 1969. v.1.
42. HOLANDA, S.B., comp. *História geral da civilização brasileira*. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1973. 3 v.
43. IANNI, O. *Raças e classes sociais no Brasil*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1972. 248 p.
44. L'IDENTITÉ: séminaire interdisciplinaire. Paris, Grasset, 1977. 344 p.
45. ISAACSON, J. & KOVADKLOFF, S.E. *Comunidades judias de latino-américa*. Buenos Aires, Comité Judío Americano, 1970. 294 p.
46. KRAUSZ, R.R., org. *Problemas de sociologia judaica*. São Paulo, Centro Brasileiro de Estudos Judaicos, 1976. 196 p.
47. LAKATOS, E.M. *Moshav Bet Hananya*. Osasco, 1972. 213 p.

48. LASLETT, P. *Un monde que nous avons perdu*. Paris, Flammarion, 1969. 296 p.
49. LEITE FILHO, S. *Os judeus no Brasil*. Rio de Janeiro, J.Leite, 1923. 140 p.
50. LEVENE, R. *Síntese da história da civilização argentina*. Rio de Janeiro, A Noite, 1938. 442 p.
51. LEWIN, K. *Resolving social conflicts*. Glencoe, 1948.
52. LIPINER, E. *Breve história dos judeus no Brasil*. Rio de Janeiro, Biblos, 1962.
53. _____. *Os judaizantes na Capitania de Cima*. São Paulo, Brasiliense, 1969. 223 p.
54. LUZ, N.V. *A luta pela industrialização no Brasil*. São Paulo, Alfa Omega, 1975. 224 p.
55. MARCÍLIO, M.L. *A cidade de São Paulo: povoamento e população, 1750-1850*. São Paulo, Pioneira, 1974. 220 p.
56. _____. *Demografia histórica*. São Paulo, Pioneira, 1977. 261 p.
57. MARCONDES, J.V.F. & PIMENTEL, O. *São Paulo: espírito, povo, instituições*. São Paulo, Pioneira, 1968. 467 p.
58. MARGULIES, M. *Judaica brasiliensis*. Rio de Janeiro, Documentário, 1974. 159 p.
59. _____. *Os judeus na história da Rússia*. Rio de Janeiro, Bloch, 1971. 328 p.
60. MARITAIN, J. et alii. *Os judeus*. Rio de Janeiro, J. Olympio, 1938.
61. MARTINS, R. *História do Paraná*. 3.ed. Curitiba, Ed. Guaíra, s.d. 379 p.
62. MARX, K. *La question juive*. Paris, Union Générale d'Édition, 1968. 183 p.
63. MONT'ALEGRE, O. *Capital e capitalismo no Brasil*. Rio de Janeiro, Expressão e Cultura, 1972. 437 p.
64. MONTEIRO, N.G. *Imigração e colonização em Minas*. Belo Horizonte, 1974. 213 p.
65. NADALIN, S. *A origem dos noivos nos registros de casamentos da comunidade evangélica luterana de Curitiba: 1870-1969*. Curitiba, 1974. 341 p. Tese. Mestrado. Universidade Federal do Paraná.
66. NOVINSKY, A. *Cristãos novos na Bahia*. São Paulo, Perspectiva, 1972. 238 p.

67. OLIVEIRA, R.C. *Identidade, etnia e estrutura social*. São Paulo, Pioneira, 1976. 118 p.
68. OLIVEIRA VIANA, F.J. *Evolução do povo brasileiro*. São Paulo, Nacional, 1933. 327 p.
69. PADIS, P.C. *Formação de uma economia periférica: o caso paranaense*. São Paulo, 1970. 346 p. Tese. Doutorado. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São Bento.
70. PEIXOTO, A. et alii. *Os judeus na história do Brasil*. Rio de Janeiro, U. Zwering, 1936. 128 p.
71. PETERSEN, W. *Population*. New York, Macmillan, 1961. 652 p.
72. PINSKY, J. *Origens do nacionalismo judaico*. São Paulo, Jucitec, 1978. 159 p.
73. PINKUSS, F. *O caminho de Israel através dos tempos*. São Paulo, Departamento de Cultura, 1945. 119 p.
74. _____. *Tipos de pensamento judaico*. São Paulo, VIP, 1975. 70 p.
75. _____. *O tricentenário da comunidade israelita dos Estados Unidos e as suas relações com o Brasil*. *Revista de História*, 14:473-80, abr./jun. 1953.
76. POLIAKOV, L. *Histoire de l'antisemitisme*. Paris, Calmann-Lévy, 1965. 3 v.
77. _____. *Les juifs et notre histoire*. Paris, Flammarion, 1973. 247 p.
78. _____. *O mito ariano*. São Paulo, Perspectiva, 1974. 329 p.
79. _____. *Le racisme*. Paris, Seghers, 1976. 156 p.
80. POLONIA contemporânea. Varsovia, Câmara de Comercio Polaco-Latino-Americana, 1933. 157 p.
81. PRADO Jr., C. *História econômica do Brasil*. 15.ed. São Paulo, Brasiliense, 1972. 354 p.
82. PRESSAT, R. *El análisis demográfico*. Mexico, Fondo de Cultura Económica, 1967. 440 p.
83. RATTNER, H., org. *Nos caminhos da diáspora*. São Paulo, Centro Brasileiro de Estudos Judaicos, 1972. 256 p.
84. _____. *Tradição e mudança*. São Paulo, Ática, 1977. 198 p.
85. A REPÚBLICA. Curitiba, 1900-30.
86. ROTH, C. *Enciclopédia judaica*. Rio de Janeiro, Tradição, 1967. 3 v.

87. RUPPIN, A. *The Jewish fate and future*. Westport, Greenwood Press, 1971.
88. SARTRE, J.P. *Reflexões sobre o racismo*. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1968. 125 p.
89. _____. *Situações III*. Lisboa, Europa-América, 1971. 277 p.
90. SCHOLEM, G. *A mística judaica*. São Paulo, Perspectiva, 1972. 377 p.
91. SIMONS, P. *Le contrôle de naissances*. Paris, Payot, 1966. 294 p.
92. SIMPÓSIO NACIONAL DOS PROFESSORES DE HISTÓRIA, 4., Porto Alegre, 1967. *Anais*. São Paulo, Universidade, 1969. 773 p.
93. SKIDMORE, T.E. *Brasil, de Getúlio Vargas a Castelo Branco: 1930-1964*. Rio de Janeiro, Saga, 1969. 512 p.
94. SORLIN, P. *O anti-semitismo alemão*. São Paulo, Perspectiva, 1974. 131 p.
95. UNESCO. *Vida e valores do povo judeu*. São Paulo, Perspectiva, 1969. 279 p.
96. VANNUCCI, M.I.B. *A indústria de papel no Paraná: 1890/1970*. Curitiba, 1977. 257 p. Tese. Mestrado. Universidade Federal do Paraná.
97. WACHOWICZ, R.C. *Abranches: estudo de história demográfica*. Curitiba, Gráf. Vicentina, 1976. 84 p.
98. WIRTH, L. *The science of man in the World crisis*. New York, Columbia University Press, 1949.
99. WIZNITZER, A. *Os judeus no Brasil colonial*. São Paulo, Pioneira, 1966. 218 p.

ANEXOS

ANEXO 1 - NÚMERO DE IMIGRANTES POR SEXO E PERÍODO DE CHEGADA EM CURITIBA, SEGUNDO LOCAL DE NASCIMENTO -
COMUNIDADE JUDAICA DE CURITIBA - 1889-970

LOCAL DE NAS- CIMENTO	1889/99			1900/09			1910/19			1920/29			1930/39			1940/49			1950/59			1960/70			INDETER- MINADOS			TOTAIS		
	M	F	T	M	F	T	M	F	T	M	F	T	M	F	T	M	F	T	M	F	T	M	F	T	M	F	T	M	F	T
América Latina	-	-	-	-	1	1	2	-	2	2	3	5	1	3	4	1	1	2	10	7	17	9	3	12	-	-	-	25	18	43
Europa Oriental	5	3	8	9	5	14	24	15	39	140	97	237	80	89	164	38	34	72	38	28	66	15	6	21	1	3	4	350	280	630
Europa Ocidental	-	-	-	-	1	1	1	-	1	-	-	-	15	10	25	12	4	16	6	6	12	-	5	5	-	-	-	34	26	60
América do Norte	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1
Israel	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	5	1	6	3	-	3	-	-	-	8	1	9
Outros países Orientais	-	-	-	-	-	-	-	-	-	3	3	6	-	2	2	-	-	-	5	1	6	3	-	3	-	-	-	11	6	17
T O T A L	5	3	8	9	7	16	27	15	42	145	103	248	96	104	200	51	40	91	64	43	107	30	14	44	1	3	4	428	332	760

FONTE: REGISTRO DE ESTRANGEIROS.

ANEXO 2 - PERCENTUAL DE IMIGRANTES POR PERÍODO DE CHEGADA EM CURITIBA, SEGUNDO LOCAL DE NASCIMENTO -
TO - COMUNIDADE JUDAICA DE CURITIBA - 1889-970

LOCAL DE NASCIMENTO	1889-99	1900-09	1901-19	1920-29	1930-39	1940-49	1950-59	1960-70	INDETER- MINADOS	TOTAL
América Latina	-	0,1	0,3	0,7	0,5	0,3	2,2	1,6	-	5,7
Europa Oriental	1,1	1,8	5,1	31,2	22,2	9,5	8,7	2,8	0,5	82,9
Europa Ocidental	-	0,1	0,1	-	3,3	2,1	1,6	0,7	-	7,9
América do Norte	-	-	-	-	-	0,1	-	-	-	0,1
Israel	-	-	-	-	-	-	0,8	0,4	-	1,2
Outros Países Ori- entais	-	-	-	0,8	0,3	-	0,8	0,3	-	2,2
T O T A L	1,1	2,0	5,5	32,7	26,3	12,0	14,1	5,8	0,5	100,0

FONTE: ANEXO 1

ANEXO 3 - DISTRIBUIÇÃO DOS IMIGRANTES POR PERÍODO DE NATURALIZAÇÃO E CHEGADA EM CURITIBA - COMUNIDADE JUDAI-
CA DE CURITIBA - 1889-970

PERÍODOS DE CHEGADA	PERÍODO DE NATURALIZAÇÃO															
	1889-99		1900-09		1910-19		1920-29		1930-39		1940-49		1950-59		1960-70	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
1889 - 99	7	2,9	-	-	-	-	-	-	1	0,4	-	-	-	-	-	8 3,3
1900 - 09	-	-	-	-	1	0,4	3	1,3	-	-	3	1,3	2	0,8	1	0,4
1910 - 19	-	-	-	-	1	0,4	1	0,4	2	0,8	6	2,5	2	0,8	-	12 4,9
1920 - 29	-	-	-	-	-	-	-	-	4	1,7	28	11,8	29	12,2	5	2,1
1930 - 39	-	-	-	-	-	-	-	-	5	2,1	17	7,1	45	19,0	5	2,1
1940 - 49	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	14	5,9	19	8,0	5	2,1
1950 - 59	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	16	6,7	13	5,5
1960 - 70	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	3	1,3
T O T A L	7	2,9	-	-	2	0,8	4	1,7	12	5,0	68	28,6	113	47,5	32	13,5

FONTE: REGISTRO DE ESTRANGEIROS

OBS.: Só estão computados os imigrantes com dados sobre naturalização.

ANEXO 4 - DISTRIBUIÇÃO DOS IMIGRANTES POR PERÍODOS DE CHEGADA E SEXO,
SEGUNDO O TEMPO PARA NATURALIZAÇÃO - COMUNIDADE JUDAICA DE
CURITIBA - 1889-970

TEMPO	PERÍODO DA CHEGADA									
	1889-929		1930-44		1945-59		1960-70		TOTAL	
	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F
Até 1 ano	4	3	1	-	1	-	-	-	6	3
2 anos	-	-	-	-	2	2	-	-	2	2
3 anos	-	-	-	-	3	2	-	-	3	2
4 anos	-	-	-	-	4	4	-	-	4	4
5 anos	-	-	-	-	4	3	-	-	4	3
6 anos	-	-	4	2	3	3	1	1	8	6
7 anos	-	-	3	4	4	-	-	1	7	5
8 anos	-	-	1	1	3	3	-	-	4	4
9 anos	-	-	-	-	2	4	-	-	2	4
10 anos	-	-	-	-	1	-	-	-	1	-
11 anos	-	-	1	1	4	3	-	-	5	4
12 anos	3	-	1	1	-	-	-	-	4	1
13 anos	2	-	2	1	1	1	-	-	5	2
14 anos	1	-	2	-	-	-	-	-	3	-
15 anos	1	-	3	2	-	-	-	-	4	2
16 anos	1	2	2	2	1	-	-	-	4	4
17 anos	1	-	2	3	-	1	-	-	3	4
18 anos	3	-	3	6	-	-	-	-	6	6
19 anos	3	2	4	1	-	-	-	-	7	3
20 anos	3	2	2	2	1	1	-	-	6	5
21 anos	4	1	3	3	-	-	-	-	7	4
22 anos	4	2	-	1	-	-	-	-	4	3
23 anos	6	1	1	2	-	-	-	-	7	3
24 anos	2	2	1	-	-	-	-	-	3	2
25 anos	-	3	1	-	-	-	-	-	1	3
26 anos	2	1	1	2	-	-	-	-	3	3
27 anos	1	4	-	-	-	-	-	-	1	4
28 anos	7	2	1	1	-	-	-	-	8	3
29 anos	2	2	1	-	-	-	-	-	3	2
30 anos	-	1	-	-	-	-	-	-	-	1
31 anos	2	-	-	-	-	-	-	-	2	-
32 anos	-	2	2	-	-	-	-	-	2	2
33 anos	-	1	-	-	-	-	-	-	-	1
34 anos	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
35 anos	1	-	-	-	-	-	-	-	1	-
36 anos	2	3	-	-	-	-	-	-	2	3
37 anos	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
38 anos	-	-	-	1	-	-	-	-	-	1
39 anos	1	-	-	-	-	-	-	-	1	-
40 anos										
e mais	4	2	-	-	-	-	-	-	4	2
TOTAL	60	36	42	36	34	27	1	2	137	101

FONTE: REGISTRO DE ESTRANGEIROS.

ANEXO 5 - DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO ECONOMICAMENTE ATIVA, POR SEXO E OCUPAÇÃO-COMUNIDADE JUDAICA DE CURITIBA.

O C U P A Ç Ã O	1930				1945				1970			
	Masculino		Feminino		Masculino		Feminino		Masculino		Feminino	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Comerciante	130	45,1	7	3,1	202	44,8	34	8,6	193	37,2	84	15,5
Industrial	10	3,5	-	-	22	4,9	-	-	20	3,9	-	-
Profissão Liberal	3	1,0	-	-	34	7,5	13	3,3	118	22,8	75	13,9
Outras Profissões	3	1,0	1	0,4	19	4,2	4	1,0	30	5,8	12	2,2
Indeterminado*	142	49,4	218	96,5	174	38,6	346	87,1	157	30,3	370	68,4
T O T A L	288	100,0	226	100,0	451	100,0	397	100,0	518	100,0	541	100,0

FONTE: ARQUIVO DA ESCOLA ISRAELITA SALOMÃO GUELMAN
ARQUIVO DO CENTRO ISRAELITA DO PARANÁ
REGISTRO DE ESTRANGEIROS

*Entre os indeterminados estão os que não trabalham e os sem informação.

ANEXO 6 CLASSIFICAÇÃO DA POPULAÇÃO POR SEXO, SEGUNDO O GRUPO DE IDADE - COMUNIDADE JUDAICA DE CURITIBA.

Grupos Etários	Anos	1930		1945		1970		Observações
		H	M	H	M	H	M	
0 - 14		198	197	191	202	201	182	crianças
15 - 64		288	226	451	397	518	541	adultos-pessoas ativas
65 e mais		2	3	8	4	45	39	velhos e inativos

FONTE: ARQUIVO DA ESCOLA ISRAELITA SALOMÃO GUELMAN
ARQUIVO DO CENTRO ISRAELITA DO PARANÁ
REGISTRO DE ESTRANGEIROS

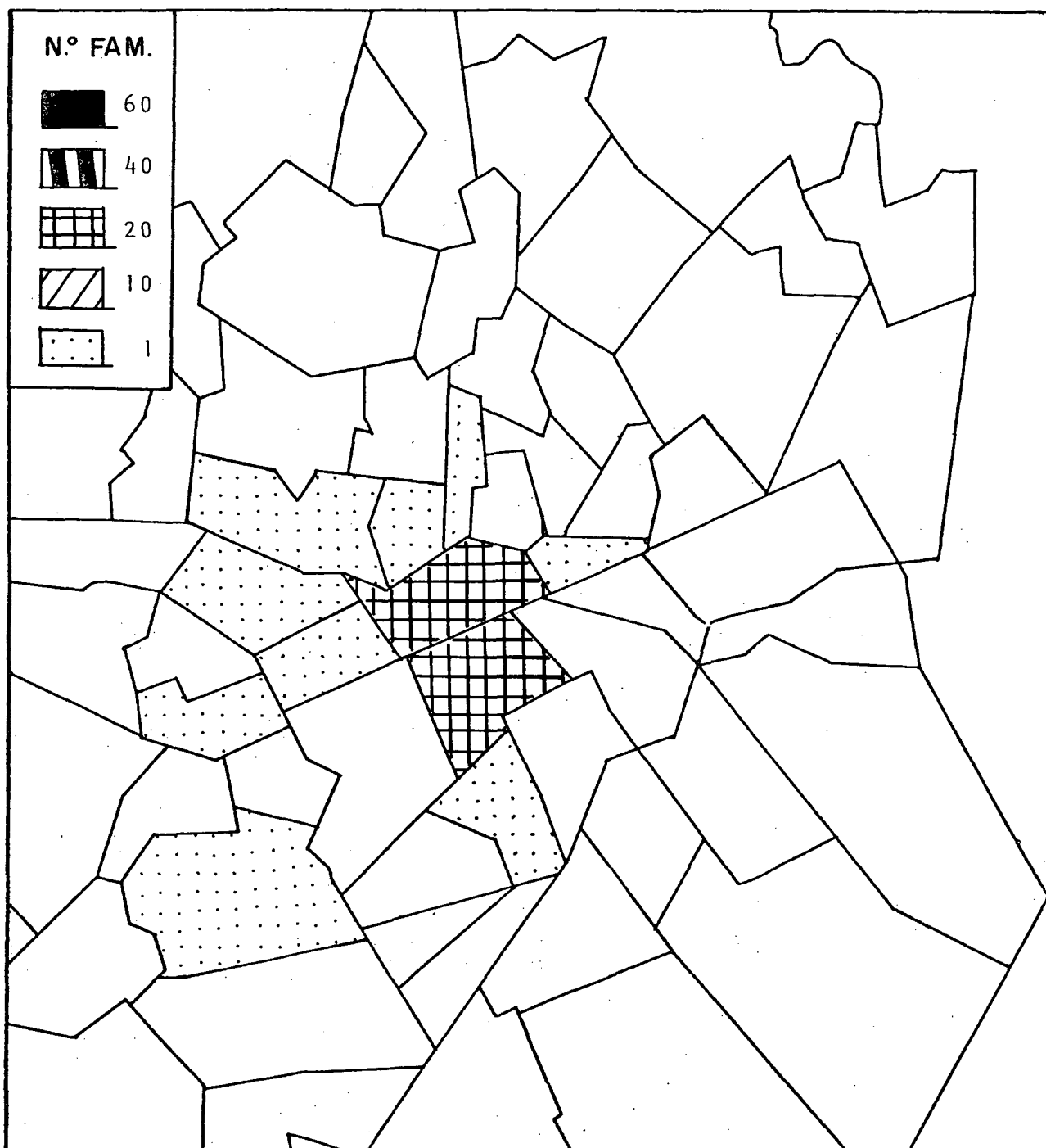
ANEXO 7 - LOCALIZAÇÃO DOS DOMICÍLIOS POR FAMÍLIA, SEGUNDO
OS BAIRROS - COMUNIDADE JUDAICA DE CURITIBA.

BAIRROS	1930		1945		1970	
	nº domi- cÍlios	%	nº domi- cÍlios	%	nº domi- cÍlios	%
CENTRO	34	34,0	60	28,6	68	18,0
REBOUÇAS	34	34,0	73	34,7	69	18,2
SÃO FRANCISCO	5	5,0	16	7,6	15	4,0
MERCÊS	7	7,0	16	7,6	25	6,6
BIGORILHO	6	6,0	7	3,3	25	6,6
BATEL	3	3,0	18	8,6	60	15,9
CRISTO REI	-	-	1	0,5	1	0,3
HUGO LANGE	-	-	-	-	10	2,6
JUVEVÊ	-	-	-	-	8	2,1
ALTO DA GLÓRIA	-	-	1	0,5	8	2,1
CENTRO CÍVICO	2	2,0	3	1,4	5	1,3
SEMINÁRIO	2	2,0	2	1,0	9	2,4
ÁGUA VERDE	-	-	-	-	2	0,5
PAROLIN	1	1,0	3	1,4	8	2,1
CAPANEMA	-	-	-	-	1	0,3
GUABIROTUBA	-	-	-	-	1	0,3
CAJURU	-	-	-	-	1	0,3
JARDIM SOCIAL	-	-	1	0,5	2	0,5
CABRAL	-	-	-	-	1	0,3
AHÚ	-	-	1	0,5	3	0,8
BOM RETIRO	-	-	-	-	2	0,5
PILARZINHO	-	-	-	-	2	0,5
SANTA QUITÉRIA	-	-	-	-	1	0,3
PORTÃO	4	4,0	3	1,4	4	1,1
VILA FANI	-	-	-	-	1	0,3
BACACHERI	-	-	-	-	1	0,3
ALTO DA XV	2	2,0	5	2,4	45	11,8
TOTAL	100	100,0	214	100,0	378	100,0

FONTE: ARQUIVO DA ESCOLA ISRAELITA SALOMÃO GUELMAN
ARQUIVO DO CENTRO ISRAELITA DO PARANÁ
REGISTRO DE ESTRANGEIROS
REGISTRO CIVIL
ENTREVISTAS

Observação: Estão computados somente as famílias para as quais obteve-se informações sobre a localização dos domicÍlios.

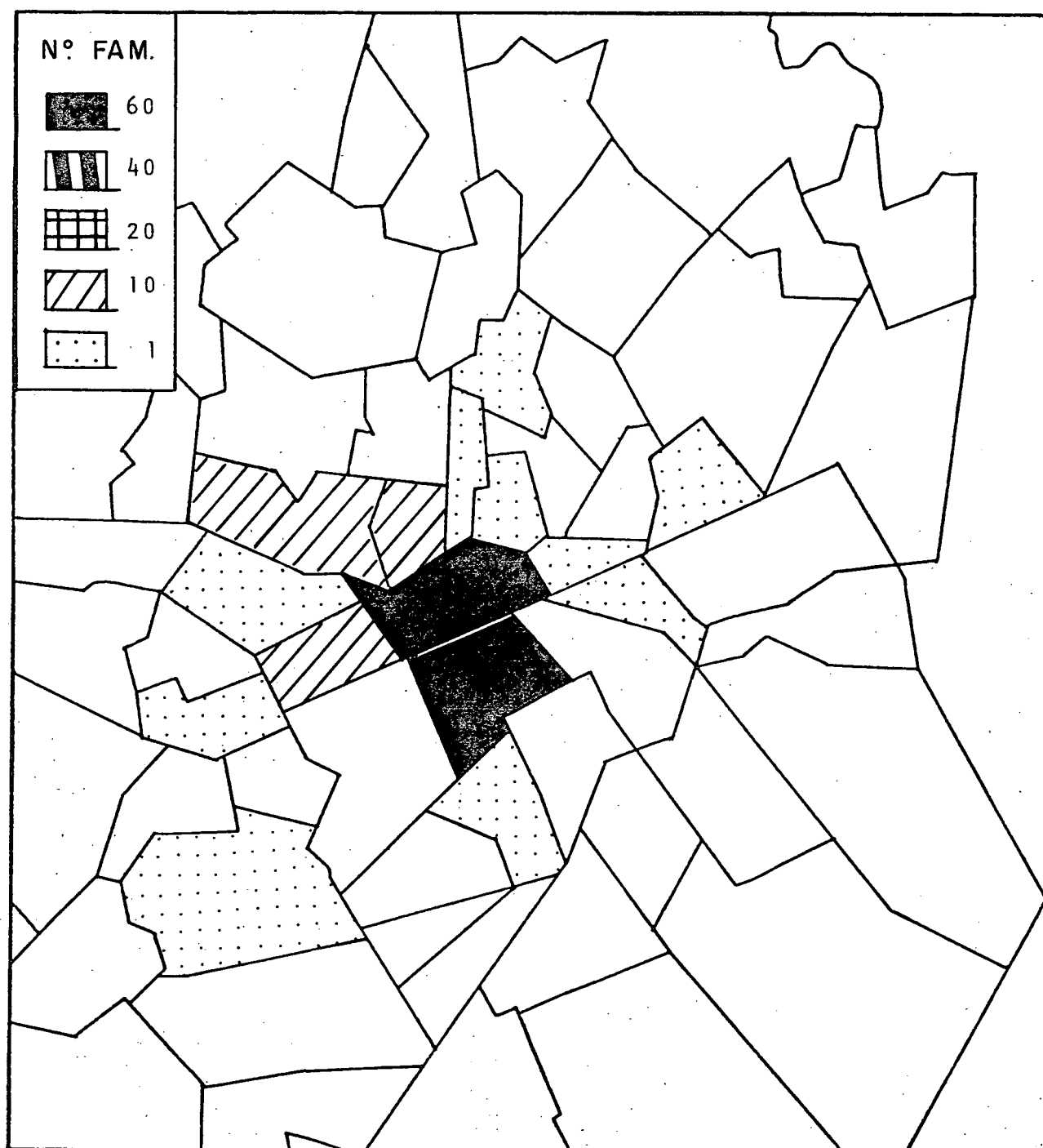
ANEXO 8 - LOCALIZAÇÃO DAS FAMÍLIAS ISRAELITAS NOS BAIRROS DE CURITIBA
1930



FONTES: Arquivo da Escola Israelita Brasileira Salomão Guelmann
Arquivo do Centro Israelita do Paraná
Livro de sócios da União Israelita
Entrevistas

MAPA ELABORADO E DESENHADO PELO PROFESSOR JAYME ANTÔNIO CARDOSO.

ANEXO 9 - LOCALIZAÇÃO DAS FAMÍLIAS ISRAELITAS NOS BAIRROS DE CURITIBA
1945



FONTES: Arquivo da Escola Israelita Brasileira Salomão Guelmann
Arquivo do Centro Israelita do Paraná
Livro de sócios da União Israelita
Entrevistas

MAPA ELABORADO E DESENHADO PELO PROFESSOR JAYME ANTÔNIO CARDOSO.

ANEXO 11 - POPULAÇÃO TOTAL POR LOCALIDADES, SEGUNDO OS ANOS - 1940/70

ANOS	COMUNIDADE JUDAICA DE CURITIBA	CURITIBA	PARANÁ
1940	1.164	140.656	1.236.276
1950	1.352	180.575	2.115.547
1960	1.536	361.309	4.227.763
1970	1.526	533.795	6.929.868

FONTE: ANEXO 12 1940-70 (Comunidade Judaica de Curitiba)
 Censos Demográficos do Paraná - 1940, 1950, 1970 (Curitiba e Paraná)
 Sinopse do Censo Demográfico do Paraná - 1960 (Curitiba e Paraná)

ANEXO 17 - TAXAS GEOMÉTRICAS ANUAIS DE CRESCIMENTO DA POPULAÇÃO TOTAL POR PERÍODOS E LOCALIDADES - 1940-70

PERÍODOS	COMUNIDADE JUDAICA DE CURITIBA	CURITIBA	PARANÁ
1940 - 50	1,51	2,53	5,52
1950 - 60	1,28	7,18	7,29
1960 - 70	(0,07)	3,98	4,94

FONTE: ANEXO 11

ANEXO 18 - IDADE DOS NOIVOS POR OCASIÃO DO CASAMENTO, REALIZADO EM CURITIBA - COMUNIDADE JUDAICA DE CURITIBA - 1889-929

MASCULINO		FEMININO	
Idade	Nº de casamentos	Idade	Nº de casamentos
21	3	16	2
22	2	17	1
23	2	18	1
24	4	19	2
25	3	20	5
26	3	21	3
27	1	22	6
28	4	23	4
29	2	24	3
30	1	25	2
31	3	26	2
32	5	27	2
33	1	29	1
34	1	30	1
55	1	34	1
TOTAL	36	TOTAL	36

FONTE: REGISTRO CIVIL
ARQUIVO DO CENTRO ISRAELITA DO PARANÁ
ARQUIVO DO CEMITÉRIO ISRAELITA.

ANEXO 19 - IDADE DOS NOIVOS POR OCASIÃO DO CASAMENTO, REALIZADO EM CURITIBA - COMUNIDADES JUDAICA DE CURITIBA - 1930-44

MASCULINO		FEMININO	
Idade	Nº de casamentos	Idade	Nº de casamentos
20	5	16	6
21	1	17	1
22	2	18	5
23	2	19	8
24	8	20	9
25	7	21	5
26	7	22	6
27	7	23	4
28	9	24	1
29	5	25	10
30	3	26	4
31	2	27	3
32	4	28	2
33	1	29	1
34	2	30	3
35	5	31	3
36	2	32	1
40	1	34	1
42	1	35	2
46	1	36	1
48	1	39	1
52	1	-	-
TOTAL	77	TOTAL	77

FONTE: REGISTRO CIVIL.
ARQUIVO DO CENTRO ISRAELITA DO PARANÁ
ARQUIVO DO CEMITÉRIO ISRAELITA.

ANEXO 20 - IDADE DOS NOIVOS POR OCASIÃO DO CASAMENTO, REALIZADO EM CURITIBA - COMUNIDADE JUDAICA DE CURITIBA - 1945-59

MASCULINO		FEMININO	
Idade	Nº de casamentos	Idade	Nº de casamentos
18	2	16	1
20	6	17	11
21	8	18	5
22	10	19	16
23	19	20	16
24	14	21	18
25	16	22	14
26	5	23	15
27	8	24	5
28	8	25	13
29	10	26	7
30	3	27	3
31	4	28	3
32	3	29	1
33	2	30	2
34	3	31	1
35	3	38	1
36	3	-	-
37	1	-	-
38	1	-	-
40	1	-	-
47	1	-	-
48	1	-	-
TOTAL	132	TOTAL	132

FONTE: REGISTRO CIVIL
ARQUIVO DO CENTRO ISRAELITA DO PARANÁ
ARQUIVO DO CEMITÉRIO ISRAELITA.

ANEXO 21. - IDADE DOS NOIVOS POR OCASIÃO DO CASAMENTO, REALIZADO EM CURITIBA - COMUNIDADE JUDAICA DE CURITIBA - 1960-70

MASCULINO		FEMININO	
Idades	Nº de casamento	Idade	Nº de casamento
20	1	16	1
21	7	17	1
22	6	18	10
23	10	19	13
24	6	20	15
25	14	21	9
26	6	22	8
27	7	23	11
28	6	24	4
29	7	25	1
30	3	26	3
31	3	27	3
32	2	28	1
33	2	29	2
34	1	30	1
35	3	31	2
36	2	32	1
37	2	33	1
45	1	34	1
-	-	39	1
TOTAL	89	TOTAL	89

FONTE: REGISTRO CIVIL.

ARQUIVO DO CENTRO ISRAELITA DO PARANÁ.

ARQUIVO DO CEMITÉRIO ISRAELITA.

ANEXO 22 - IDADE MÉDIA DOS NOIVOS POR OCASIÃO DO CASAMENTO
REALIZADO EM CURITIBA - COMUNIDADE JUDAICA DE CU-
RITIBA - 1889 - 970

PERÍODOS	IDADES MÉDIAS	
	Masculino	Feminino
1889 - 929	27,9	22,6
1930 - 44	28,6	23,4
1945 - 59	26,3	22,0
1960 - 70	26,8	22,2
1889 - 70	27,1	22,4

FONTE: ANEXOS 18, 19, 20 e 21

ANEXO 23 - IDADE DOS NOIVOS POR OCASIÃO DO CASAMENTO, REALIZADO FORA DE CURITIBA - COMUNIDADE JUDAICA DE CURITIBA - 1889-929

MASCULINO		FEMININO	
Idade	Nº de Casamento	Idade	Nº de Casamento
18	2	15	1
19	4	16	5
20	5	17	3
21	4	18	7
22	2	19	11
23	13	20	12
24	14	21	5
25	10	22	10
26	18	23	10
27	6	24	15
28	3	25	9
29	5	26	4
30	5	27	2
31	3	28	3
32	2	29	3
33	1	30	2
35	4	-	-
38	1	-	-
TOTAL	102	TOTAL	102

FONTE: REGISTRO CIVIL
ARQUIVO DO CENTRO ISRAELITA DO PARANÁ
ARQUIVO DO CEMITÉRIO ISRAELITA

ANEXO 24 - IDADE DOS NOIVOS POR OCASIÃO DO CASAMENTO, REALIZADO FORA DE CURITIBA - COMUNIDADE JUDAICA DE CURITIBA - 1930-44

MASCULINO		FEMININO	
Idade	Nº de casamento	Idade	Nº de casamento
17	1	15	1
18	1	17	1
20	2	18	5
21	4	19	5
22	1	20	4
23	1	21	3
24	4	22	6
25	6	23	1
26	4	24	6
27	6	25	2
28	5	26	6
29	4	27	3
30	1	30	2
32	1	31	1
33	1	-	-
34	1	-	-
36	1	-	-
40	1	-	-
41	1	-	-
TOTAL	46	TOTAL	46

FONTE: REGISTRO CIVIL
ARQUIVO DO CENTRO ISRAELITA DO PARANÁ
ARQUIVO DO CEMITÉRIO ISRAELITA

ANEXO 25 - IDADE DOS NOIVOS POR OCASIÃO DO CASAMENTO, REALIZADO FORA DE CURITIBA - COMUNIDADE JUDAICA DE CURITIBA - 1945-59

MASCULINO		FEMININO	
Idade	Nº de casamento	Idade	Nº de casamento
19	1	16	2
21	1	17	2
22	3	18	3
23	5	19	4
24	4	20	6
25	1	21	4
26	3	22	2
27	4	23	8
28	4	24	3
29	1	25	4
30	7	26	2
31	2	27	2
32	1	28	3
34	3	30	1
35	2	31	1
37	1	32	1
38	2	34	1
40	2	-	-
44	2	-	-
TOTAL	49	TOTAL	49

FONTE: REGISTRO CIVIL
ARQUIVO DO CENTRO ISRAELITA DO PARANÁ
ARQUIVO DO CEMITÉRIO ISRAELITA

ANEXO 26 - IDADE DOS NOIVOS POR OCASIÃO DO CASAMENTO, REALIZADO FORA DE CURITIBA - COMUNIDADE JUDAICA DE CURITIBA - 1960-70

MASCULINO		FEMININO	
Idade	Nº de casamento	Idade	Nº de casamento
21	1	17	1
22	1	18	1
23	1	20	2
24	2	21	4
25	1	23	2
26	1	24	5
27	3	31	1
28	1	33	1
29	1	-	-
30	1	-	-
32	1	-	-
33	1	-	-
35	1	-	-
43	1	-	-
TOTAL	17	TOTAL	17

FONTE: REGISTRO CIVIL
 ARQUIVO DO CENTRO ISRAELITA DO PARANÁ
 ARQUIVO DO CEMITÉRIO ISRAELITA

ANEXO 27 - IDADE MÉDIA DOS NOIVOS POR OCASIÃO DO CASAMENTO, REALIZADO FORA DE CURITIBA - COMUNIDADE JUDAICA DE CURITIBA - 1889-970

PERÍODO	IDADE MÉDIA	
	Masculino	Feminino
1889-929	25,5	22,1
1930-44	26,4	22,5
1945-59	28,5	22,8
1960-70	28,0	22,9
1888-970	26,5	22,3

FONTE: ANEXOS, 23, 24, 25 e 26

ANEXO 28 - NÚMERO DE NASCIDOS VIVOS REGISTRADOS EM CURITIBA, POR SEXO E ANO - COMUNIDADE JUDAICA DE CURITIBA - 1889-1970.

ANO	MASCU- LINO	FEMINI- NO	TOTAL	ANO	MASCU- LINO	FEMINI- NO	TOTAL
1891	-	1	1	1934	4	6	10
1898	1	-	1	1935	7	3	10
1899	-	1	1	1936	4	10	14
1900	-	-	-	1937	8	13	21
1901	-	1	1	1938	7	11	18
1902	-	-	-	1939	8	7	15
1903	-	1	1	1940	5	7	12
1904	-	-	-	1941	7	10	17
1905	-	-	-	1942	9	4	13
1906	-	-	-	1943	8	3	11
1907	-	1	1	1944	9	4	13
1908	-	1	1	1945	7	4	11
1909	-	1	1	1946	12	10	22
1910	1	2	3	1947	7	10	17
1911	-	-	-	1948	10	8	18
1912	1	2	3	1949	12	9	21
1913	-	-	-	1950	5	10	15
1914	5	2	7	1951	12	13	25
1915	-	1	1	1952	19	10	29
1916	2	3	5	1953	15	10	25
1917	2	-	2	1954	17	12	29
1918	-	-	-	1955	17	16	33
1919	-	3	3	1956	17	13	30
1920	2	-	2	1957	18	11	29
1921	3	2	5	1958	13	9	22
1922	4	2	6	1959	18	16	34
1923	3	-	3	1960	16	14	30
1924	3	2	5	1961	17	15	32
1925	5	4	9	1962	14	9	23
1926	5	5	10	1963	17	13	30
1927	6	4	10	1964	10	11	21
1928	7	7	14	1965	11	10	21
1929	8	8	16	1966	10	9	19
1930	5	5	10	1967	11	7	18
1931	7	5	12	1968	7	10	17
1932	5	7	12	1969	10	11	21
1933	8	6	14	1970	4	6	10

FONTE: REGISTRO CIVIL

ANEXO 29 - TOTAL DE CASAIS PESQUISADOS, POR SEXO, SEGUNDO
LOCAL DE NASCIMENTO - COMUNIDADE JUDAICA DE CURITIBA - 1889 - 1970

LOCAL DE NASCIMENTO	MASCULINO		FEMININO	
	Nº	%	Nº	%
Curitiba	104	18,2	160	28,1
Outras regiões do Brasil	95	16,7	104	18,2
Demais países da América Latina	20	3,5	13	2,3
Europa Oriental	317	55,6	263	46,1
Europa Ocidental	24	4,2	23	4,0
América do Norte	-	-	1	0,2
Israel	3	0,5	1	0,2
Países Orientais	6	1,1	4	0,7
Indeterminados	1	0,2	1	0,2
T O T A L	570	100,0	570	100,0

FONTE: ANEXOS 30, 31, 32 e 33

ANEXO 30 - NÚMERO DE CASAS PESQUISADOS, POR SEXO E LOCAL DE NASCIMENTO - COMUNIDADE JUDAICA DE CURITIBA - 1889-929

F E M I N I N O	M A S C U L I N O									
	Curitiba	Outras Regiões do Brasil	Demais Países da América Latina	Europa Oriental	Europa Ocidental	América do Norte	Israel	Países Orientais	Indeterminados	TOTAL
Curitiba	1	-	-	7	-	-	-	-	-	8
Outra Região do Sul	1	1	-	-	-	-	-	-	-	2
Demais Países da América Latina	-	-	-	2	-	-	-	-	-	2
Europa Oriental	-	-	-	128	-	-	-	-	-	128
Europa Ocidental	-	-	-	3	1	-	-	-	-	4
América do Norte	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Israel	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Países Orientais	-	-	-	-	-	-	-	2	-	2
Indeterminados	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
T O T A L	2	1	-	140	1	-	-	2	-	146

161

FONTE: REGISTRO DE ESTRANGEIROS
REGISTRO CIVIL

ANEXO 31 - NÚMERO DE CASAS PESQUISADOS, POR SEXO E LOCAL DE NASCIMENTO - COMUNIDADE JUDAICA DE CURITIBA - 1930-44

F E M I N I N O	M A S C U L I N O									
	Curitiba	Outras Regiões do Brasil	Demais Países da América Latina	Europa Oriental	Europa Ocidental	América do Norte	Israel	Países Orientais	Indeterminados	TOTAL
Curitiba	3	7	1	9	1	-	-	-	-	21
Outras Regiões do Brasil	-	4	2	9	1	-	-	-	-	16
Demais Países da América Latina	-	1	1	1	-	-	-	-	-	3
Europa Oriental	3	3	1	76	4	-	-	-	-	87
Europa Ocidental	1	-	-	-	6	-	-	-	-	7
América do Norte	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Israel	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Países Orientais	-	-	-	-	-	-	-	2	-	2
Indeterminados	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-
T O T A L	7	15	5	95	12	-	-	2	1	137

ANEXO 32 - NÚMERO DE CASAS PESQUISADOS, POR SEXO E LOCAL DE NASCIMENTO - COMUNIDADE JUDAICA DE CURITIBA - 1945-59

F E M I N I N O	M A S C U L I N O								
	Curitiba	Outras Regiões do Brasil	Demais Países da América Latina	Europa Oriental	Europa Ocidental	América do Norte	Israel	Países Orientais	Indeterminados
Curitiba	23	30	2	16	2	-	-	-	73
Outras Regiões do Brasil	21	11	3	16	3	-	-	-	54
Demais Países da América Latina	-	-	1	2	-	-	-	-	3
Europa Oriental	3	2	2	26	-	-	1	-	34
Europa Ocidental	2	2	-	3	2	-	-	-	9
América do Norte	1	-	-	-	-	-	-	-	1
Israel	-	-	-	1	-	-	-	-	1
Países Orientais	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Indeterminados	-	-	-	-	-	-	-	-	-
T O T A L	50	45	8	64	7	-	1	-	175

FONTE: REGISTRO DE ESTRANGEIROS
REGISTRO CIVIL

ANEXO 33 - NÚMERO DE CASAS PESQUISADOS, POR SEXO E LOCAL DE NASCIMENTO - COMUNIDADE JUDAICA DE CURITIBA - 1960-70

F E M I N I N O	M A S C U L I N O									TOTAL
	Curitiba	Outras Regiões do Brasil	Demais Países da América Latina	Europa Oriental	Europa Ocidental	América do Norte	Israel	Países Orientais	Indeterminados	
Curitiba	22	21	3	4	4	-	2	2	-	58
Outras Regiões do Brasil	17	8	1	6	-	-	-	-	-	32
Demais Países da América Latina	1	1	1	2	-	-	-	-	-	5
Europa Oriental	2	4	2	6	-	-	-	-	-	14
Europa Ocidental	3	-	-	-	-	-	-	-	-	3
América do Norte	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Israel	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Países Orientais	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Indeterminados	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
T O T A L	45	34	7	18	4	-	2	2	-	112

FONTE: REGISTRO DE ESTRANGEIROS
REGISTRO CIVIL

ANEXO 34 - ÚLTIMA OBSERVAÇÃO - COMUNIDADE JUDAICA DE CURITIBA - 1889-970

C A U S A	1889-929		1930-44		1945-70		TOTAL	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Morte	104	18,2	35	6,1	14	2,5	153	26,8
Migração	4	0,7	15	2,6	39	6,8	58	10,2
Separação	2	0,4	3	0,5	3	0,5	8	1,4
Emigração	1	0,2	2	0,4	9	1,6	12	2,1
Final da Pesquisa	35	6,1	82	14,4	222	39,0	339	59,5
T O T A L	146	25,6	137	24,0	287	50,4	570	100,0

FONTE: ASSOCIADOS DO CEMITÉRIO ISRAELITA DO PARANÁ
REGISTRO DE ESTRANGEIROS
REVISTRO CIVIL

1939

Matricula dos alunos

NOMES	IDADES		NATURALIDADE	FILIAÇÃO	Profissão e nacionalidade do pai
	Dia	Mês			
Celia Pacioznic	19	oct.	1931 Brasil	Max Pacioznic	Comerc - Pol.
Celia Tchjick	7	dez.	1930 Brasil	José Tchjick	Operario - Pol.
Hansrid Zilberstein	23	Mayo	1931 Alemanha	Jose Zilberstein	Comerc - Pol.
Paul Gariz	20	Janaro	1930 Brasil	Luiz Gariz	Comerc - Pol.
Ester Voller	21	Janaro	1930 Polónia	Samuel Voller	Comerc - Pol.
Miguel Voller	21	Fevero	1931 Polónia	Samuel Voller	Comerc - Pol.
Flore Resnick	21	Janaro	1930 Polónia	Leon Resnick	Comerc - Pol.
Mary Brandon	17	Junho	1931 Brasil	Salomon Brandon	Comerc - Pol.
Joac Zender	24	Agosto	1930 Brasil	Israel Zender	Comerc - Pol.
Salma Chamichsky	23	Novembro	1929 Polónia	Attila Chamichsky	Comerc - Pol.
Jagme Boies	11	Fevero	1931 Polónia	Moyse Boies	Comerc - Pol.
Assi Karmu	3	agosto	1932 Brasil	Salomon Karmu	Comerc - Pol.
Gery Sandelmann	17	Julho	1933 Polónia	Julio Sandelmann	Operario - Pol.
Berta Sandelmann	7	Fevero	1931 Polónia	Julio Sandelmann	"
Ana Guelmann	15	Setembro	1930 Brasil	Tabias Guelmann	Comerc - Pol.
Gela Chamichsky	15	Maio	1930 Brasil	Salomon Chamichsky	Comerc - Pol.
Lea Sidramier	24	Junho	1930 Brasil	Joac Sidramier	Operario - Pol.
Esther Sidramier	6	agosto	1931 Brasil	"	"
German Elunberg	2	Janaro	1931 Brasil	Fany Elunberg	Operario - Pol.
Henro Ende	15	Novembro	1930 Brasil	Samuel Ende	Comerc - Pol.
Chira Ende	2	Fevero	1931 Polónia	"	"
Gery Berger	2	Maio	1932 Brasil	Max Berger	Comerc - Pol.
Medica Pindel	26	agosto	1933 Brasil	Moisés Pindel	Comerc - Pol.
Janita Schala	15	Janaro	1932 Brasil	Maximilian Schala	Comerc - Brasil
Wella Zokner	4	Janaro	1932 Brasil	Lipe Zokner	Comerc - Pol.
Gracia Arantim	24	Fevero	1931 Brasil	Salomão Arantim	Comerc - Pol.
Wella Ancieles	20	Maio	1934 Brasil	Luiz Ancieles	Comerc - Pol.
Leonora Azeis	22	Abrial	1933 Brasil	"	Comerc - Pol.
Samuel Teig	29	Abrial	1934 Polónia	Jagme - X. Teig	Comerc - Pol.
Milanto Gams	4	Janaro	1930 Brasil	Hilton Gams	Operario - Pol.

da Escola Israelita Brasileira, Salomão Guelmann

RESIDÊNCIA	ÉPOCAS DAS INSCRIÇÕES				Ano do Curso	ELIMINAÇÃO			
	Na matrícula primitiva		Na matrícula de ano letivo			Data		Causas	
	Dia	Mês	Dia	Mês		Dia	Mês		
1 Agost 1931	13	Jan.	1931		2º				
2 11 de Setembro, 1931					4º				
3 2 de Setembro, 1931					2º				
4 M.F. Pereira, 1931					3º				
5 2 de Setembro, 1931					3º				
6					2º				
7 Colombari, 1931					4º				
8 M. Cruzes, 1931					4º				
9 Cruz, Lacerda, 1931					2º				
10 2 de Setembro, 1931	24	Janaro	1931		3º				
11 Carlos do Carmo, 1931					2º				
12 Lacerda, 1931					1º				
13 V. Guayana, 1931	25	Janaro	1931		Justa				
14					Justa				
15 V. Guayana, 1931					Justa				
16 Ypally, 1931					3º				
17 Cruz, Bernades, 1931					2º				
18					2º				
19 São Francisco, 1931					Justa				
20					3º				
21					2º				
22 Cruz, Bernades, 1931					2º				
23					1º				
24 B. do Rio Branco, 1931					1º				
25 2 de Setembro, 1931					1º				
26 M. Cruzes, 1931					1º				
27 V. Guayana, 1931					Justa				
28					3º				
29 Jaguaply, 1931					4º				
30 V. Guayana, 1931					1º				

1940

Matricula dos alunos

NOMES	IDADES		NATURALIDADE	FILIAÇÃO	Profissão e nacionalidade do pai
	Idade	Ano			
1. Hampel Zickerspitzy	23	março 1913	Alman	João Zickerspitzy	Comerc. - Polonês
2. Paul Preis	20	janho 1910	Pratense	Luís Preis	Comerc. - Polonês
3. Celso Pacornick	19	outubro 1911	Polonês	Max Pacornick	Com. - Polonês
4. Bernardo Pacornick	1	janho 1910	Pratense	Leon Pacornick	Com. - Polonês
5. Helena Pacornick	2	março 1910	Pratense	João Pacornick	Com. - Polonês
6. Geni Sarin	1	outubro 1912	Pratense	Adolfo Sarin	Com. - Polonês
7. Leif Schjick	17	dezembro 1914	Pratense	Jose Schjick	Industria - Polonês
8. Jope Kurnin	3	april 1913	Pratense	Salomon Kurnin	Com. - Polonês
9. Mauro Pacornick	14	março 1910	Pratense	Samuel Pacornick	Industria - Polonês
10. Gora Zender	24	março 1913	Pratense	Israel Zender	Com. - Polonês
11. Marcos Epstein	10	outubro 1913	Polonês	Nelson Epstein	Viagem - Polonês
12. Leo Epstein	4	julho 1913	Pratense	Nelson Epstein	Viagem - Polonês
13. Veda Chamickopy	15	março 1913	Pratense	Salomon Chamickopy	Com. - Polonês
14. Salomita Spierman	26	março 1913	Pratense	Maurique Spierman	Com. - Polonês
15. Elber Pinnel	26	março 1913	Pratense	Maurice Pinnel	Com. - Polonês
16. Santa Sokara	17	janho 1913	Pratense	Mauricio Sokara	Com. - Polonês
17. Geni Goldsmann	17	julho 1911	Polonês	Julio Goldsmann	Operário - Polonês
18. Berta Goldsmann	7	fevereiro 1913	Polonês	Maurice Goldsmann	Com. - Polonês
19. Bernardo Tracht	24	fevereiro 1914	Pratense	Maurice Tracht	Com. - Polonês
20. Gora Ende	18	julho 1916	Polonês	Sangor Ende	Com. - Polonês
21. Mauro Ende	15	março 1913	Pratense	Mauro Ende	Com. - Polonês
22. Gora Zickerman	24	junho 1910	Pratense	Mauro Zickerman	Com. - Polonês
23. Esther Zickerman	6	agosto 1911	Pratense	Mauro Zickerman	Com. - Polonês
24. Emanuel Dely	5	março 1914	Pratense	Mauro Dely	Com. - Polonês
25. Alvaro Dely	3	setembro 1912	Pratense	Mauro Dely	Com. - Polonês
26. Esther Waller	31	janho 1910	Polonês	Samuel Waller	Com. - Polonês
27. Emanuel Waller	27	fevereiro 1911	Polonês	Samuel Waller	Com. - Polonês
28. Felix Lerner	13	janho 1915	Pratense	Felix Lerner	Com. - Polonês
29. Mauris Furs	21	outubro 1916	Polonês	Miguel Furs	Com. - Polonês
30. Geni Burger	2	março 1912	Pratense	Max Burger	Com. - Polonês

1940

do Primario e do Jardim

RESIDÊNCIA	ÉPOCAS DAS INSCRIÇÕES						ELIMINAÇÃO	
	Na matrícula definitiva			Na matrícula de re-entrada			Data	Causas
	Idade	Ano	Idade	Ano	Ano			
1. H. de Setembro, 1910	32	janho 1910						
2. M. F. Perito, 1910	42							
3. Augusto de S. S. 1910	42							
4. Colombo, 1910	32							
5. M. Jaime, 1910	32							
6. A. de A. Branco, 1910	12							
7. S. L. Jardim, 1910	42							
8. L. L. Jardim, 1910	22							
9. P. L. de Setembro, 1910	42							
10. Cond. L. L. L. 1910	32							
11. Alfredo, 1910	42							
12. Ignácio, 1910	42							
13. M. F. Perito, 1910	42							
14. A. de A. Branco, 1910	12							
15. A. de A. Branco, 1910	22							
16. A. de A. Branco, 1910	32							
17. P. L. de Setembro, 1910	42							
18. L. L. L. 1910	42							
19. L. L. L. 1910	42							
20. L. L. L. 1910	42							
21. L. L. L. 1910	42							
22. L. L. L. 1910	42							
23. L. L. L. 1910	42							
24. L. L. L. 1910	42							
25. L. L. L. 1910	42							
26. L. L. L. 1910	42							
27. L. L. L. 1910	42							
28. L. L. L. 1910	42							
29. L. L. L. 1910	42							
30. L. L. L. 1910	42							

ANEXO 41 - FICHA DE LEVANTAMENTO DE DADOS

FICHA N.º 1548	ANO 1933		
NOMES		FILIAÇÃO	
MARIDO	BLUMBERG	NOME	Jonas
casamento: 01/09/1932 Horodlo - Polónia			
MULHER	GROISMANN	NOME	Clara
ORIGEM		DATA DE NASC.	
MARIDO	Polonesa	07 04 1906	
MULHER	Polonesa	13 06 1909	
		DATA D/ CHEGADA	
		18 01 1933	
		18 01 1933	
		DATA DE NATURALIZ.	
		27 02 1945	
		27 02 1945	
ENDS.		Data d/Obs.	
Alberes Poli, 114 - nos anos 1933 a 1945		1975	
Buenos Aires, 384 - nos anos de 1946 a 1958		DADOS FICTÍCIOS	
FILHOS		NATURALIZAÇÃO	
SOBRENOME		NACIONALIDADE	
BLUMBERG		Curitiba	
BLUMBERG		Curitiba	
Margar		13 01 1935	
Ruth		17 02 1938	
Final de observação do marido em 17/08/1958 quando faleceu.		Data d/Obs.	
Final de observação da mulher em 1971 nos Registos da Polícia		1942	
Israelita.		1945	
OBS.			